REVISTA DA SEMANA

N.º 29 ★ 21-7-51 CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



SOC. HERMES LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

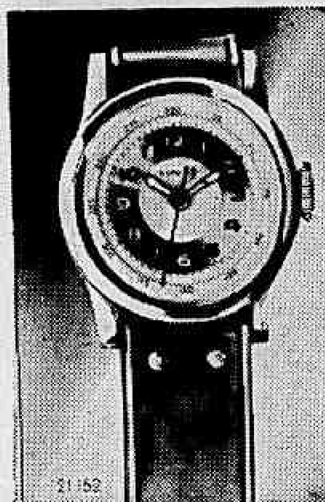
RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINUAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

C. POSTAL, 3411-RIO DE JANEIRO-TELEGR. "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL





21.162 - Relógio esportivo, cromado, com máquina sistema Roskopf, mostradores variados, ponteiro de segundos no centro. Preço especial. Cr$ 95,00

15.862 - Caixa inteiramente cromada, bôa máquina sistema Roskopf, mostradores variados; pulseira plástica. Oferta especial. Cr$ 83,00

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central. Oferta de propaganda. Cr$ 150,00

48.362 - Calendário! Indica hora e dia! Caixa esportiva, cromada, c/ fundo fôsco, máquina suiça, sistema Roskopf, mostrador claro; pulseira elástica, de aço inoxidável. Oferta vantajosissima. Cr$ 240,00

82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda. Certificado de Garantia. Cr$ 370,00

83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Ancora com 15 Rubis, amplamente garantida. Vidro lente. Belo adôrno por preço todo especial. Certificado de Garantia. Cr$ 595,00

55.462 - Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra fina, fundo de aço inoxidavel, superior máquina de Ancora, de precisão, com 17 Rubis; ANTIMAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês. Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês. Certificado de Garantia. Um belissimo adôrno de grande utilidade! Cr$ 985,00

36.462 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, números e ponteiros luminosos. Oferta de propaganda. Cr$ 110,00

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos. Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável. Oferta especial. Cr$ 195,00

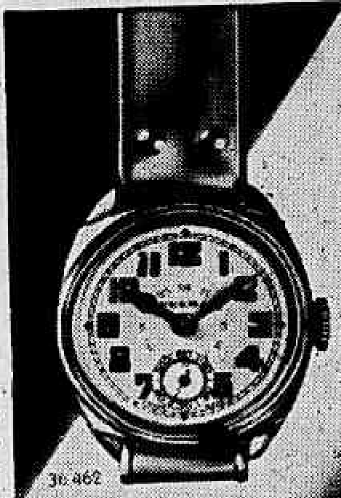
36.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos; com bonita pulseira cromada. Preço todo especial. Cr$ 130,00

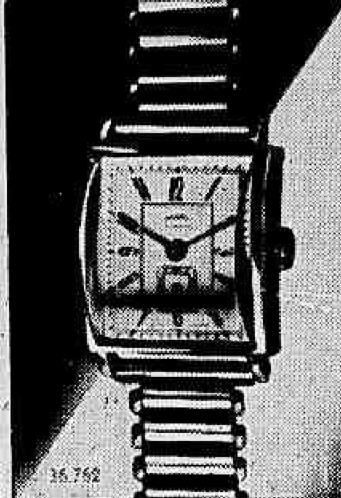
55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Ancora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO ponteiro de segundos. Certificado de Garantia. Preço vantajosissimo. Cr$ 398,00

83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis. Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente. Dispõe de pulseira inteiramente folheada. Bela apresentação. Certificado de Garantia. Oferta de propaganda. Cr$ 490,00

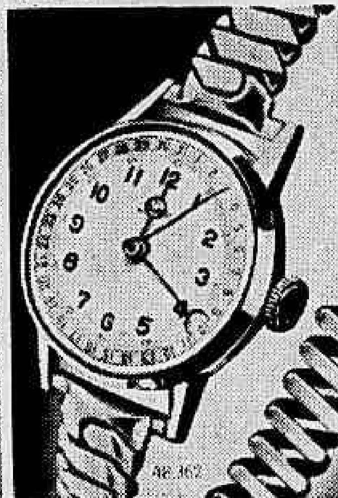
65.662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro, fundo cromado, fôsco, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, mostradores variados. Cordonet de seda. Cr$ 230,00

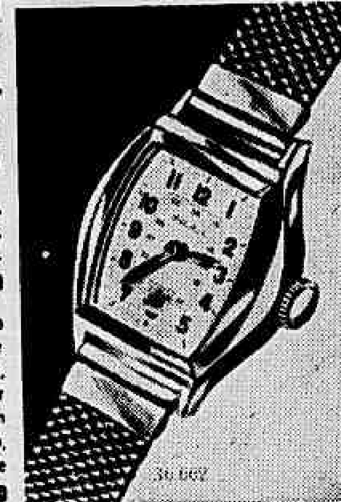
46.462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça c/ 15 Rubis, IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ mola no centro. Certificado de Garantia. Oferta vantajosissima. Cr$ 438,00



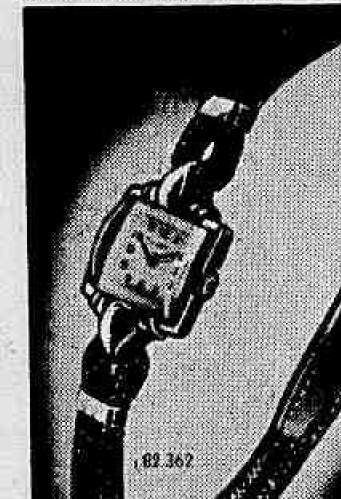


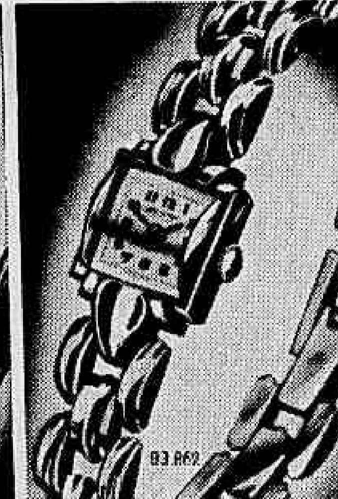




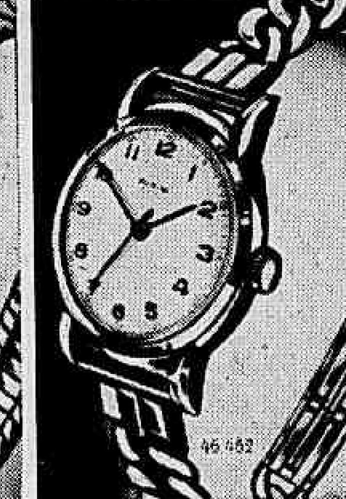


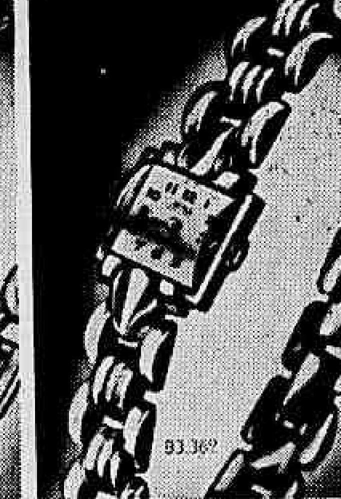


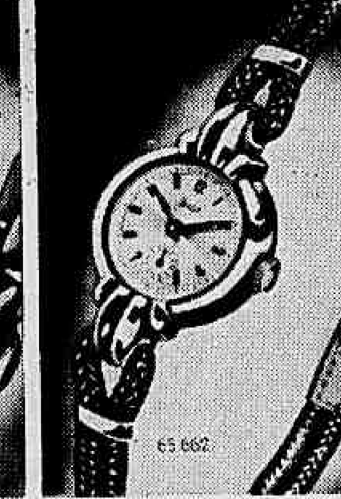
















51.662 - Apresentação belissima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade. Certificado de Garantia. Uma bela jóia por preço especial. Cr$ 438,00

57.761 - Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante", folheada à ouro, fundo de aço inoxidavel, máquina finissima de Ancora, de precisão, com 15 Rubis. AUTOMÁTICO (da corda a si mesmo). ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central. Moderna pulseira estensivel, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior. Certificado de Garantia. Cr$ 890,00

47.162 - Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada, reforçada, com máquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA. Preço de propaganda. Cr$ 218,00

50.562 - Bonita caixa cromada, fundo de aço inox., bôa maquina suiça, com 15 Rubis, elegante, mostrador claro, numeração dourada. Oferta especial. Cr$ 255,00

50.262 - Mesmo modêlo, com caixa folheada a ouro, fundo de aço inox. Cr$ 298,00

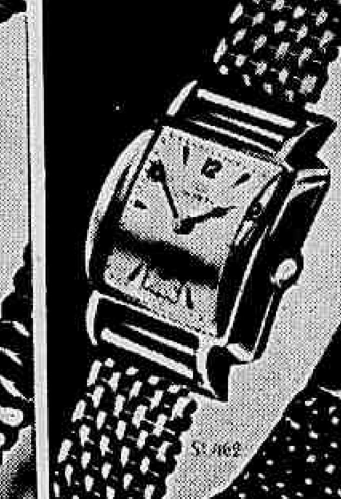
51.262 - Calendário! Indica hora e dia. Caixa folheada a ouro, de fina espessura, fundo de aço inox., superior máquina de Ancora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados; c/ excelente pulseira estensivel, folheada a ouro, tipo Royal fundo de aço inoxidável. Certificado de Garantia. Cr$ 620,00

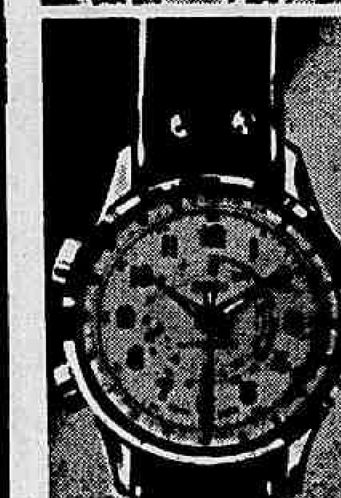
51.462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina maquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos; bonita pulseira folheada. Fornecido com Certificado de Garantia. Cr$ 375,00

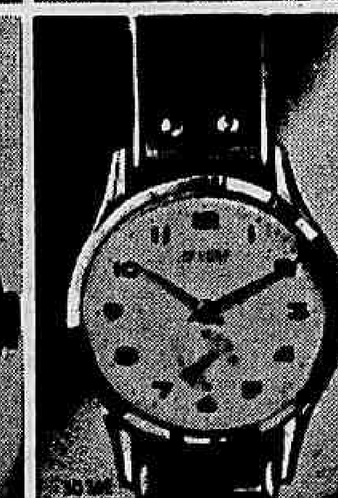
12.962 - Relógio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada, superior maquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras. Certificado de Garantia. Cr$ 475,00

11.562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradavel. Dispositivo para colocar na mesa. De grande utilidade. Preço vantajoso. Cr$ 250,00

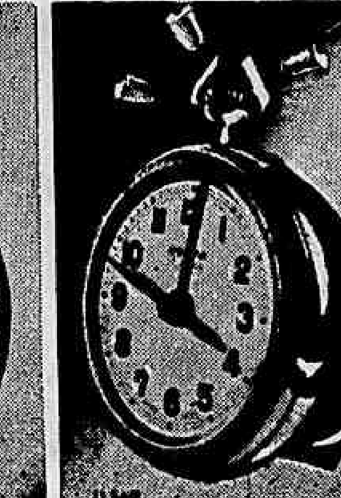












ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. HERMES LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

CUPUM

NOME ______

RUA ______

CIDADE ______ ESTADO ______

"REVISTA DA SEMANA" INVESTIGA O ASSUNTO NA CAPITAL DE PERNAMBUCO ★ "ÊLE NÃO PODERÁ AINDA BAIXAR, APESAR DE JÁ ESTAR ESCLARECIDO" ★ "SEU CARINHO, ZÊLO E CUIDADO PRENDEM-SE EXCLUSIVAMENTE AOS QUERIDOS DA FAMÍLIA E AO SEU ELEVADÍSSIMO PROJETO" ★ MAS "NÃO TEMOS O DIREITO DE VACILAR COM RELAÇÃO À IDONEIDADE MEDIÚNICA DOS NOSSOS IRMÃOS" ★ CURIOSÍSSIMAS REVELAÇÕES ★ ...E A INCÓGNITA PREVALECE!

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA



Na parede do Núcleo, o clássico retrato de Allan Kardec.

OS primeiros murmúrios surgiram aqui no Rio, três semanas após o desenlace: Em um centro espírita da Paraíba, onde acabava de ser dado à sepultura, teria baixado o médico-mártir, comunicando-se com os sêres vivos e transmitindo uma comovente mensagem de fé. Não ligamos importância ao fato e com certeza tudo teria caído no esquecimento se dias passados o consta não voltasse à baila, desta vez, comentado por outra fonte: com uma variante, o fenômeno estaria ocorrendo não mais no Estado natal de Napoleão Laureano, mas em Pernambuco. Precisamente num núcleo espírita do Recife, cidade onde se encontrava enfêrma a viúva do pranteado médico. Ainda então deixamos o assunto de lado, considerando-o como provável fruto de imaginação ou, quem sabe, alguma torpe exploração ou invencionice por todos os títulos condenável.

A verdade é que nos dias imediatos sucessivamente outras pessoas recém-vindas do norte aludiam ao episódio e claro que o senso profissional acabou por impor-nos o dever de colocar tudo em pratos limpos. Verdade ou não, fundamentada ou falsa a notícia, era preciso recolher na fonte de origem o que porventura existisse — e esclarecer o público.

Rumamos para o norte.

★

Foi no Recife que algo a respeito encontramos. Não precisamente o que se deveria esperar — a confirmação tácita dos murmúrios cariocas — mas o que de real existe. Nossas batidas pelos centros espíritas da capital pernambucana, que não são poucos, vinham dando resultado negativo. Começávamos a desanimar, julgando frustrada a viagem. Em cada sede a cuja porta batíamos, a resposta era formal e positiva:

— Aqui êle não baixou, não senhor. Nem sabemos nada a respeito. Só se foi em outro centro...

Deus amôr e caridade
Quer esta visita que está a minha direita
Ver se é certo que o dr Laureano tem baixado
aqui em Recife

A PRIMEIRA página psicografada por d. Elizabeth Cavalcânti, com a resposta do guia José dos Santos.

TERIA O ESPÍRITO DE **LAUREANO** SE MANIFESTADO EM **RECIFE?**

-NÃO!



— responde o "médium" do Núcleo Espírita Investigadores da Luz, naquela cidade.

DEUS, AMOR E CARIDADE

— QUER ESTA VISITA QUE ESTÁ À MINHA DIREITA SABER SE E' CERTO QUE O DR. LAUREANO TEM BAIXADO AQUI EM RECIFE.

— Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa-fé.

De acôrdo com a pergunta acima escrita, temos a dizer o seguinte: Que não nos consta que o Dr. Laureano tenha se comunicado com os encarnados. Todavia, não temos o direito de vacilar da idoneidade mediúnica dos nossos irmãos.

Contudo, de acôrdo com as obras básicas da Codificação, êle não poderá ainda baixar, apesar de já estar esclarecido, lúcido, ou seja, inteiramente cônscio da sua nova situação espiritual.

Êle foi na realidade um grande benfeitor, sabemos, e, ademais, votado à prática do Bem e amor ao próximo.

Mas os seus problemas são tantos a serem resolvidos, mesmo em tôrno do assunto que tanto o preocupou nos últimos dias de vida, que as suas orações e concentrações constantes para a realização do seu grande empreendimento não lhe facultariam tempo para andar na terra se comunicando com aquêles que não têm ligação consigo, materialmente falando, e que por essa razão pudessem prendê-lo junto a si.

Todo o seu carinho, zêlo e cuidado prendem-se exclusivamente aos queridos da sua família, como também ao seu elevadíssimo projeto.

José dos Santos



(Mensagem psicografada pela Sra. Elizabeth Dantas Cavalcanti, na noite de 28 de junho de 1951, durante os trabalhos do Núcleo Espírita Investigadores da Luz — Rua Augusta, 705, bairro São José, em Recife).



CORRIAM NORMALMENTE os trabalhos da sessão quando, súbito, d. Elizabeth Dantas Cavalcânti sen-

E ia vinham o nome e enderêço de outro núcleo. Nova peregrinação, novas investidas junto aos dirigentes respectivos e a inevitável resposta: Nada. Absolutamente nada de fundamental. Nem havia tempo, era prematuro, certamente o espírito andava ainda muito apegado à matéria.

Como elucidação, vinham pormenores de caráter científico dentro da seita: Enquanto a decomposição da matéria se vai processando, o espírito dela não consegue separar-se, embotado ainda pela fase da encarnação, julgando continuar vivo. Outra coisa só acontece quando se trata de espírito mais esclarecido, daquele que ainda na vida terrestre acreditava no fenômeno da desencarnação. Êsse, sim, quando morre compreende, sem demora, o seu novo estado e pode, desde logo, iniciar o que alguém designou — a vida de além-túmulo. Do contrário, o espírito acompanha lentamente a fase da decomposição, e só quando ela cessou, depois de terríveis sofrimentos, mas sentindo e compreendendo a grande verdade, já trabalhado pelos espíritos de luz, conformado com a transição, fica em estado de graça para se comunicar com os habitantes dêste triste vale-de-lágrimas.

Ora, rematavam os nossos informantes, Laureano não era espírita. Foi sempre um homem esclarecido e bom, piedoso e humanitário, mas não praticava o culto, fervoroso católico que sempre se



tiu um tremor na mão direita e o lápis começou a deslizar vertiginosamente sôbre o papel, enchendo, em poucos minutos, onze laudas, com uma caligrafia quase ilegível, verdadeiros rabiscos. O que ela então psicografou teve de ser, depois, passado a limpo cuidadosamente, com boa letra, pelo sr. Zuleino da Veiga Pessoa.

mostrou. Ainda que favorecido por essa atenuante, suas virtudes e o sofrimento a que o submeteu a Providência nos últimos tempos da encarnação, devem consumar-se muitos meses ou anos antes que lhe facultem os poderes mais altos, os guias do astral, a dita de se comunicar com algum médium. Daí não ser provável já se ter manifestado.

Entretanto, novos endereços, outras sedes de núcleos e centros, chegavam ao nosso conhecimento. E a todos visitávamos, um após outro, até quando num dêles a sorte veio ao nosso encontro.

★

Foi para os lados de São José, num bairro humilde, onde as ruas não vivem fartas de iluminação e o movimento, à noite, é quase nenhum. Ali, no número 706 da rua Augusta, instala-se o Núcleo Espírita Investigadores da Luz, filiado à Federação Espírita Brasileira. Edifício de um pavimento, de portas largas e escancaradas, mostrava um recinto claro e batido por possantes lâmpadas, num amável convite a entrar. Mas não foram muitos os que entraram nessa noite por dois motivos: por que choviscava — e estávamos em véspera de São Pedro. A vizinhança mostrava-se mais disposta a festejar o padroeiro com retumbantes manifestações pirotécnicas do que a ouvir preces espíritas. O bombardeio atordoava os ouvidos e crescia à medida que a noite avançava, enquanto buscavamos, com paciência e muito esfôrço, ouvir o que nos diziam em altos brados os dirigentes da casa:

— Nada sabemos a êsse respeito — sublinhou dona Elizabeth Dantas Cavalcanti, que associa à sua delicada função de médium, a de diretora da Assistência Social do Núcleo. — Penso que seja prematura qualquer manifestação do dr. Laureano. Êle deve encontrar-se ainda na fase da transição...

Mas alguém que se acercou do grupo objetou:

— Pois eu já ouvi falar qualquer coisa, dona Elizabeth. Não sei aonde teria baixado o médico, mas me garantiram que isso aconteceu e foi aqui mesmo no Recife... Talvez em alguma sessão particular...

As opiniões dividiram-se. Também o presidente, sr. Júlio Pires Ferreira, fazia suas as palavras de dona Elizabeth: Não se afigurava provável que tão cedo baixasse o espírito de Laureano. E assim também pensava o sr. Zuleino da Veiga Pessoa —

(Cont. na pág. 53)



O PROFESSOR LAUREANO quando, acompanhado de sua espôsa, d. Marcina, vinha da Paraíba ao Rio.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Teria o espírito de Napoleão se manifestado em Recife? (Celestino Silveira) 3/5
Marília fala de Noel (Jorge Lyra) 10/12
Quem substituirá Carmona? 14/15
A imagem peregrina do Carmo 17/19
Cabral descobriu o Brasil... (Abdias Rodrigues) 24/27
Feira Livre de Automóveis (Vinícius Lima) 35/37

LITERATURA

A História, essa grande desconhecida (Renato de Alencar) 9
"Seu" Isaac do Bazar Monte Líbano (Moacyr Duarte) 16
Semana Literária (Edmundo Lys) 22/23
Coitado do Daniel (Marise Santos) 38
A palavra Saudade (Lyse) 39
Os que voltam (Theresa de Almeida) ... 58

ATUALIDADES

Zé Carioca no Copacabana Palace (Oldar Fróes) 29/31
A morte morou aqui (Jack L. Smith) 55/57

HUMORISMO

Semelhança (Théo) 8
Nem cara... Nem coroa (Nicodemus) .... 24 e 34
Êste mundo louco (Darcy) 28

CINEMA

Uma filha adotiva para Joan Fontaine (Eva Starr) 20/21
O 4.° Mandamento (Cine-novela) 44/45

SECÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 6/7
Personagem da Semana 7
Puxe pelo cérebro 20
A Saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 46
Palavras Cruzadas 48
Tudo isto aconteceu 50/51
Correio da Revista 52

FEMININAS

Decotes originais 39
Modelos variados 40/41
Week-End na Cozinha 42/43
Modelos ligeiros 42
Férias no Campo 43
A Cultura Física da Mulher (Edith Torck) 46/47

FOLHETIM

A Timidez de Letty 49

HISTÓRIA

Os Príncipes da Casa de Saxe (Clado Ribeiro de Lessa) 32/33

ILUSTRADORES

M. Queiroz — O. da Cunha — Rafael

FOTOGRAFIAS DE:

Nodge — Jorge Lyra — Abdias Rodrigues
Oldar Fróes — Vinícius de Lima — Celestino Silveira — Avulsas.

NA CAPA



ZÉ CARIOCA NO COPACABANA PALACE

(Vide págs. 29/31)

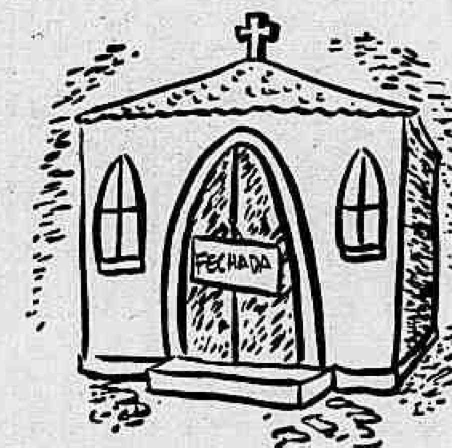
A SEMANA

O DIVÓRCIO

NA Inglaterra há, como todos sabem, a instituição do divórcio a vinculo em seu Direito de Família. Mas, segundo informações vindas de Londres, acabam de reunir-se altos representantes das leis civis daquela nação, para estudar a melhor maneira de resolver sérios problemas decorrentes de falhas no divórcio na Grã-Bretanha. Como sabemos ainda, lá, como em qualquer outra parte dêste mundo em evolução permanente, há casais que se separam com um simples "good bye", indo cada cônjuge viver como bem quiser. Ora, isso atenta contra os dispositivos legais da separação entre casados. Não basta largar de mão o outro (ou outra) e ir flanar por aí. E' necessário que haja uma solenidade, sob o ponto-de-vista jurídico, para que novo casamento seja possível sem os riscos da bigamia ou ajuntamento ilícito. A questão, pois, acaba de ser ventilada na Inglaterra: todo aquêle que, de mútuo desejo, ficar *solteiro* durante sete anos, estará automàticamente divorciado, legalmente separado, podendo contrair novas núpcias sem nenhum temor ou remorso. Mas a Inglaterra é um país muito cauteloso diante das leis e das tradições. A Igreja Católica e milhares de senhoras casadas se opõem enèrgicamente à concessão do divórcio automático. Por outro lado, porém, está impressionando a opinião pública e o critério dos juristas, a enorme quantidade de gente que está empatada porque as leis do país criam restrições em face do divórcio. Tudo isso está sendo estudado pela Comissão Real, havendo já na Inglaterra uma torcida colossal para que passe a emenda que institui o divórcio automático. Acham apenas, uns, que sete anos é de mais...



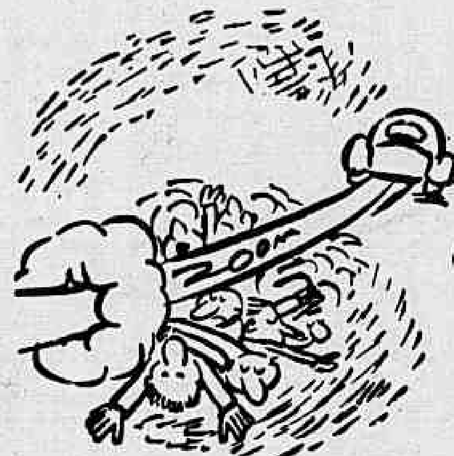
FECHOU A IGREJA



O vigário de Pedro do Rio, 4º distrito de Petrópolis, fechou sua igreja e dela retirou o Santíssimo Sacramento, afixando à porta do templo um aviso que assim dizia: "Lamentando profundamente a desenfreada jogatina que se está realizando em Pedro do Rio, a pretexto da festa do seu celeste patrono, São Pedro, e em reparação pelos atentados contra a moral e a família católica, que também nesta ocasião verificamos, fica suspenso até segunda ordem, por determinação da autoridade Diocesana, o culto religioso nesta igreja matriz". Como vemos os sacerdotes se revoltam contra o relaxamento dos costumes. Já não basta que a lei dos homens condene o vício. Cerram os templos suas portas como protesto à devassidão e à imoralidade. O juiz Goulart Monteiro, diante do episódio, determinou a suspensão de tôda a jogatina a campear em Pedro do Rio. O vigário da Matriz, revoltado, fecha a igreja. E' o protesto mudo, o protesto do silêncio. Mas o que o sacerdote devia fazer era manter aberta a igreja em funcionamento permanente e, em seus púlpitos, bradar contra a degenerescência de hoje, imitando aquêles gigantes da oratória sacra que se chamaram Vieira, Monte Alverne e Bernardes. O primeiro dêstes, foi um látego vivo no lombo dos desviados; os outros, mais seráficos do que humanos, conduziam os homens na estrada do dever e da meditação. Um Vieira para a matriz de Pedro do Rio, teria suspendido o jôgo, não pela imposição da lei, mas pela conversão dos pecadores.

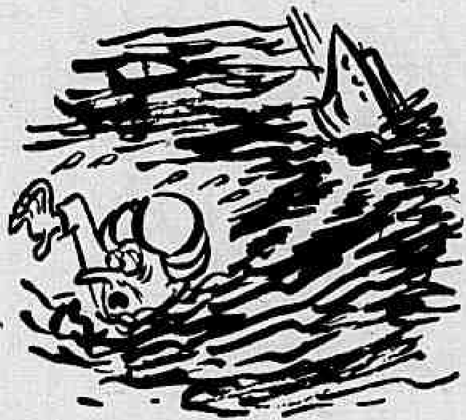
SANTO DEUS!

HÁ certas estatísticas que nos causam imenso prazer, tornando-nos eufóricos e até orgulhosos. Por exemplo: a do aumento da produção de trigo no Brasil. Segundo dizem, estamos atualmente com sensível melhoria no cultivo do cereal lá pelos campos do sul, chegando-se mesmo a dizer que já batemos a monarquia nesse sentido. E' que já fomos grandes produtores de trigo, aos tempos das patacas e cruzados, dobrões e vintém. Hoje, importamos o trigo para o nosso pão, se o queremos puro. Outras estatísticas que nos fazem um bem enorme são as que falam do nosso aumento em volume e renda na exportação. Vem mais ouro para o Brasil, e, consequentemente, nossas finanças se equilibram. Mas, infelizmente, de quando em quando surgem estatísticas que nos tiram até o desejo de viver. Uma delas, leitor é a que se refere ao massacre da população do Rio pelos automóveis. Veja esta última, divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística): "Em 1941 somaram 1.357 os óbitos capitulados na rúbrica "mortes violentas e acidentais"; em 1949, êsses óbitos eram em número de 1.827". E' de estarrecer. Uma população que mal ultrapassa de dois milhões de habitantes, ser dizimada, anualmente, em proporções alarmantes, só num setor das Parcas: o de acidente ou morte violenta. Não há cidade no mundo onde se morra tanto debaixo das rodas dos veículos, como nesta cidade maravilhosa. E não há cidade no mundo em que se mate tanto, pelos motivos **mais fúteis. Que dirão as estatísticas em 1959? Santo Deus! Misericórdia...**



EM REVISTA

SALVO!



UMA notícia sensacional que, em face da distância, não atraiu muito a atenção do povo brasileiro: o seqüestro do sr. Pibul Songgram, primeiro-ministro da Tailândia, ex-Sião. Songgram foi vítima de um movimento sedicioso chefiado por um grupo de jovens oficiais da marinha daquele país. De um instante para outro o "Premier" siamês sumiu. Até a "Scotland Yard" andou em diligências. Sùbitamente, êle apareceu são e salvo; mas muito abatido e de barba crescida. E tudo se explicou como numa fita policial ou de aventuras. O Chefe do Govêrno, raptado, fôra conduzido para bordo de um dos vasos de guerra revoltados. Mas, como a maioria das fôrças ficaram fiéis à legalidade, houve combate e o tal navio de guerra em que estava prisioneiro Songgram foi atingido por um balaço de artilharia de costa e foi ao fundo da baía de "Longxuyen". Aproveitando-se da confusão, o primeiro-ministro caiu n'água e meteu o braço em direção da terra, aportando nas imediações da velha Bangkok, que hoje se chama Krung-Thep. Ali os fiéis ao govêrno o acolheram e levaram-no para o seu lar, a fim de convalescer das emoções que não foram poucas. Um telegrama de Washington, datado de 2 de julho nos diz que a paz voltou à tradicional Tailândia e que a revolta foi sufocada. As notícias eram pequeninas, em cantinhos de página de nossa imprensa; entretanto, o caso não foi brincadeira de estudante. Houve bala a valer e aprisionado o Churchill do Sião. Todo êsse desinterêsse porque o povo nada sabe da Tailândia. Mas olhem no mapa e vejam o ponto perigoso em que se passou o conflito: entre Burma, Indochina e a Malaia com Singapura na ponta...

PLEBISCITO EM PARATI

A Assembléia Fluminense em sua sessão do dia 2 de julho ouviu, com a maior atenção, o discurso pronunciado pelo deputado Vasconcelos Tôrres, do PSD, em tôrno do movimento separatista que se nota no município de Parati. Em verdade, o caso não é mesmo separatista e sim anexista. Parati não quer mais ser fluminense e sim paulista. S. Paulo deseja, por sua vez, possuir mais um pôrto de mar, e Parati lhe servirá maravilhosamente bem. E o legislador Vasconcelos Tôrres, depois de alertar os políticos e a alta administração estadual, prometeu seguir para o município desgostoso a fim de "desfraldar a bandeira do fluminensismo", segundo suas textuais palavras. Achamos que, fluminense ou paulista, Parati é sempre Brasil; mas, se, em verdade, às comunas é dado o direito de escolher seu melhor caminho no sentido do progresso, seria o caso de entregar o assunto à própria deliberação do povo do município, instituindo um plebiscito: S. Paulo ou Estado do Rio? A maioria que decidisse. Podia-se até estabelecer certas condições. Por exemplo: só votaria quem fôsse fluminense de nascimento, e, para que o plebiscito fôsse válido, seria necessário que votassem pró ou contra, um mínimo de dois terços da população em condições de participar do julgamento. Se os anexistas ganhassem, que o fato consumado fôsse aceito pelo E. do Rio; se não, que Parati continuasse a ser fluminense e os desgostosos deixassem de andar a embriagar-se com tais idéias de Parati...



ONDE COMPRAR?



SAIU em jornais do dia 3 de julho esta notícia que é de interêsse geral da população carioca: "O Director do Departamento de Abastecimento da Secretaria de Agricultura, tendo em vista o que dispõe o decreto 3.762, de 30 de janeiro de 1932, e considerando a necessidade de melhorar a distribuição de gêneros a cargo do Mercado Municipal da praça D. Manuel, resolveu que, a partir de 15 do corrente os estabelecimentos existentes no referido mercado funcionarão, diàriamente, de acôrdo com o seguinte horário: *a*) zero hora — abertura dos portões sòmente para atender ao recebimento das mercadorias; *b*) de 5 em diante — venda aos consumidores e varejistas; *c*) de 5 às 7 horas — exposição das mercadorias; *d*) 17 horas — encerramento das vendas em geral e fechamento dos portões". E' evidente que o fechamento do Mercado Municipal às 17 horas não consulta os interêsses da população, que o procura para adquirir gêneros alimentícios. Um empregado do comércio só consegue sair do seu trabalho às dezoito. Suponhamos que precise ir ao Mercado para comprar algo que só ali possa encontrar? Estará proibido de levar para sua casa o de que necessita para si e a família. Além disso, o Mercado Municipal é, como sucede em tôdas as demais cidades grandes, uma atração para forasteiros. Quem vem ao Rio gosta de percorrer aquêle pequeno mundo, reflexo de nossos modos de vida, dos nossos hábitos, nossa alimentação. E muito pouco tempo sobrará aos que tiverem êsse desejo. Fechar o Mercado às 17 horas é obrigar o carioca a morrer nas quitandas e privar-se de gêneros que só ali pode encontrar.

A PERSONAGEM DA SEMANA


Sr. Trygvie Lie

A cidade de Kaesong, situada ligeiramente ao sul do famoso e trágico paralelo 38, na Coréia, ocupa as atenções do mundo inteiro, sede que é das conversações preliminares entre os delegados civis e militares da ONU e os oficiais e assessores das tropas sino-coreanas do norte, para as discussões do armistício na guerra da Coréia. Segundo os jornais do dia 11 de julho, através de telegramas vindos do "Acampamento da Paz aliado, sôbre o rio Imjim", as negociações se processavam normalmente, embora ainda fôsse cedo para afirmações definitivas quanto aos objetivos do armistício. Apesar das reservas do próprio chefe da delegação da Organização das Nações Unidas, vice-almirante C. Turney Joy, da Armada norte-americana, reinava a esperança de que a guerra teria fim. E já não é sem tempo. Desde 25 de junho de 1950, corre sangue nas montanhas, vales e rios da Coréia, trazendo cada batalha o facho aceso para a deflagração da terceira guerra mundial. Foi para evitar a expansão da guerra da Coréia, que a ONU decidiu intervir como fôrça moral, política e militar, repelindo o invasor do norte e restabelecendo a paz entre os habitantes daquele país, num esfôrço conjugado de nações, que, se tiveram de recorrer às armas, foi porque a isso se viram forçadas pelo inopinado do ataque. Praza aos céus que as conversações preliminares cheguem a bom têrmo e dêsse conflito saia cada vez mais prestigiada a Organização das Nações Unidas, a quem esta coluna rende homenagens nesta hora, na pessoa do seu Secretário-Geral, Sr. Trygvie Lie, a quem o mundo muito já deve, pela sua operosidade em prol da Paz mundial, a cujo serviço colocou **inteligência e cultura.**

Desânimo
Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

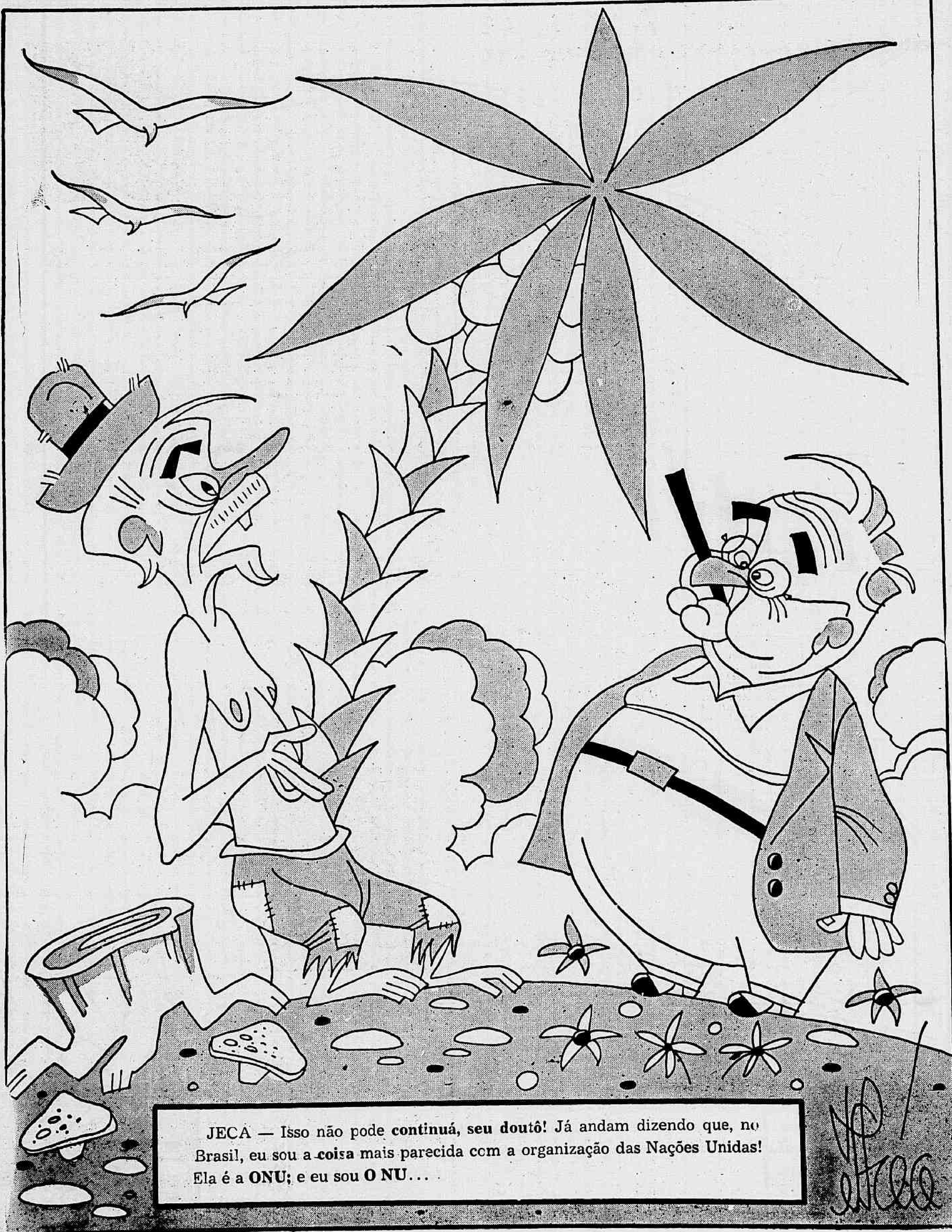
Trate-se

Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* Gesteira

SEMELHANÇA



JECA — Isso não pode **continuá, seu doutô!** Já andam dizendo que, no Brasil, eu sou a **coisa** mais parecida com a organização das Nações Unidas! Ela é a **ONU**; e eu sou **O NU**...

ANO LI • N.º 29 **REVISTA DA SEMANA** 21 - 7 - 1951



A HISTÓRIA, ESSA GRANDE DESCONHECIDA

CERTA vez estava um cidadão a discutir culminante episódio histórico em companhia de um diretor de presídio, quando silvou nervosamente a sirena do alarma. Os dois correram à janela que dava para o pátio da penitenciária e, dali, assistiram a um começo de rebelião entre presos e guardas. Serenados os ânimos, foram trazidos à presença do diretor os indigitados chefes da revolta. O amigo que estava em visita à cadeia tomou parte na troca de testemunhos e fêz declarações que não se harmonizavam com o que vira o próprio diretor com aquêles olhos perscrutadores que a terra, com certeza, já comeu. Ambos, o amigo visitante e êle próprio, contavam a história da sublevação de um jeito. Isso serviu para chegarem a esta grande verdade: se, narrando um fato que acabava de suceder não havia meia hora, cada um o descrevia a seu modo e segundo as suas observações, como jurarmos pela veracidade de coisas que se passaram há séculos atrás, cujo registro já nos chegam através de relatos de historiadores que, por sua vez, já os copiaram de outros?

Nesse ponto os dois amigos estavam de acôrdo. Com efeito, nada mais falso do que a própria História, quando não é devidamente comprovada por testemunhos fiéis e honestos, sem fantasias nem entusiasmos sectaristas. Os cariocas acabam de ficar perplexos com a notícia de que os "18 do Forte" nunca foram mesmo dezoito, e sim onze! Mas como? Não eram dezoito bravos a enfrentar a cinco de julho tropas fiéis ao govêrno de então? Não foram dezoito contra milhares?

Não, leitor. O feito heróico foi muito maior, pois, diminuindo o pelotão dos audazes de Siqueira Campos e Newton Prado, aumenta o seu valor: eram onze. Quem revelou a verdade histórica? O próprio Brigadeiro Eduardo Gomes numa palestra com o deputado Afonso Arinos. Êsse congressista, desejando saber do Brigadeiro se algum homem de côr tomara parte no levante do Forte de Copacabana, pois pretende fazer um estudo da participação dos negros nos grandes movimentos nacionais, ouviu de Eduardo Gomes a resposta afirmativa: "Sim, havia um prêto, o cabo corneteiro". Perguntou-lhe, novamente, o Sr. Afonso Arinos: "Então, foi êle um dos dezoito?" — "Dos dezoito, não, — retificou o brigadeiro — dos onze".

Diante da admiração do deputado, o Brigadeiro Eduardo Gomes esclareceu que, contràriamente ao que se diz e repete, o grupo de revolucionários que entrou em combate na rua Hilário de Gouveia, era composto dos onze que saíram do Forte para o choque com a tropa de Epitácio Pessoa!

Agora, meditemos um pouco: o episódio sangrento de 5 de julho é coisa de ontem, podemos dizer. Não houve maiores complexidades para a sua apuração. Há mesmo espalhada por todo o país uma fotografia histórica fixando a etapa final dos corajosos militares com um civil ao lado, uns de revólveres à mão, outros de fuzil, a desfilar pela avenida Atlântica, ao encontro das metralhadoras legalistas. Apesar disso, todo mundo dizia e repetia: "Os dezoito do forte" foram uns bravos e o seu gesto heróico enche de orgulho a alma nacional". Durante a campanha em prol do Brigadeiro o fato foi dito e redito por todo êste Brasil; entretanto, segundo o próprio Brigadeiro Eduardo Gomes, um dos que tomaram parte na luta, "os dezoito" não foram dezoito, e sim onze!

Daqui por diante, portanto, retifiquemos: "Os onze do forte", ao invés de, "Os dezoito". Mas, não é curioso que essa retificação já não houvesse sido feita antes, pelo próprio Brigadeiro? A História encerra muito exagêro, muita mentira e outras tantas invencionices que o mundo inteiro repete como coisa certa. Se os grandes vultos da História voltassem até aqui e nos contassem direitinho as coisas como se passaram, como ficaríamos de nariz crescido em face da verdadeira verdade!

Dentre as comemorações do último 5 de julho, esta retificação do Brigadeiro foi o seu ponto mais alto, embora acidental. Esperemos agora, que venham a público, protestar, os sete heróis invisíveis das areias de Copacabana...

RENATO DE ALENCAR

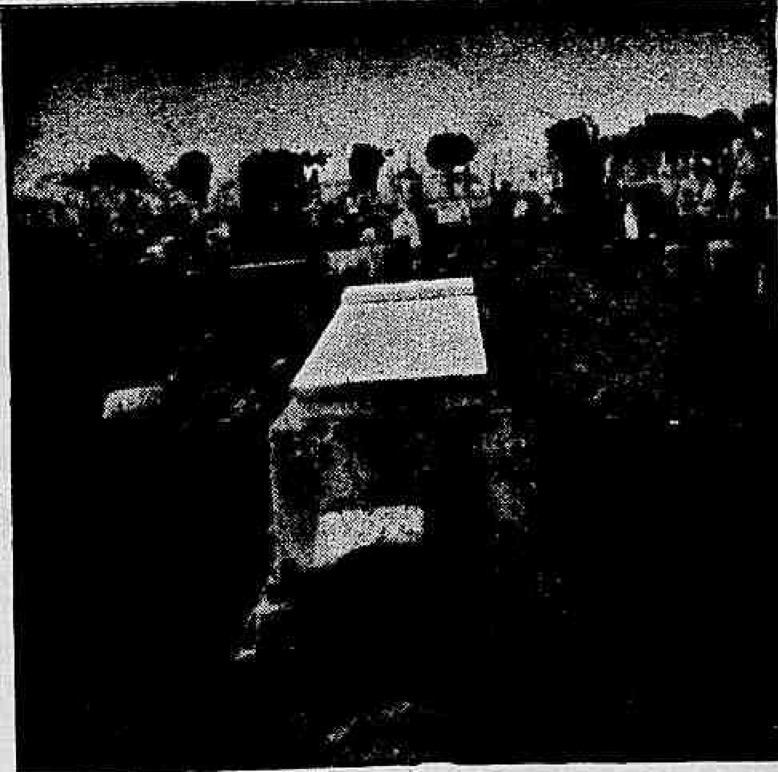
MARÍLIA FALA DE NOEL



MAIS POETA DO QUE SAMBISTA ★ A ANTIGA PARCEIRA DE NOEL DESCONHECE WILSON BATISTA ★ A EXPLORAÇÃO DO NOME DO AUTOR DE "PALPITE INFELIZ" ★ AS IMPLICANCIAS COM OS GARIS E COM O CASÉ ★ RESPOSTAS MASSACRANTES ★ UNS QUE, FALANDO DO SAMBISTA, FAZEM AUTO-BIOGRAFIA ★ UM APÊLO: "RESPEITEM O RITMO, A MELODIA E A ARTE DE NOEL E... CUIDEM DA SEPULTURA"

Reportagem de JORGE LYRA

ENTRE EU E NOEL ROSA SÓ EXISTIU UMA GRANDE E DESINTERESSADA AMIZADE — DISSE-NOS MARILIA



«LUTO PRÊTO é vaidade de quem se veste a rigor; o meu luto é a saudade e saudade não tem côr».



NA RUA Teodoro da Silva, n. 392, ainda pode ser vista a casa onde nasceu e morreu o poeta da Vila.

MUITO se há escrito e falado sôbre a vida de Noel Rosa, o maior compositor de música popular brasileira de todos os tempos. Na ânsia incontida de falar daquele cujo nome ainda ressoa, através de seus bonitos sambas, mais poemas que sambas, pelos quatro cantos do Brasil, muita imprecisão tem sido cometida, muita coisa inventada, pondo à prova a fértil imaginação daqueles que se lançam a biografá-lo. E há até quem, falando de Noel, faça auto-biografia completa.

Admiradores que somos, assim como todo o povo brasileiro, do autor de "Palpite Infeliz", desejamos, em rápidas tintas, que a tanto nos permite o espaço a nós reservado nesta revista, contar a nossos leitores alguns fatos da vida do poeta da Vila. Para isto, procuramos o senhor Almirante que possui farto repositório de tudo o que se relaciona com o assunto que tinhamos em mira focalizar. Para nossa surprêsa, porém, êle, sob a alegação de que se fornecesse dados para nosso trabalho, estaria prejudicando seus objetivos, negou-se, peremptòriamente a falar. Explicamos-lhe nosso objetivo, invocamos sua amizade a Noel e êle sugeriu:

— Faça a reportagem sôbre o meu programa; assim eu concordo!

Sim, era uma ótima solução... para êle.

Desistindo, ficticiamente, de nosso desideratum, fomos bater a outra porta, onde não encontramos, felizmente, a má vontade do sr. Almirante.

FALA MARILIA BATISTA

Se há alguèm que não devia ser procurada para falar sôbre Noel, êsse alguém é Marília Batista, porque hoje vive inteiramente devotada a seu marido e seus três irriquietos filhinhos e afastada das lídes radiofônicas. Mas, como, depois da primeira tentativa fracassada, desejamos, já agora por questão de brio, mostrar ao sr. Henrique Foreis que fariamos, de qualquer maneira, nosso registo, telefonamos a D. Marília Batista.

— D. Marília, aqui fala da REVISTA DA SEMANA. Nós queriamos uma entrevista sôbre Noel.

Através do fio, a resposta veio animadora:

— Estou às suas ordens.

Chegando à sua residência, travamos contacto com ela, o dr. Hugo, seu marido e seus três levadíssimos garotos.

Entramos logo no assunto:

— Em que circunstâncias a senhora conheceu Noel?

D. Marília recostou-se à poltrona, caminhou no espaço e no tempo e respondeu:



MARILIA DIVIDIU sua atenção entre seus irriquietos filhos e a entrevista que nos prestou.



MARILIA e sua sobrinha em pose especial para a REVISTA, após prestar esclarecimentos sôbre Noel.



ARACI DE ALMEIDA, atual intérprete das composições do inimitável Noel. Agrada sempre!

— Conheci-o no Grêmio Esportivo Onze de Junho. Eu ia cantar numa hora de arte naquele grêmio. Cheguei, acompanhada de meu pai, deixei meu violão a um canto e fui, com papai, fazer não me lembro o que. Quando voltei e procurei meu instrumento, êle não estava mais onde o havia deixado. Pensei que o tivessem roubado. Mas não! No palco, um rapaz cantando o "gago apaixonado" dedilhava meu violão — era Noel...

— E depois disso...

— Reclamei, e êle veio pedir-me desculpas. Fui ao palco e cantei algumas músicas de minha autoria. Êle ouviu e daí começou a me dar músicas suas para eu cantar.

Depois de nos contar êste episódio, d. Marília recomendou:

— Tome nota direito, porque estas entrevistas geralmente saem deturpadas.

Explicamos que não aconteceria isto porque temos noção de responsabilidade e depois voltamos a perguntar:

— A senhora pode responder, precisamente, contra quem foi escrito o "Palpite Infeliz"?

— Não sei ! Foram feitos contra um certo rapaz que atacara a Vila.

— ... Wilson Batista, completamos.

— Isso eu ignoro. Só vim a conhecer Wilson Batista depois que Noel morreu porque, enquanto vivo, eu só tomava conhecimento daquelas respostas massacrantes, a alguém. Agora, que êsse alguém seja êsse que você citou não me consta.

— A senhora pode lembrar como surgiu o "Palpite Infeliz?"

— Noel compôs o "Feitiço da Vila":

"Quem nasce lá na Vila
Nem sequer vacila
Ao abraçar o samba".

— Mais adiante, continua d. Marília, êle dizia que a Vila tinha "feitiço sem farofa", "a lua nasce mais cedo", falava na dança dos galhos do arvoredo. Pois bem, alguém escreveu um samba discordando de Noel e êle nos deu então:

"Quem é você, que não o sabe o que diz
Meu Deus do céu que palpite infeliz..."

— A senhora quer dizer-nos outras respostas de Noel a Wilson Batista ou a quem seja, afinal.

— Você se lembra daquele: "Deixa de arrastar o tamanco, tamanco nunca foi sandália, tira do pescoço o lenço branco, compra sapato e gravata?" E' outra resposta de Noel em que êle pulveriza seu adversário, dizendo mesmo: "eu já te dei papel e lápis, arranja um amor e um violão", em que parecia desconhecer o valor de seu adversário. Êle diz também: "Joga fora esta navalha que te atrapalha", o que me faz pensar em algum malandro.

A senhora sabia que Wilson foi parceiro de Noel?

— Não me consta que êle fizesse nenhum trabalho de parceria com Wilson Batista.

A IMPLICÂNCIA DE NOEL

A entrevista decorria animada quando d. Marília perguntou:

— Você quer um caso interessante?

Claro que queríamos:

— Noel foi contra-regra da antiga Rádio Philips, no programa Casé; nessa época qualquer um era contra-regra, às vêzes o próprio Casé. Um dia, exercendo suas funções, aproximou-se de uma cantora clássica e perguntou:

— Que *você* vai cantar?

— *Você* não, eu sou uma senhora casada, respondeu a mulher, irritada com o tratamento. E foi ao Casé fazer queixa do Noel.

Qual a atitude do Casé, perguntamos.

— Nem queira saber, disse d. Marília arrancou da mão do Noel a papeleta que usava para anotações, humilhou-o passou-lhe uma lição incrível.

— E a cantora, quem era? quisemos saber.

— Com todo "senhora" não sei quem é. Ofuscou-se completamente. Quanto a Noel, todos já sabemos, começou a subir... subir sempre.

— Quer dizer-nos alguma característica interessante de Noel?

— Era muito implicante. Casé foi uma de suas maiores vítimas. Certa vez, evoca d. Marília, chegou ao programa depois de o mesmo começado. Casé estava irritadíssimo e quis saber o motivo. Calmamente êle respondeu:

— O bonde furou o pneu, Casé...



UM VIOLÃO e o busto do «queixinho» com a inscrição 1910-1937. Uma singela homenagem da Vila.



ALMIRANTE, APESAR de estar fazendo um trabalho sôbre o sambista, nada quiz dizer.



CASÉ FOI a maior «vítima» das implicâncias de Noel. Suas respostas a Casé eram desconcertantes.



Dr. KEMPE costumava aconselhar Noel a ir dormir e êle respondia: «Sou filho da lua, irmão do sereno».



HÉLIO ROSA deu-nos uma pista por onde pudemos começar nosso trabalho. Simplesmente.



NA VILA, conseguimos colhêr a palavra da primeira noiva do poeta: «passava de braço com outras».

— Outra vez, prossegue nossa entrevistada, explicou em idênticas circunstâncias:

— Esqueci onde era a Rádio Philips, Casé...

— Mais alguma coisa d. Marília?

— Sim, quando Noel lançou: "Conversa de Botequim' o samba fêz um sucesso absoluto: os pedidos choviam para que introduzisse sempre a música em seu programa.

— Como Noel sempre repetia o mesmo número, Casé proibiu-o de cantar o samba.

— Mas, um dia, já na Rádio Sociedade, sendo Casé o contra-regra e perguntando a Noel o que êle iria cantar, chegou o dia da vingança:

— Vou cantar, informou o poeta, o samba em primeira audição intitulado "Ilusão", e dizendo isto, deu o tom a Nonô (nessa época não havia ensaio). Como se tratava de uma primeira audição, fato sempre esperado com ansiedade, todos fomos ouvir, inclusive o Casé. Aliás o próprio Noel recomendara que ninguém faltasse e que reparassemos no Casé, quando êle iniciasse o samba. Dada a introdução, êle cantou: "Ó seu garção faça o favor..." provocando gargalhadas gerais... Era "ilusão" para o Casé!

— Alguma outra implicância, com o Casé?

— Assim de pronto não me lembro; sei que êle costumava imitá-lo falando com a espôsa ao telefone. Más há uma outra implicância digna de registo: voltando de uma hora de arte, vinhamos eu e papai, Noel e Djalma Ferreira, no carro do Djalma. Quando passávamos por uns garis, Noel que sempre mexia com os mesmos, gritou:

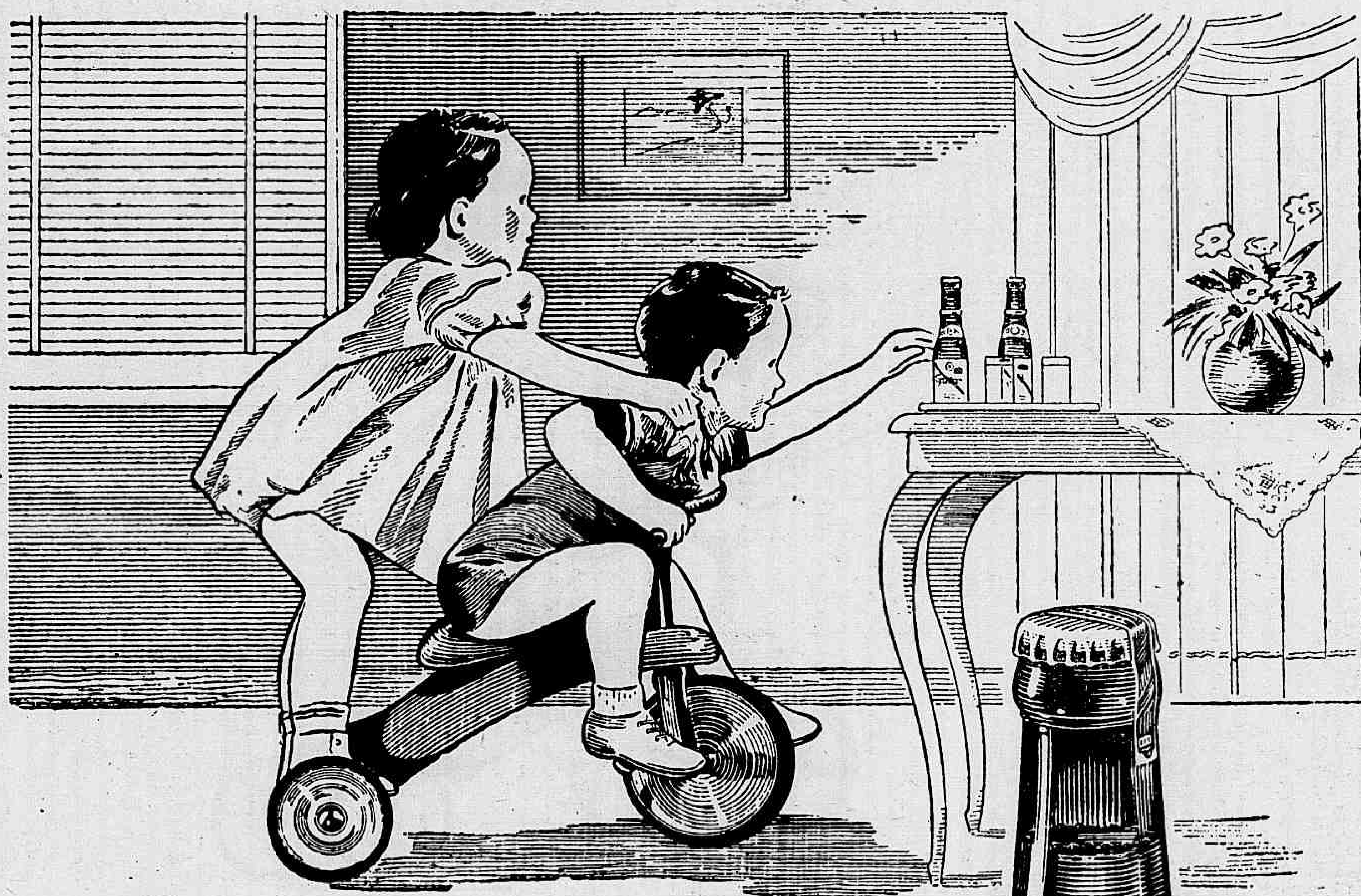
— A galinha comeu...

— Interessante... aventuramos.

(*Continua na pág.* 48)



A VILA NÃO QUER ABAFAR NINGUÉM
SÓ QUER MOSTRAR QUE FAZ SAMBA TAMBÉM



Eu também quero...

Guaraná

Champagne CAÇULA



É o rei dos refrigerantes para todas as ocasiões

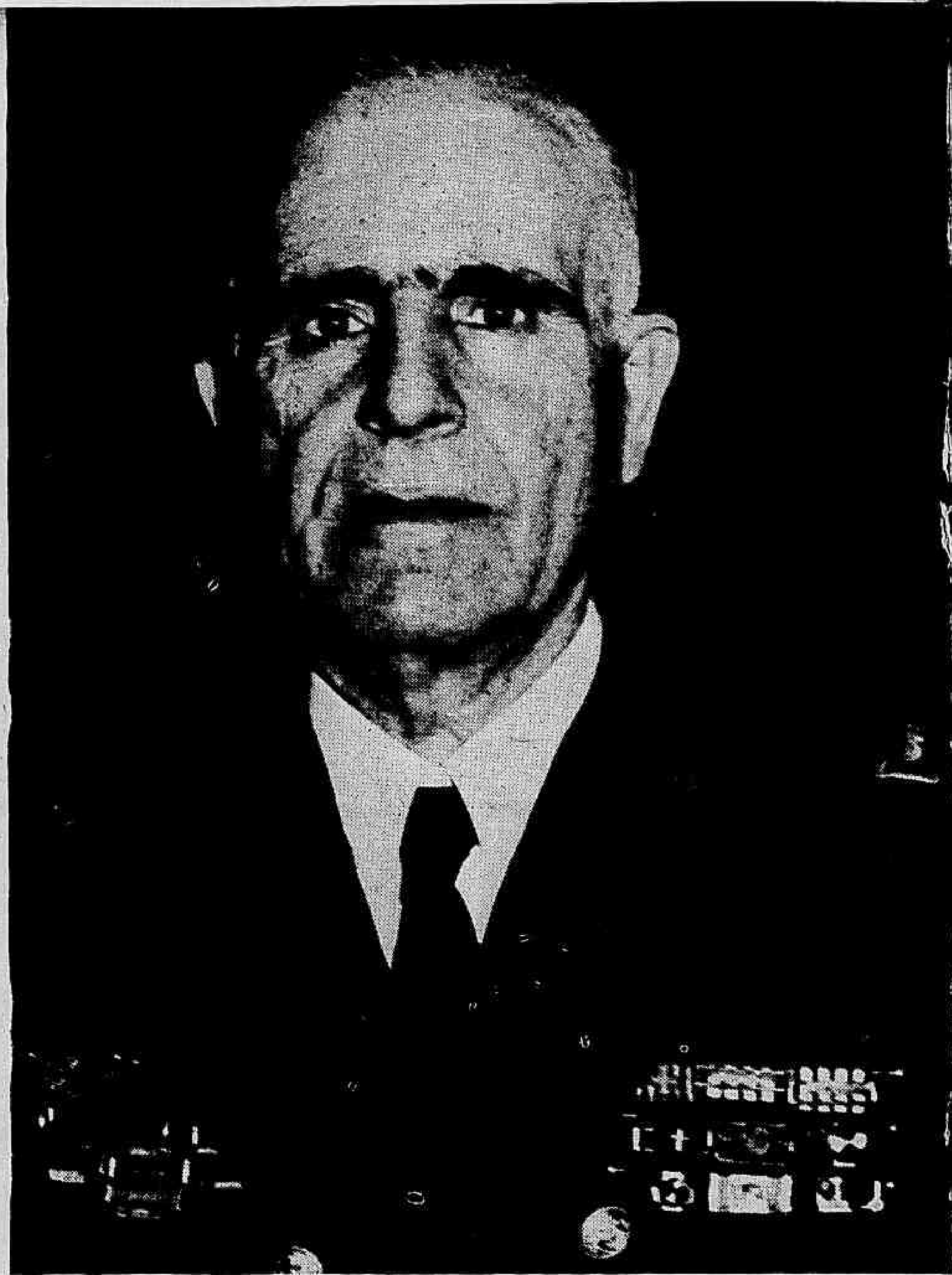
NO VAREJO . CR$ 1,50



da ANTARCTICA



GENERAL JOSÉ Higino Craveiro Lopes, candidato da União Nacional, quando pela primeira vez, nessa qualidade, se dirigia à Nação para as eleições de amanhã



ALMIRANTE Manuel Carlos Quintão Meireles, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, candidato das fôrças centristas(nem do govêrno nem do extremismo).

QUEM SUBSTITUIRÁ CARMONA?

REALIZAM-SE AMANHÃ, EM PORTUGAL, ELEIÇÕES PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA ★ OS CANDIDATOS DA UNIÃO NACIONAL, DO MOVIMENTO DE UNIDADE DEMOCRÁTICA E DAS FÔRÇAS CENTRISTAS: GENERAL CRAVEIRO LOPES, ALMIRANTE QUINTÃO MEIRELES E DR. RUI L. GOMES ★ QUEM SÃO E O QUE REPRESENTAM PARA A NAÇÃO PORTUGUÊSA

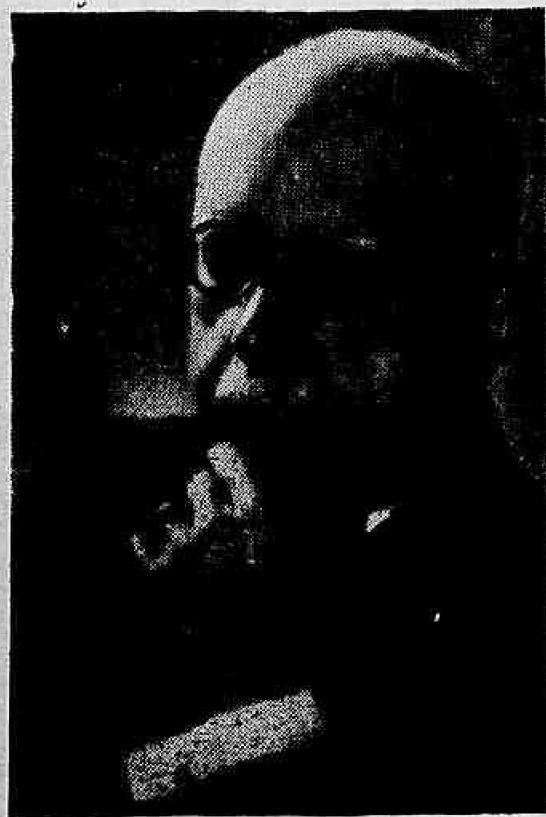
★

AMANHÃ, domingo, 22 de julho, devem realizar-se em tôda a nação portuguêsa, eleições para o sucessor do Marechal Carmona no cargo de Presidente da República. E' natural que o assunto de maior transcendência na vida politica do pais amigo e irmão esteja preponderando também pelos nossos lados. Nada menos de três personalidades vão disputar nas urnas a votação popular: o General José Higino Craveiro Lopes, o professor Rui Luis Gomes e o almirante Quintão Meireles.

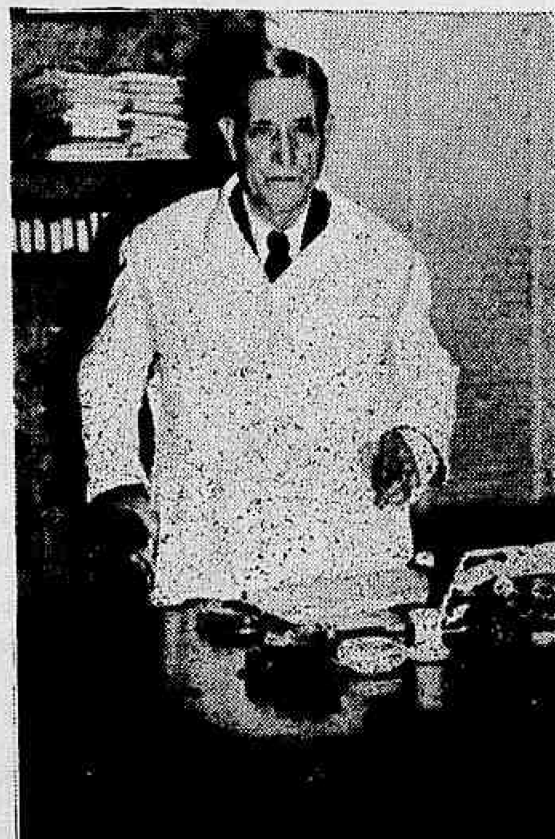
O primeiro, candidato da União Nacional, ou seja, do partido a que pertence o atual govêrno, é filho, neto e bisneto de generais portuguêses e figura de grande prestigio no meio militar. Além de uma brilhante fôlha de serviços, é deputado à Assembléia Nacional e tem cinquenta e sete anos de idade.

O dr. Rui Luis Gomes, cuja idade orça entre os quarenta e cinco a cinquenta anos, apresentou-se na qualidade de representante do Movimento de Unidade Democrática (M .U. D.). Professor da Universidade do Pôrto, é filho do dr. Antônio Luis Gomes, antigo ministro de Portugal no Brasil, e único sobrevivente do Govêrno Provisório da República.

Finalmente, o almirante Manuel Carlos Quintão Meireles, de setenta anos de idade, mais ou menos, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, é figura de relêvo nos meios politicos. Vem a ser o candidato das fôrças centristas, ou melhor, dos que, uma vez eleito, não apoiaria nem o

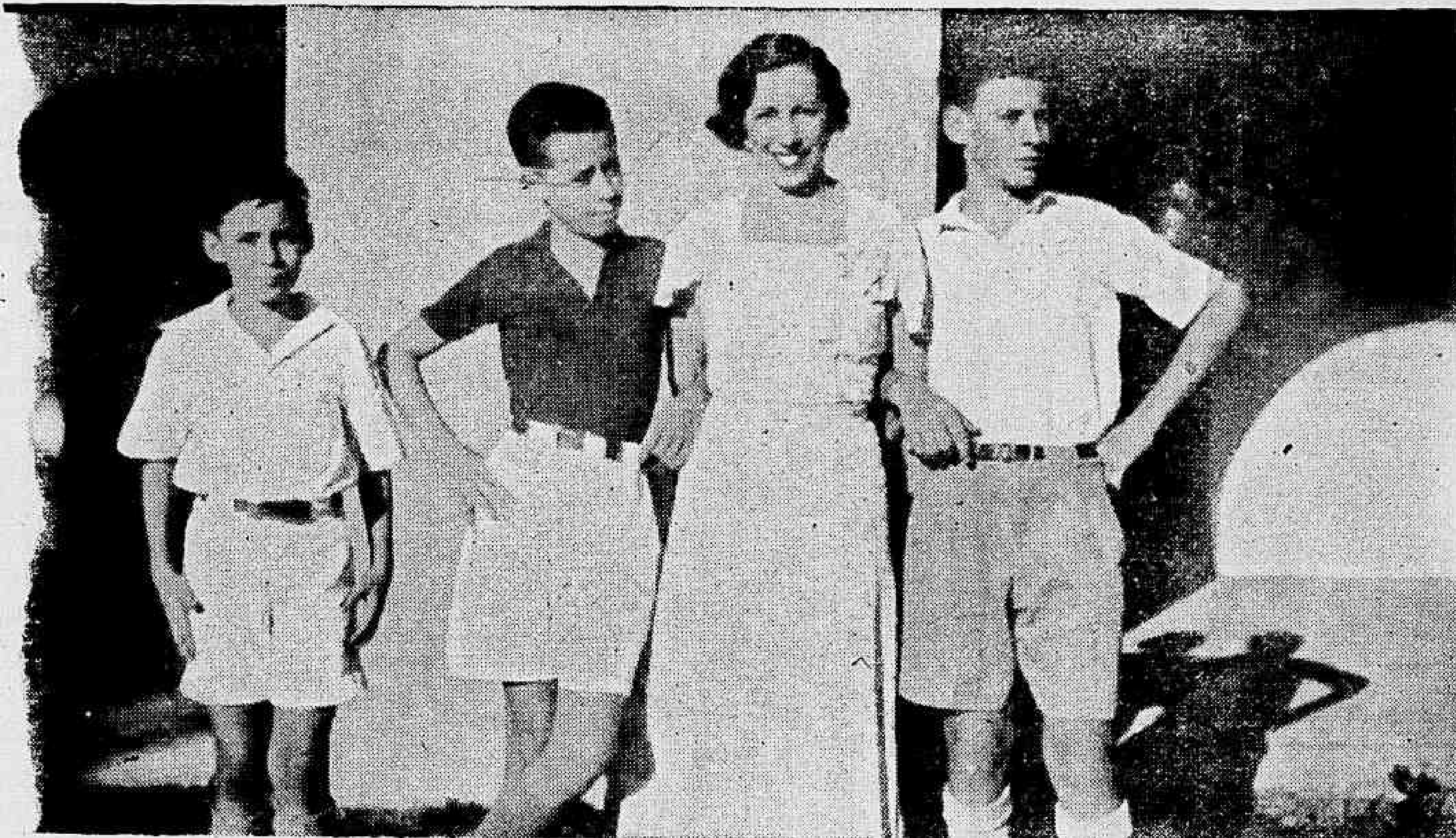


JÚLIO DANTAS, presidente da Academia de Ciências de Lisboa, cujo nome chegou a ser apontado.



EGAS MONIZ, eminente sábio e prêmio Nobel de medicina, que desistiu por motivo de saúde.

FOTOGRAFIA INÉDITA, e não recente, da família do candidato da União Nacional, cuja publicação devemos a uma gentileza de parentes do Gen. Craveiro Lopes residentes no Rio: sua espôsa, dona Berta Craveiro Lopes, e seus filhos, João Manoel e Nuno.



★.

representante do govêrno nem a orientação do dr. Rui L. Gomes.

Antes de serem declaradas essas candidaturas, outros nomes ilustres foram apontados para o importante pleito, como os de Júlio Dantas, insigne escritor e presidente da Academia de Ciências de Lisboa; dr. Albino dos Reis, presidente da Assembléia Nacional; e dr. Egas Moniz, eminente sábio e prêmio Nobel de medicina. O último desistiu da candidatura, por motivo de saúde, em favor do almirante Quintão Meireles.

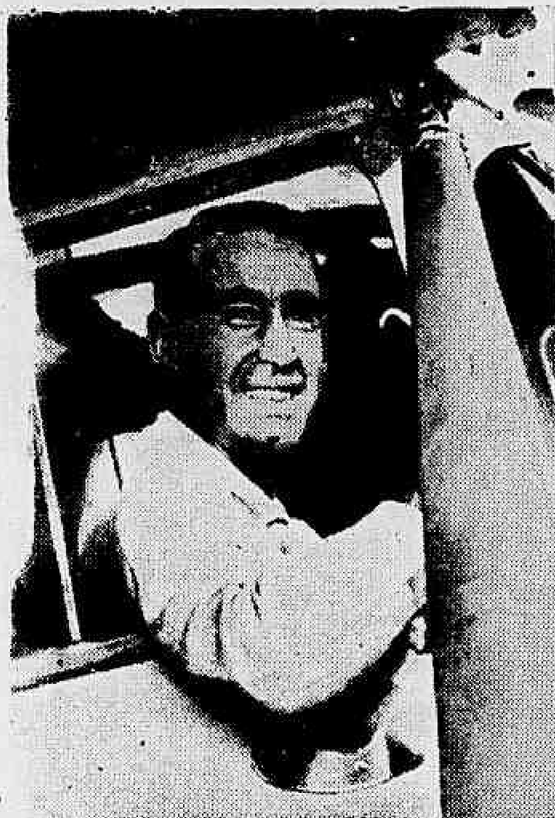
São, portanto, candidatos ao prélio de amanhã, três ilustres cidadãos: o General Craveiro Lopes, o dr. Rui Luís Gomes e o almirante Manuel Carlos Quintão Meireles. Um dêles sairá vencedor na pugna que dentro de vinte e quatro horas movimentará Portugal em todos os sentidos, e pouco mais tarde conheceremos o nome do legítimo sucessor do saudoso Marechal Carmona, que por um quarto de século exerceu o mesmo cargo, e cuja morte, recentemente ocorrida, foi muito sentida em todo o país.

Claro que o Brasil acompanha com grande interêsse o desenrolar das eleições no país irmão. E qualquer que seja o resultado, servirá para atestar o grau de simpatia e de comunhão de idéias entre os dois povos.

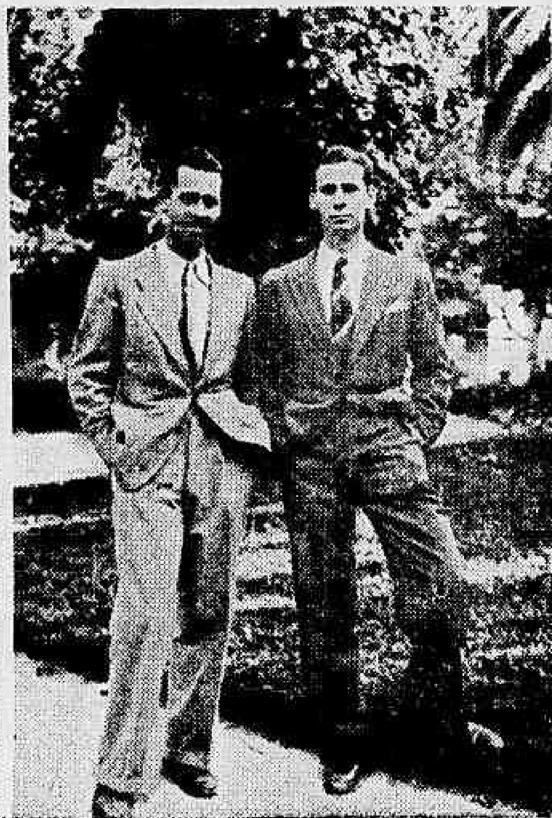
As fotografias antigas que ilustram esta página, do candidato General José Higino Craveiro Lopes, são inéditas e de grande interêsse para o leitor. Nós as obtivemos por gentileza de parentes do candidato da União Nacional, residentes no Rio. Se material fotográfico idêntico pudéssemos obter dos demais candidatos, aqui seria estampado, mas não foi possível consegui-lo.

Aguardemos, portanto, o resultado da pugna eleitoral de amanhã e saberemos então quem vai suceder ao saudoso Marechal Carmona, na presidência da República de Portugal.

★



OUTRO CURIOSO instantâneo do General Craveiro Lopes, que se vê dirigindo um avião de turismo



DOIS FILHOS do candidato da União Nacional — João e Nuno — em flagrante fotográfico mais recente.



GENERAL José Higino Craveiro Lopes em foto tirada quando era ainda tenente-coronel do exército.



AO CENTRO, o General Craveiro Lopes ladeado por dois colegas de armas, quando aviador. O candidato da União Nacional é filho, neto e bisneto de generais portuguêses e figura de prestígio no meio militar. E' também deputado à Assembléia Nacional Portuguêsa

"SEU" ISAAC DO BAZAR MONTE LÍBANO

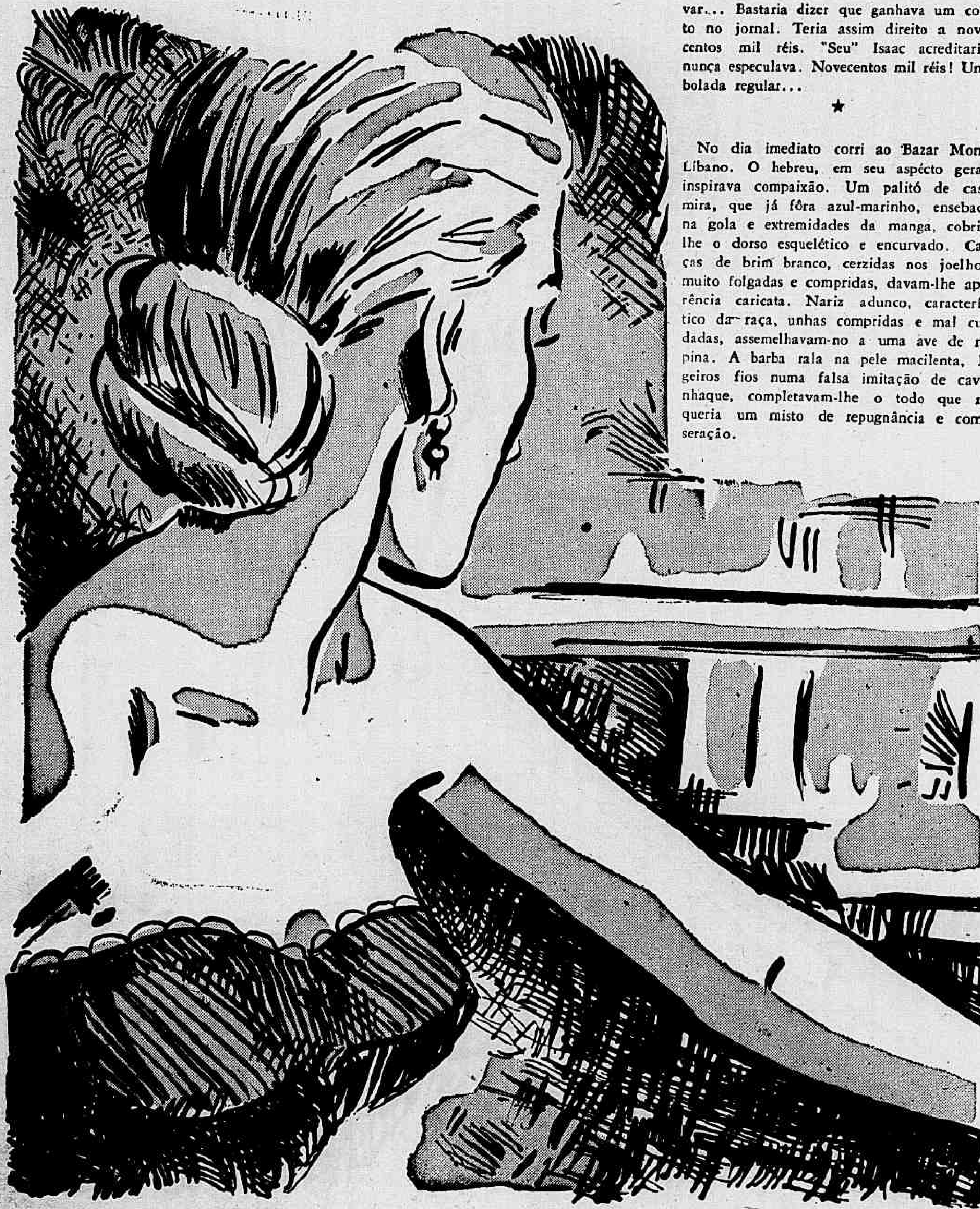
(CONCLUSÃO)

PRIMEIRO filho. Primeiro filho. Trezentos mil reis por mês. Nenhuma esperança de aumento. Um quarto sujo de pensão de terceira clásse. Nada de berço com cortinado. Nem camisinha de pagão rescendendo a alfazema. Enxoval, ora enxoval, coisa de gente rica, de burguês, nem se fala. Mal daria o dinheiro para comprar uns retalhos na loja de "seu" Isaac. Sim, "seu" Isaac. Êle emprestava dinheiro. Dinheiro a juros, é verdade, dez por cento ao mês, mas era dinheiro. Clotilde precisaria de médico, pelo menos de parteira. E seu filho poderia ter enxoval... Berço... Cortinado de filó... Camisinha de pagão cheirando a alfazema...

E uma súbita alegria apoderou-se de mim. Sentia-me feliz. Cheguei até a chorar. Duas lágrimas mornas e grossas rolaram-me pelas faces humedecendo a barda por fazer. Caminhei mais ràpidamente de retorno ao quarto da pensão. Beijaria Clotilde. Pediria perdão. Externaria meu contentamento pelo nascimento de nosso primeiro filho. Primeiro filho. Como é bom se dizer essa palavra, filho, filho, filho...

E pelo caminho ia matutando. "Seu" Isaac. "Seu" Isaac. Trabalhador, economico, servidor até. Não andava oferecendo dinheiro a torto e a direito. Gostava de servir. Amigo dos amigos, dos vizinhos e conhecidos. Quantas e quantas vêzes seu

NOVELA DE **MOACYR DUARTE**
ILUSTRAÇÃO DE **M. QUEIROZ**



dinheiro, mesmo a juros de dez por cento, salvára situações quase perdidas!? A irmã de Róque, o Inacinho que dera um desfalque, o Armando... Todos precisaram do dinheiro de "seu" Isaac, em algumas aperturas, hoje estão bem, contentes da vida. E o dinheiro do velho era bem, tão bom quanto o do Banco do Brasil ou do Hipotecário. Tirar dinheiro em banco, uma dificuldade. Tentara uma vez, as exigências foram tantas que desistiu: cadastro, avalistas, promissórias, uma série de complicações. Só mesmo gente rica, traquejada. Com "seu" Isaac a coisa era outra, tudo muito fácil, muito simples. Recebia duzentos, assinava um "vale" de duzentos e vinte. No fim do mês, zás, pagava. Em seguida mais duzentos, no mesmo instante, na mesma horinha. Ficava sempre duzentos na frente, adiantados, ou trezentos, quatrocentos, um conto... Dependia. Dependia da conversa, da lábia, do jeito de levar... Bastaria dizer que ganhava um conto no jornal. Teria assim direito a novecentos mil réis. "Seu" Isaac acreditaria, nunca especulava. Novecentos mil réis! Uma bolada regular...

★

No dia imediato corri ao Bazar Monte Líbano. O hebreu, em seu aspécto geral, inspirava compaixão. Um palitó de casimira, que já fôra azul-marinho, ensebado na gola e extremidades da manga, cobria-lhe o dorso esquelético e encurvado. Calças de brim branco, cerzidas nos joelhos, muito folgadas e compridas, davam-lhe aparência caricata. Nariz adunco, característico da raça, unhas compridas e mal cuidadas, assemelhavam-no a uma ave de rapina. A barba rala na pele macilenta, ligeiros fios numa falsa imitação de cavanhaque, completavam-lhe o todo que requeria um misto de repugnância e comiseração.

Ao ver-me adivinhou-me o pensamento. Se eu pretendesse qualquer coisa do bazar teria aguardado a hora regular da abertura do estabelecimento. Mas num horário daqueles sòmente um assunto muito pessoal e urgente levaria alguem a procurá-lo no cubiculo que lhe servia de dormitório. Antegozando um negócio rendoso recebeu-me acolhedoramente, um sorriso a bailar nos lábios finos, inexpressivos. Sem mais delongas fui direto ao assunto. Pleiteei o empréstimo: novecentos cruzeiros, ou melhor, mil réis. O velho regateou, achando a quantia excessiva. Exorbitava de sua possibilidades — dizia. Se fossem ao menos trezentos, quinhentos mesmo, iria ver se dava um jeito. Mas novecentos! Era muito dinheiro para um pobre comerciante, vivendo como vivia de seu pequeno negócio, sobrecarregado de impôstos, e tudo custando os olhos da cara. Se fossem ao menos quinhentos mil réis iria ver se dava um jeito — repetiu. Quase acreditei na sinceridade do velhaco, na sua manha de rapôsa sabida, tão bem disfarçada. O patife não queria arriscar tanto dinheiro num primeiro negócio, sem conhecer-me direito, sem garantias...

Contudo eu passara a noite fazendo contas, somando cifras, deduzindo aqui, aumentando alí, imaginando quanto poderia gastar num modesto enxoval, berço, médico e outras despesas suplementares que sempre aparecem à última hora. Poderia dispensar o berço... Mas não dispensaria, não. Sempre sonhara com um, de madeira ou vime, e eu balançando, balançando e cantando coisas que aprendera em menino... Menos de novecentos mil réis de nada serviria. Ou melhor, serviria em parte. Mas eu não queria em parte. Desejava que não faltasse nada ao meu primeiro filho. Absolutamente nada.

Não, não serve, "seu" Isaac. Ou novecentos ou nem um tostão. Recebo um conto no jornal, dá para pagar-lhe, se não desse o amolaria. — Menti. E' o "Diário da Tarde", pergunte ao gerente, se duvida de mim — arrisquei. Não duvidava não. Sabia que eu era um homem direito. Faria um sacrifício para arranjar-me o dinheiro. Voltasse amanhã, à mesma hora. Amanhã não serve, "seu" Isaac. Preciso do dinheiro hoje, agora mesmo, agora ou nunca. Se não puder não me ofendo com isso, procurarei um banco, os juros são menores... O agiota deu-se então por vencido. Desapareceu para reaparecer minutos depois segurando nove notas de cem mil réis. Entregou-me o dinheiro após fazer-me assinar um "vale" de um conto de réis. Anotou também o enderêço do jornal e da pensão.

★

Clotilde não acreditava em tanta felicidade. Muita sorte a minha. Novecentos mil réis! Acertar na milhar numa época daquelas, em que tanto precisavamos de dinheiro. Fêz-me jurar que jamais jogaria. Deus é justo, justo e bom — afirmava. Atendera aos seus apelos, às suas orações. E enquanto Clotilde agradecia a Deus eu relembrava a conversa com o judeu, os juros extorsivos, o "vale" que dificilmente poderia resgatar.

★

Prometera não jogar. Engraçado. Prometera não fazer uma coisa que jamais fizera. Não cumpri a promessa, ou melhor, o juramento. O "vale" em poder de "seu" Isaac martelava-me constantemente o pensamento. Seria impossível saldá-lo. Não havia com

(Cont. na pág. 34)



S. Eminência Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo da Arquidiocese do Rio de Janeiro, ao saltar no Santuário da Lapa, onde foi dar a bênção do S. S. Sacramento. Nesse templo a imagem ficou em exposição para veneração dos fiés, seguindo na manhã imediata, em avião da F.A.B., para o Norte do Brasil.

DESPEDE-SE DO RIO

A IMAGEM PEREGRINA DO CARMO

UMA PEREGRINAÇÃO PELO BRASIL INTEIRO QUE VALE POR UMA SAGRADA MENSAGEM DE FÉ ★ A BÊNÇÃO DO S.S. SACRAMENTO NO SANTUÁRIO DA LAPA E O EMBARQUE PARA O NORTE DO PAÍS EM AVIÃO ESPECIAL DA F. A. B.

FOI uma comovente demonstração de fé, recordando aos homens o seu destino imortal, o retôrno ao Cristo, fonte perene de vida, de verdade e de luz o que assistiu o Rio na noite de 4 e na manhã de 5 do corente. A milagrosa imagem de Nossa Senhora do Carmo que, na sua peregrinação pelos Estados do Brasil, veio abençoar a arquidiocese do Rio de Janeiro, fêz a sua última visita naquela noite ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Os fiéis ali compareceram para receber o escapulário da Virgem, ficando a imagem exposta para veneração durante algumas horas. À noite, realizou-se a Procissão Solene das Velas, percorrendo o trecho da rua do Riachuelo que liga o Santuário ao Largo da Lapa. Nas proximidades do Santuário da Lapa foi dada a bênção do S.S. Sacramento, por D. Jaime de Barros Câ-



Fiéis no interior do templo, depois da Procissão Solene das Velas, que fêz o percurso do Santuário de Fátima ao da Lapa, em devoção à Virgem.



Durante a noite de 4 para 5 do corrente, milhares de devotos visitaram a Imagem Peregrina do Carmo também recebendo o escapulário da Virgem.



A MILAGROSA IMAGEM de Nossa Senhora do Carmo, cuja peregrinação por todo o país vale por uma grata mensagem de Fé



Flagrante obtido no interior do Santuário da Lapa, depois da bênção do Cardeal Arcebispo. Nesse templo a imagem ficou exposta uma noite inteira, recebendo a visita de milhares de fiéis que se despediam da milagrosa santa. Vinte e quatro horas depois ela chegava a Salvador.



Dom Jaime de Barros Câmara no momento em que era dada a bênção do S.S. Sacramento.

mara. E a imagem peregrina ficou então exposta durante a noite inteira, para veneração, até a manhã seguinte, quando, em avião especial da F.A.B. foi transportada para o Norte do país. Vinte e quatro horas mais tarde, essa piedosa romagem vinha a repetir-se em Salvador, na Bahia, de onde a imagem Peregrina do Carmo continuará sua gloriosa excursão para Recife, ali participando das festividades do Escapulário.

Aqui no Rio, a imagem teve ocasião de visitar a Vila Militar, onde foi recebida pela oficialidade e tropa, que formaram alas desde Deodoro até à igreja Castrense da Vila. Foram dias de muita beleza e esplendor religiosos os que viveram na capital da República. E afinal, o que estamos vendo é a Nação inteira aclamar entre júbilos festivos a passagem da Celeste Peregrinação pelas capitais, cidades e aldeias. E a Mãe Imaculada continuou sua viagem de piedade por todos os quadrantes da terra brasileira, terra doce e amável, boa e carinhosa.



A procissão dá entrada no templo da Lapa, feito o percurso desde o Santuário de Fátima.

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUAL A VELOCIDADE HORÁRIA DE UM «PEIXE VOADOR»:

Vinte quilômetros?
Quarenta milhas?
Duas léguas?

2 — DE QUE FORMA MORREU O FAMOSO NATURALISTA PLÍNIO, O ANTIGO:

Afogado?
Em duelo?
Tragado pelo Vesúvio.

3 — COMO «CANTAM» OS GRILOS:

Fricionando as asas?
Pelo abdome?
Ou com a próprio bôca?

4 — ALÉM DO MEL, QUAL OUTRO GRANDE BENEFÍCIO E' FEITO A HUMANIDADE PELAS ABELHAS:

Matar formigas?
Produzir adubos?
Fecundar as plantas?

5 — QUE VEM A SER UM OBJETO «TABU»:

Sagrado?
O que não pode ser tocado?
Coisa selvagem?

6 — QUAL O FILÓSOFO QUE, SENDO ATEU, FUNDOU UMA RELIGIÃO:

Moisés?
Confúcio?
Calvino?

7 — DE QUEM FOI ÊSTE PENSAMENTO: «UMA HORA DE JUSTIÇA VALE MUITO MAIS DO QUE SETENTA ANOS DE ORAÇÃO:

Cristo?
Buda?
Maomé?

8 — QUAL O NOME CIENTÍFICO DA BERINGELA:

Solanun Melongena?
Cesalpina brasiliensis?
Cereus?

9 — QUE QUER DIZER «GONIALGIA».

Falta de memória?
Cegueira?
Dor nos joelhos?

10 — QUE NOME SE DÁ AO MÊDO QUE MUITOS TÊM DE SER ENTERRADOS VIVOS:

Fotofobia?
Tafofobia?
Metabolismo?

11 — EM QUE LÍNGUA FOI ESCRITO O VELHO TESTAMENTO:

Hebraica?
Aramaica?
Grega?

12 — EM QUE IDIOMA FOI ESCRITO O NOVO TESTAMENTO:

Em árabe?
Em grego?
Em hebraico?

13 — POR QUE MOTIVO FOI SÓCRATES CONDENADO A MORTE, POR ENVENENAMENTO:

Por ter raptado uma princesa?
Por negar-se combater em guerras?
Por ensinar uma nova concepção da vida, combatendo as superstições pagãs?

14 — QUAL O NOME POR INTEIRO DE CHOPIN:

Guilherme Frederic Chopin?
Frederic François Chopin?
Ou Michael François Chopin?

15 — QUE NOME TEM UMA SONATA ORQUESTRAL:

Sinfonia?
Swing?
Ópera?

(Respostas na página 52)

CINEMA

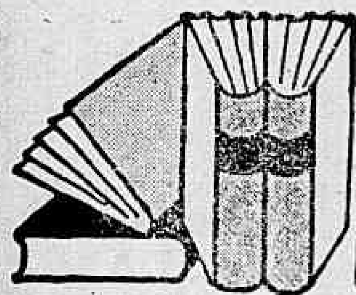
UMA FILHA ADOTIVA PARA JOAN FONTAINE



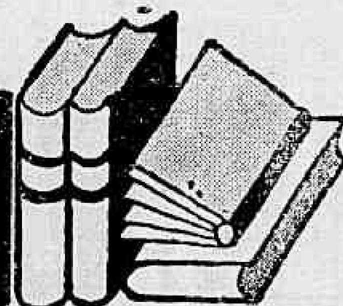




HOLLYWOOD, julho. (De EVE STARR) — Por ocasião de sua recente visita à América do Sul, onde foi participar do Festival de Cinema de Punta del Leste, Joan Fontaine encontrou inesperadamente uma bonita criança e resolveu adotá-la como filha. O fato ocorreu em Lima (Peru) **e a garotinha de cinco anos, Martita Pareja,** de pais extremamente pobres, acompanhou a «estrêla» no mesmo dia em que ela regressava a Hollywood. Sem demora Joan Fontaine passou a **cuidar da garôta, que nem sequer tinha vestidos apropriados para a viagem, correndo as despesas** por conta da sua nova mãezinha. E aqui a temos, agora com um vistoso guarda-roupa, estudando piano, aprendendo inglês e em vésperas de entrar para um curso de ensinamento geral. Joan Fontaine tem uma filhinha de dois anos, Deborah, que ficou muito feliz com o presente que lhe deu sua mãe depois de uma rápida ausência. Ela e Martita fizeram-se excelentes amigas, brincam como se tivessem sempre vivido juntas e não há, de parte da filha legítima, a mais leve manifestação de ciúme. Joan Fontaine espera dentro de dois anos voltar a Lima, levando consigo Martita para rever os parentes e certamente êles ficarão muito agradavelmente surpreendidos com a transformação que se terá operado na garôta peruana. Quanto a seguir carreira cinematográfica, a «estrêla» acredita que artista, basta ela mesma, na família. Nem Deborah nem Martita, por sua vontade, terão de enfrentar os projetores de um estúdio. No entanto a Paramount e a Warner es**tão vendo com muita perspicácia o aproveitamento de Martita** para um filme em que seria contado, em ar de ficção, o episódio real, por ela e Joan Fontaine vivido. Mais ainda, Joan Fontaine seria a protagonista do filme. E vão ver que um dêsses estúdios, senão um terceiro, levará a melhor, terminando por convencer a criadora de «Rebeca»...



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



JIRI WOLKER é um moderno poeta da Tchecoslováquia. Falando a seu respeito, escreveu, entre outras palavras, Sta. Neuman: — "Jiri Wolker é a figura mais característica e mais bela de nossa poesia socialista, e um modêlo de arte combatente. Sua poesia pertence a nosso povo, está estreitamente ligada a êle, e é na atualidade, como o foi há vinte anos, um chamado à luta e um canto à nova vida. As obras de Jiri Wolker expressam, acima de tudo, a madureza e o desenvolvimento político de nossa classe operária a partir do ano de 1918."

seguir para Londres, o "Teatro Folclórico do Brasil".

★

Gilberto Freyre irá a Paris, para o lançamento de uma tradução de suas obras naquela capital.

★

"O Cangaceiro", de José Lins do Rêgo, deverá ser apresentado, pela José Olympio, antes de novembro.

★

Pedro Bloch está obtendo outro ruidoso êxito teatral com sua nova peça, "Irene".

★

E por falar em teatro: "Manequim", de Enrique Pongetti, está exgotando lotações tôdas as noites no teatro do Copacabana Palace.

★

UMA FESTA A "JORNAL DE LETRAS"

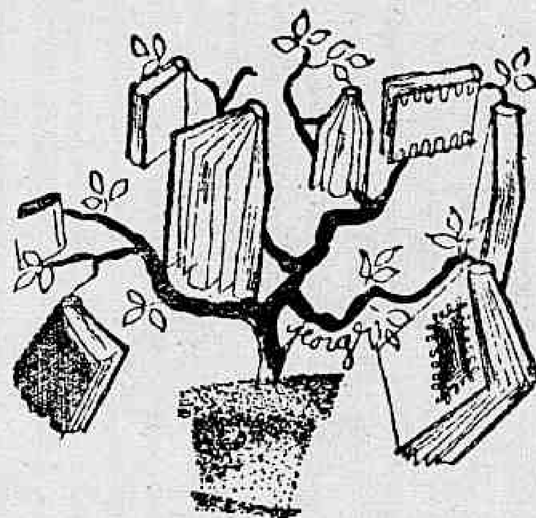
Festejando o segundo aniversário de "Jornal de Letras", nosso vitorioso mensário de literatura e artes, Pascoal Carlos Magno reuniu em sua casa, em ambiente da mais franca cordialidade e do melhor calor afetivo, amigos e admiradores dos irmãos Condé e quantos se agitam no nosso agitado mundo literário e artístico. Foi uma bonita festa, como as sabe arranjar o querido anfitrião, e teve lugar precisamente no dia 30 de junho, nas alturas floridas do Curvelo, em Santa Tereza, onde vibra o entusiasmo atual de Carlos Magno e se recorda a risada de Manuel Bandeira, o poeta outrora do Curvelo.

★

"ARTE E LITERATURA"

Acha-se em circulação o número de maio de ARTE E LITERATURA, Suplemento da "Tribuna de Petrópolis", que tem como Diretor o dr. Guilherme Auler, apresentando o seguinte sumário:

"Memória para meus filhos", manuscrito inédito da Princesa Isabel; "Manuel Botelho de Oliveira", por Afonso Costa; "A representação da Bahia na Câmara dos Deputados no Império", por Bulcão Sobrinho; "O Silvino Lopes que conheci", por João Vasconcelos; "A vaga no banco de proa", por Luís da Câmara Cascudo; "Ainda e sempre Silvino Lopes", por Nilo Pereira; "Camilo e D. Pedro II do Brasil", por Rocha Martins; "Uma defesa de tese", por Pedro Moniz de Aragão; "Poema de Amor, por



Vicente Amorim; "Acréscimos e Retificações ao Arquivo Nobiliárquico (IV), pelo Cel. Laurenio Lago; Poemas de Tasso da Silveira.

Divulga ainda ARTE E LITERATURA em fôlha dupla de papel couchê, um erudito trabalho de Gilberto Ferrez, sôbre um "Panorama do Recife de 1826-1832", ilustrado com uma grande fotografia do denominado "panorama de Steimann".

★

José Escobar Faria, autor de "Os Dias Iguais" e de "Poemas de Câmera", traduziu "Burnt Norton" (dos Quatro Quartetos), de T. S. Eliot. José Escobar Faria pretende publicar a sua tradução pelas "Edições Alarico", nova editôra da capital bandeirante.

★

Milton de Lima e Souza, cuja estréia se deu em 1947 com o "Abecedário Interior", publicará dentro de alguns meses um novo livro em versos.

★

Geraldo Vidigal, autor de "Predestinação", lançará um novo livro de poemas, intitulado: "Cidade". As ilustrações serão de Darcy Penteado.

★

O poeta de "Rumo Enxuto", Ruy Affonso Machado, casou com Elizabeth Henreid, jovem "estrêla do Teatro Brasileiro de Comédia. O casamento foi um acontecimento nos meios artístico-sociais de S. Paulo.

★

José Geraldo Vieira e Maria de Lourdes Teixeira voltaram da Europa, depois de uma ausência de dois meses. Dia 13 do corrente. Sérgio Milliet voltará definitivamente de Paris. E até o princípio de junho a escultôra Pola Rezende voltará de uma viagem pela França e pela Itália.

NOTICIÁRIO

A Câmara Municipal de Juiz de Fora, votou uma moção de aplausos ao escritor Dormevilly Nóbrega, pela série de estudos que tem consagrado, na imprensa daquela cidade, a vultos eminentes de Minas Gerais, com o título geral "Figuras de Minas".

★

João Guimarães vem de tirar uma segunda edição de seu "Distrito Federal", da série da Melhoramentos, "Através do Brasil", obra que já comentamos nesta página, quando de sua primeira tiragem, aliás aconselhando à prefeitura a adquirí-la para colocá-la à disposição dos turistas, assim contribuindo para a propaganda do Rio.

★

Guimarães Rosa está adaptando para a emprêsa cinematográfica Vera Cruz, um dos contos de seu consagrado livro" Sagarana", a ser filmado em breve.

★

Ainda no domínio do cinema: David Nasser, nosso repórter internacionalmente famoso, compositor, escritor e poeta, acaba de entregar, também à Vera Cruz, uma biografia do compositor Noel Rosa.

★

Por seu lado, a Maristela vem determinar a filmagem de uma versão livre do conto de Moteiro Lobato. — "O Comprador de Fazendas", uma das melhores histórias do mestre de "Urupês".

★

Depois de sensacional e longa temporada em São Paulo, encontra-se no Rio, para uma série de espetáculo de despedida, antes de

Exortação

JORGE DE AZEVEDO

Aceita, sem revolta, o sofrimento
que a vida, dia a dia, te oferece,
procurando no amor o esquecimento,
pois só à luz do amor a alma se aquece.

Perdoa o que te ofende, num momento
doloroso, que nunca mais se esquece.
E pensa, e sente a dor do mundo cruento
que a maldade dos homens enlouquece.

Contempla e ouve as estrêlas na amplidão
cujo fulgor é a luz dos que, sem pão,
rolam na noite, de misérias cheia.

E esquece, assim, o mal que te circunda,
pois, ao grandioso sonho que te inunda,
é vã tôda maldade que golpeia...

Fora do Prelo

O GÊNIO E A GRAÇA — Celso Vieira & Irmã — Pôrto. — Em um primoroso gráfico, chega-nos do Pôrto o último livro de Celso Vieira: «O Gênio e a Graça».

Trata-se de uma obra que reúne crônicas e estudos, onde re-encontramos, nos lavores de sua prosa artística, um dos maiores estilistas que conhecem as letras brasileiras. Celso Vieira, sem dúvida, é o grande mestre contemporâneo de nossa prosa. Não vincam as suas páginas o vocabulário antiquado, nem as formas absoletas da sintaxe Não lhe infestam os períodos liberdades e falhas de linguagem, supostamente característica do português do Brasil. Por outro lado, não sentimos nesta prosa cheia de harmonia, colorida e expressiva, o trabalho do lapidário, cujas frases, cujo dicionário são de uma extraordinária espontaneidade, além de possuirem estrita propriedade: é, como na lição do poeta, a obra de arte perfeita, junto da qual não percebemos mais, sequer, a sombra dos andaimes, empregados na sua edificação.

Cada livro de Celso Vieira é uma volta enternecida àquele país que êle fixa agora em um dos substantivos do título dêste — o país da Graça. Escritor de originalidade marcante, personalidade acentuadamente de excepção, nenhum outro como o mestre de «Edimião», nos sabe transportar assim às claras harmonias do pensamento seleto, ao convívio das altas idéias, ao contato da beleza, através de suas formas mais significativas.

«O Gênio e a Graça» é uma epígrafe que reduz aos ambientes da inteligência e da estética alguns acontecimentos imperecíveis. Aqui encontramos, a máscara de Eça, sulcada pelo monóculo, exercendo seu mandato de renovador do romance. Mas, ao lado do ironista de Neuilly, vemos esvoaçar a branca túnica da formosa e gentil Beatriz Portinari, recordada através dos livros que a imortalizaram, os tercetos eternos da «Divina Comédia», e as páginas tocantes da «Vita Nuova». E, com êles, a Vênus que agitou a alma cálida do cantor dos Lusíadas, uma evocação dos últimos dias de Chateaubriand, a silhueta fina de Bilac, muitas outras páginas e figuras de palpitante perenidade, pela sua forma, quanto pelo tema que as anima. E que bem que é escrito êste grande, belo e comovente livro! Êle nos faz acreditar na existência de uma arte literária em que os valores plásticos, sensíveis, com um relêvo de escultura, se associam às belezas espirituais mais imponderáveis.

★

BANCO DE TRÊS LUGARES - Maria de Lourdes Teixeira — Edição Saraiva — São Paulo. Entre os romances destinados, pelo assunto e pela fatura, à glória, dos «best sellers», ùltimamente aparecidos, entre nós, nenhum se antepõe a êste «O Banco de três Lugares», de Maria de Lourdes Teixeira, apresentado na popular «Coleção Saraiva», daquela editôra de São Paulo.

Trata-se de um romance em que o folhetinesco ganha categoria, lembrando Daisy Fellows e outras cultoras do gênero que, mesmo quem não gosta de folhetim, gosta de ler. E' que neste livro encontramos vida vivida e não apenas aventuras novelescas. Com isso, um admirável estudo de psicologia infantil, que a autora trabalhou com interêsse e carinho, apresentando-nos reações lógicas, sensíveis, de uma menina colocada ingenuamente diante de graves problemas e do drama misterioso da vida e das relações humanas.

Leitura agradável e aliciante, arrastando-nos imperiosamente através de suas duzentas páginas, tão simpático e tão emocionante é o romance que não podemos evitar lê-lo de uma assentada.

★

GUSMÃO, O PADRE VOADOR — Renato Sêneca Fleury — Edições Melhoramentos - São Paulo Sem dúvida que é das mais curiosas — e das mais brilhantes — a figura de «Gusmão, o padre voador». Tal é também o título dêste instrutivo livro de Renato Sêneca Fleury, publicado pelas Edições Melhoramentos com ilustrações de Osvaldo Storni.

Irmão de Alexandre de Gusmão, outro vulto que jamais desaparecerá de nossa História, nem da História portuguêsa, o grande aeronauta enriquece extraordinàriamente o patrimônio de nossas glórias no setor das conquistas humanas em busca do domínio do espaço. Em capítulos simples e claros, Renato Sêneca Fleury conta-nos os sonhos e as batalhas de «Gusmão, o padre voador», cujo final se retrata nitidamente no belo e conhecido sonêto de Bilac: «Voar! Varrer o céu com as asas poderosas»...

O LIVRO ILUSTRADO



Um desenho do autor para o livro «Harolds Leap», história cômica para a juventude, escrito por Stevie Smith.

★

COLETANEA DE POETAS BAHIANOS — Aloysio de Carvalho Filho — Editôra Minerva — Rio. As distâncias, a geografia separam muito a família brasileira. De certa forma, somos como ilhas isoladas muito afastadas umas das outras e desconhecidas entre elas. O Rio, sobretudo, isolase das províncias, de que ignoramos quase tudo. E muitas vêzes a descoberta de um escritor de província que não escalou pela metrópole, revela um filão novo que nos desperta o maior entusiásmo.

Nesse sentido, deviam os govêrnos estaduais, reconhecendo uma situação de fato, promover bolsas para os seus valores novos, prêmios de qualquer espécie, mandando fazer obra periódica da revisão das glórias provincianas. Só o livro, pode iluminar um pouco nossa ignorância do que se faz, do que escrevem nossos confrades por êsses Brasis. Assim, o auxílio às edições de livros, aliás como fazem alguns governos, é o melhor meio de vencer o isolacionismo em tôrno dos escritores estaduais.

Ainda agora, estão nos ocorrendo estas considerações, diante desta antologia de poetas bahianos que pacientemente organizou Aloysio de Carvalho Filho, o escritor da Bahia que venceu a sua ilha espiritual impondo-se no Rio, onde acaba de conquistar um prêmio de Academia Brasileira. A obra vem apresentar ao público não apenas o guia poético da «boa terra», mas, inclusive, revelar muitos nomes desconhecidos que não puderam, ou não quiseram, passar pelo Rio, em busca de éco para suas atividades. Além disso, a «Coletânea de Poetas Bahianos» é tão completa como poderíamos desejar, começando pela musa brejeira de Gregório de Matos e vindo até os dias atuais, com um notável espírito de seleção. Pequenas biografias e uma escolha muito expressiva de poemas, apresentam-nos os irmãos bahianos, de vozes tão gratas sempre, quer quando essas vozes trazem os acentos condoreiros de Castro Alves, quer quando nos comunicam, em meios tons, a musa penumbrista de Rafael Barbosa.

Um prefácio claro e bem feito, do aspecto crítico-histórico enriquece ainda mais êste livro que retrata, através de seus poetas mais eminentes, o sentimento, o espírito, a cultura, o gênio da gente bahiana.

★

OUTROS LIVROS Contendo informações editoriais, trechos de livros, desenhos e o resultado de seu Concurso fotográfico, as Edições Melhoramentos estamparam o nº 9 de suas «Fôlhas Avulsas», repletas de sugestões úteis.

À MINHA NOIVA

SOARES DA CUNHA

Venho de muito longe... Ve-
[nho, Amada,
de uma viagem através dos
[anos:
percorri a gemer a longa es-
[trada
das dores e cansaços quotidia-
[nos.

Trago a alma ferida e amar-
[gurada
de lutas vãs por ideais insanos,
tendo apenas colhido na jor-
[nada,
em vez de glórias, rudes de-
[senganos.

Sinto como se houvesse re-
[gressado
de um longo exílio ao carinhoso
[solo:
estou cansado e triste, estou can-
[sado...

— Deixa tombar, feliz, mi-
[nha cabeça,
deixa que eu a repouse no teu
[colo,
e soluçando aos poucos ador-
[meça.



O TOCADOR DE CLARIDADES

REYNALDO BAIRÃO

O túmulo continua vazio.
Continua vazio e triste.
Continua vazio e triste
para esconder a podridão.
Entretanto, se o automóvel
ainda percorre a mesma dis-
[tância,
para se esconder da solidão,
a verdade dos deuses desconhe-
[cidos
está no equilíbrio dos objetos
abandonados sôbre o sofá.

(Do livro inédito: "O Tempo do Cansaço")

NEM CARA...

CINE TOCAIA...

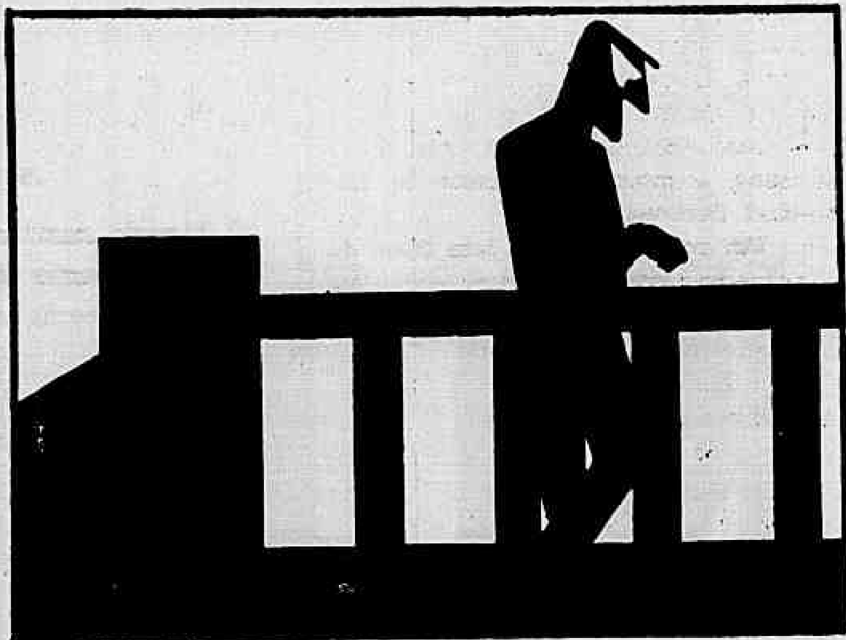
CRIME MORTE ROUBO → Cr$7,70

Miécio Caffé

A MORAL A MORALIDADE, DIZ ANATOLE FRANCE, "É A SOMA DOS PRECONCEITOS DE UM GRUPO". NADA RESTARIA NO MONTE DOS COSTUMES CONSIDERADOS SAGRADOS EM ALGUM GRUPO DEPOIS DE SE RETIRAR DELE TUDO O QUE FOSSE CONSIDERADO IMORAL EM OUTRO GRUPO. A MORAL É, POIS, RELATIVA. A SOCIEDADE ENCORAJA O HOMEM CONSIDERANDO VIRTU-



PRETO NO BRANCO



VEJA PAGINA 84



ALVARO EVANGELINO NOGUEIRA, o famoso «Mil-e-quinhentos», e sua terceira espôsa, sra. Justina Eulália da Fonseca Nogueira. Êle tem atualmente 89

QUANDO escrevíamos esta reportagem os jornais noticiavam a morte do *Cidadão Pingô*. Era êle um verdadeiro tipo popular, da cidade. Vai assim o Rio perdendo um pouco do pitoresco de outrora. Figuras características, vindas ainda do século passado, desaparecem pouco a pouco, deixando uma lacuna impreenchível na vida da metrópole.

Bigodinho, Bacurau, Polar, Pingô... foram tipos que marcaram época. Todavia, muitos outros ainda perlustram pelas ruas da Cidade Maravilhosa. O *Mil-e-Quinhentos*, por exemplo, é um remanescente da *velha guarda*. A sua popularidade e o seu apelido, ao contrário dos demais tipos populares, advieram de um fato histórico.

★

Voltemos os enormes ponteiros do relógio do tempo e vejamos os acontecimentos do comêço do século. O país inteiro preparava-se para comemorar o IV centenário do descobrimento do Brasil. A comissão organizadora dos festejos incumbiu o grande Bernardelli de perpetuar o acontecimento num monumento gigantesco. Foi feita





«MIL-E-QUINHENTOS» sempre foi estimado pelos colegas. Hoje aposentado, desfruta ainda de largo prestígio. Junto à estátua que o tornou popular, uma saudação aos presentes e ausentes, imitando o gesto largo do navegador luso.

CABRAL DESCOBRIU O BRASIL...

"MIL-E-QUINHENTOS" DESCOBRIU CABRAL

RECORDANDO O EPISÓDIO DA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO COMEMORATIVO DO IV CENTENÁRIO DO BRASIL ★ TEM 83 ANOS, 18 AFILHADOS, 26 COMPADRES, JÁ SE CASOU TRÊS VÊZES, E VIVE EM VILA ISABEL O HERÓI QUE TIROU O CAMPOS SALES DE UMA "SINUCA"!

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

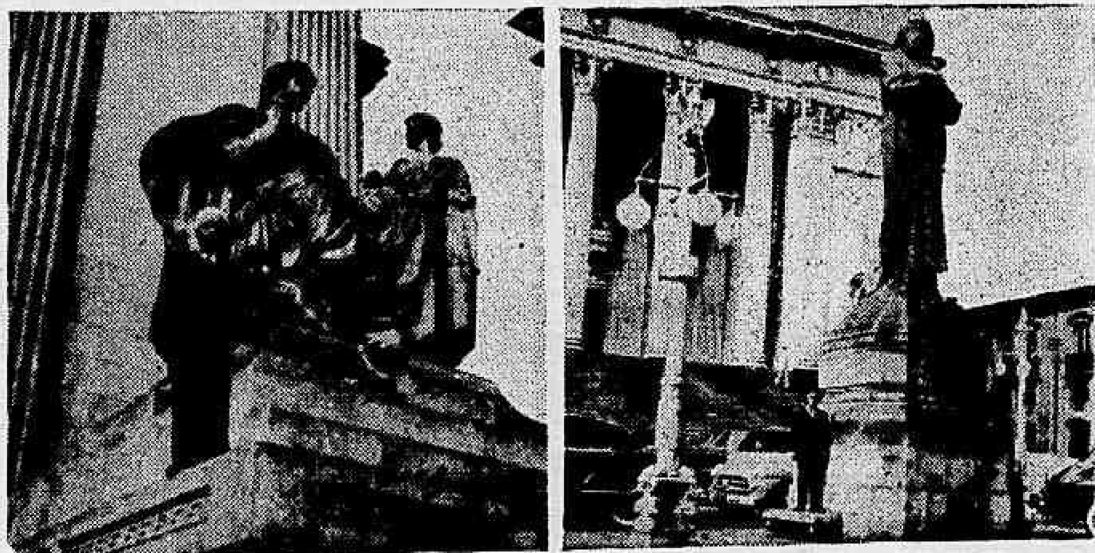


anos e ela está chegando à casa dos 60. No grupo, também aparece Biriba, cãozinho de estimação do casal, tão inteligente que só lhe falta falar.

a obra. E no dia 25 de abril de 1900 os jornais da época noticiavam:

... "Começou ontem a colocação dó monumento em bronze do ilustre Bernardelli, içando-se o colossal rochedo, sôbre o qual têm de ser postas as três figuras: Cabral, frei Henrique e Caminha..."

Em fins daquele ano inaugural do século, o Rio já pululava de gente importante. O sr. Camello Lampreia, representante de sua majestade — fidelíssima de Porutgal, vira-se abarbado com o atraso do cruzador luso "D. Carlos". O cruzador, finalmente, arribara ao nosso pôrto, trazendo a bordo o representante especial de sua Majestade, general Francisco Maria da Cunha. Fôra recebido ao largo pelos representantes do presidente Campos Salles e do ministro das Relações Exteriores, saídos ao encontro do cruzador, com certo e imaginável receio, a bordo da galeota "D. João VI". Tudo, no entanto, correu bem. Enviados especiais de inúmeros governos foram chegando. Começaram os bailes, fandangos, exposições. E, afinal, chegou o momento de inaugurar o monumento de Pedro Álvares Cabral. Momento que seria de indizível angústia e frustração, não



EM S. PAULO foi prêso porque subiu numa estátua. Aqui o vemos junto ao monumento de Tiradentes, talvez disposto a galgá-lo. Êsse emprêgo de contínuo foi adquirido graças àquela proeza de 3 de maio do ano de 1900...



fôsse o nosso herói, o *Mil-e-Quinhentos*, assim alcunhado por haver ligado sua história à de Cabral.

Eis o que publicou na sexta-feira, dia 4 de maio, a *Gazeta de Notícias*:

"Da embocadura do Catete ao Hotel Guanabara pôde-se calcular que estavam 50 mil pessoas apinhadas, ânsiosas de ver descer o véu que cobria a bela estátua de Rodolfo Bernardelli, a obra mais duradoura das festas do centenário.

O presidente da República chegou às 11,30 à praça da Glória, onde foi recebido no pavilhão alí levantado especialmente para S. Ex. e para os membros da diretoria da Associação do IV Centenário.

Às 11,40 horas da manhã, foram o sr. presidente da República e o sr. general Cunha, convidados pelo dr. Ramiz Galvão (vice-presidente da Associação do Centenário) a desvendar o grande monumento.

Suas excelências, passando por entre grandes alas de povo e pelas irmandades, chegaram até à base, puxando os cordões das cortinas que não cederam por estarem presas no alto do monumento.

Que momento terrível aquêle! Quem mais deve ter sofrido é certamente o sr. Bernardelli, ao qual se apresentava um obstáculo imprevisto, justamente no momento em que esperava ver, como que por encanto, sua obra querida descoberta de improvisso à admiração do público.

Um movimento de exaltação patriótica e de contentamento geral começava a manifestar-se quando o sr. Campos Salles e o general Cunha puxaram os cordões, que não cederam; o fermento criado pelo incidente inesperado, aumentava de momento a momento, até que o véu fatal caiu e a gratidão se traduziu num brado prolongado de entusiasmo, numa explosão de palmas que o ruido da artilharia não chegou a abafar. Naquele momento ouviu-se o hino nacional e as fortalezas, os navios todos surtos no pôrto deram as salvas de 21 tiros".

Ante o histórico que narramos impõe-se logo uma pergunta: "Quem foi? Quem foi o autor do trabalho herculeo e surrealista de descobrir o descibridor do Brasil? Bem. Agora, pedimos licença ao leitor, por cinco minutos, apenas. Já compilamos muitos jornais velhos, sujos, mofados. Vamos lavar as mãos, tomar um cafèzinho e fumar um cigarro. Depois apresentaremos o descobridor de Pedro Alvares Cabral.

....
....
....

Pronto. Aqui estamos de volta. O herói chamava-se Álvaro Evangelino Nogueira. Nascera a 8 de dezembro de 1868, em Laranjeiras, Estado de Sergipe. Menino ainda, aos 12 anos, fôra ter ao Recife, onde encontrou abrigo no velho e hospitaleiro solar de José Mariano, no Poço da Panela, e naquele tempo em que o nome do ilustre deputado abolicionista enchia o Brasil, pela sua obra luminosa de redenção humana. Era então um pequeno destinado a serviços domésticos. Lá, sem nada entender, assistira às apoteoses que envolviam as figuras de José Mariano e Joaquim Nabuco. Quando, depois, o velho tribuno resolvera fixar-se no Rio, trouxera Álvaro Evangelino, já rapazinho, e que, além de serviços domésticos fazia companhia aos filhos mais velhos, que eram José Mariano Filho e Olegário Mariano, o primeiro maior um pouco e o segundo ainda na infância.

Agora, aos 83 anos de idade, em sua residência, no bairro de Vila Isabel, *Mil-e-Quinhentos* rememora para o repórter aquêles tempos idos, dizendo:

— "Sempre fui levado da breca. No norte subia nos coqueiros com uma agilidade que espantava a todos; aqui no Rio, acabei subindo na estátua do Cabral. Era o hábito... era o hábito..."

— Mas... como foi que o sr. descobriu o Cabral? — perguntamos.

— "Ora, gente, todo mundo sabe disso. Os jornais da época já noticiaram e tôda aquela gente velha, como eu, daquele tempo, sabe como foi... O meu padrinho de casamento — Olegário Mariano — depois que se tornou poeta, escreveu a história em versos. E que versos bonitos! Só vendo! Vá falar com êle que lhe dirá coisas bonitas... Eu não tenho preparo...

— E'... mas o secretário da *REVISTA* não quer literatura... Êle quer que o sr. mesmo, na sua linguagem simples, nos conte o fato.

— "Ah!... que secretário bom" — exclamou *Mil-e-Quinhentos*. E tomando ares de quem vai revelar segredos:

— "Toma nota aí: olha, menino, pode escrever isso: eu nasci no dia 8 de dezembro — dia de Nossa Senhora da Conceição; me batizaram num dia 8 de dezembro; já me casei 3 vêzes, mas tôda vez que casava era no dia 8 de dezembro, pois Nossa Senhora é minha madrinha e minha protetora. Não sei, não, mas foi Nossa Senhora quem me ajudou e me deu a idéia... No dia da inauguração, que foi num dia 3 de maio (lembro-me como se fosse hoje) o largo da Glória, alí onde tem o relógio, ficou cheio de gente. O Exército e a Polícia estavam formados. Só os grandes podiam ficar perto do monumento. Havia um enorme corêto e um palanque onde estavam o presidente da República, dr. Campos Salles, e os ministros e convidados de honra. Um cordão de isolamento mantinha o povo à distância. Os soldados fizeram continência e o presidente da República desceu do palanque e se encaminhou para junto do monumento, que estava coberto por uma grande cortina verde-e-amarela. No momento exato o dr. Campos Salles puxou o cordão para o pano cair. Mas qual nada! O presidente puxou... puxou... e nada do pano descer. Nervosismo geral. Apreensão. Que fazer? Ah! nem gosto de me "alembrar". Eu tava cá no meio do povo. Me deu uma coisa na cabeça... Saí furando a multidão e cheguei junto da estátua. Os soldados não me viram passar porque ninguém olhava senão para o pano que não descia.

Como um relâmpago, enfiei por debaixo do pano e subi lá em cima da estátua. Com os dentes cortei o cordão que estava prêso no mastro da bandeira da estátua e o pano caiu. O presidente sorriu e ainda me viu descendo. Mandou que eu passasse no palácio do Catete. Fui, no dia seguinte. Ofereceram-me 100 mil réis. Olha que 100 mil réis naquele tempo era dinheiro pra burro! Eu ganhava 60 por mês. Pagava casa, pensão, lavadeira, e ainda fazia o meu farolzinho com as mulatas... Mas, não. Não aceitei dinheiro. Aceitei, sim, um emprêgo como guarda civil

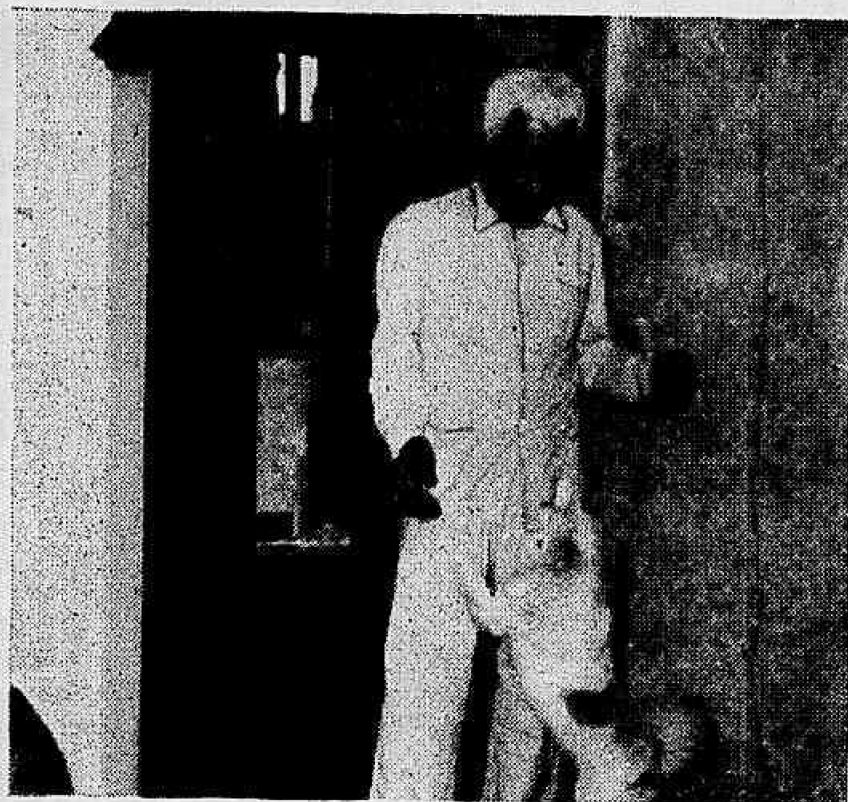
EM SUA residência (Vila Isabel) «Mil-e-quinhentos» se diverte com o Biriba e vive de recordações.



— «QUISERAM me dar cem mil réis como prêmio. Dinheiro p'ra burro. Rejeitei. Ganhei o emprêgo».



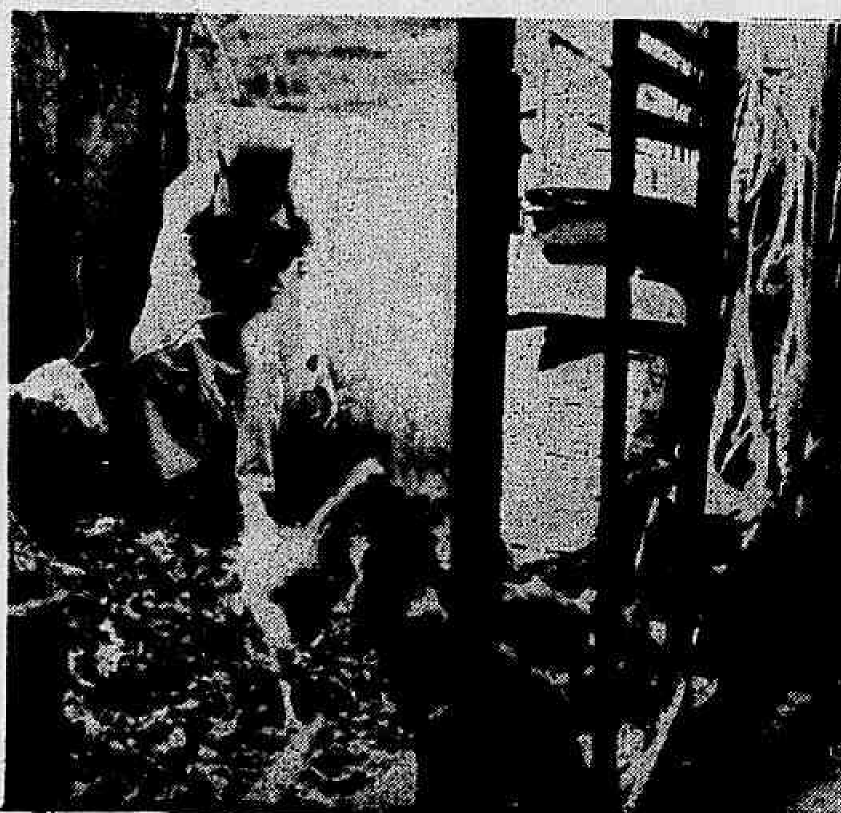
AGORA êle está aposentado, mas gosta de ficar em dia com os acontecimentos do Brasil e do mundo.



AOS SESSENTA janeiros, d. Justina ainda costura, enquanto o sr. Alvaro Evangelino lê os jornais.



PARA domingos há sempre uma galinha no quintal. E «Mil-e-quinhentos» é quem vai pegá-la.



— «AQUI ONDE me vê, com êste cãozinho, conheci grandes homens no princípio do século».





«MIL-E-QUINHENTOS», o homem que descobriu Cabral. Em baixo, detalhe da estátua onde a cortina ficou prêsa.

na Câmara. E de guarda civil passei a servente, depois contínuo e finalmente, hoje estou aposentado como chefe-de-portaria.

Desde que descobri o Cabral, passaram a me chamar *Mil-e-Quinhentos*. Gostei do apelido. E só mesmo documentos importantes é que assino com o nome de batismo; no mais, para todos os efeitos, eu sou o *Mil-e-Quinhentos* — seu criado.

★

O sr. Álvaro fêz uma pausa e gritou lá para dentro da casa...

— "Jus-ti-na!!! traz um cafèzinho aí pro repórter..."

Oferecemos-lhe cigarros, êle recusou e agradeceu, dizendo:

— "Só gasto fumo de rôlo. Vocês, meninos de hoje não sabem sentir o verdadeiro prazer de fumar. O prazer não está em a gente puxar uma carteira bonita e pitar um mata-rato lavado, qualquer, não; e sim em apanhar o fumo no bolso, picá-lo com o canivete, amaciar a palha, fazer o cigarro e depois tirar boas tragadas. Isso, sim, é que é fumar".

E juntando a palavra à ação assim o fêz. Depois colocou o cigarro detrás da orelha e esperou o café.. Logo em seguida chegou a sua espôsa, d. Justina Eulália da Fonsêca Nogueira, trazendo o café.

— "Esta é minha patroa, disse sorrindo. Aliás, esta é a terceira. As duas primeiras foram... e eu fiquei. Mas desta vez parece que sou eu quem vai primeiro.

Em verdade, d. Justina é bem mais moça do que o seu espôso. Enquanto saboreávamos o moca, *Mil-e-Quinhentos* porfiava:

— "Tenho 18 afilhados, 26 compadres e um bocado de amigos. Servi a muitos deputados e muitos dêles tornaram-se meus amigos e protetores. Assisti e vi de perto a grandes acontecimentos históricos, desde a proclamação da República até à retirada do dr. Washington Luiz. Daí para cá a velhice foi aumentando e o entusiasmo desaparecendo.

Em São Paulo fui prêso porque subi na estátua do mausoleu do filho do estadista Carlos de Campos para deixar o meu cartão como sinal de minha visita. Fui em nome da lei (é como a polícia paulista dá ordem de prisão) para a cadeia. Durou poucas horas a minha prisão. O próprio irmão do falecido — sr. Ferreira Salles, pagou a fiança para mim. Era o hábito... O hábito é tudo. E ainda há quem diga que o hábito não faz o monge. O hábito de rezar pode não fazer um monge... mas o hábito de subir em coqueiros e depois nas estátuas fêz êste seu criado que se chama — *Mil-e-Quinhentos*.

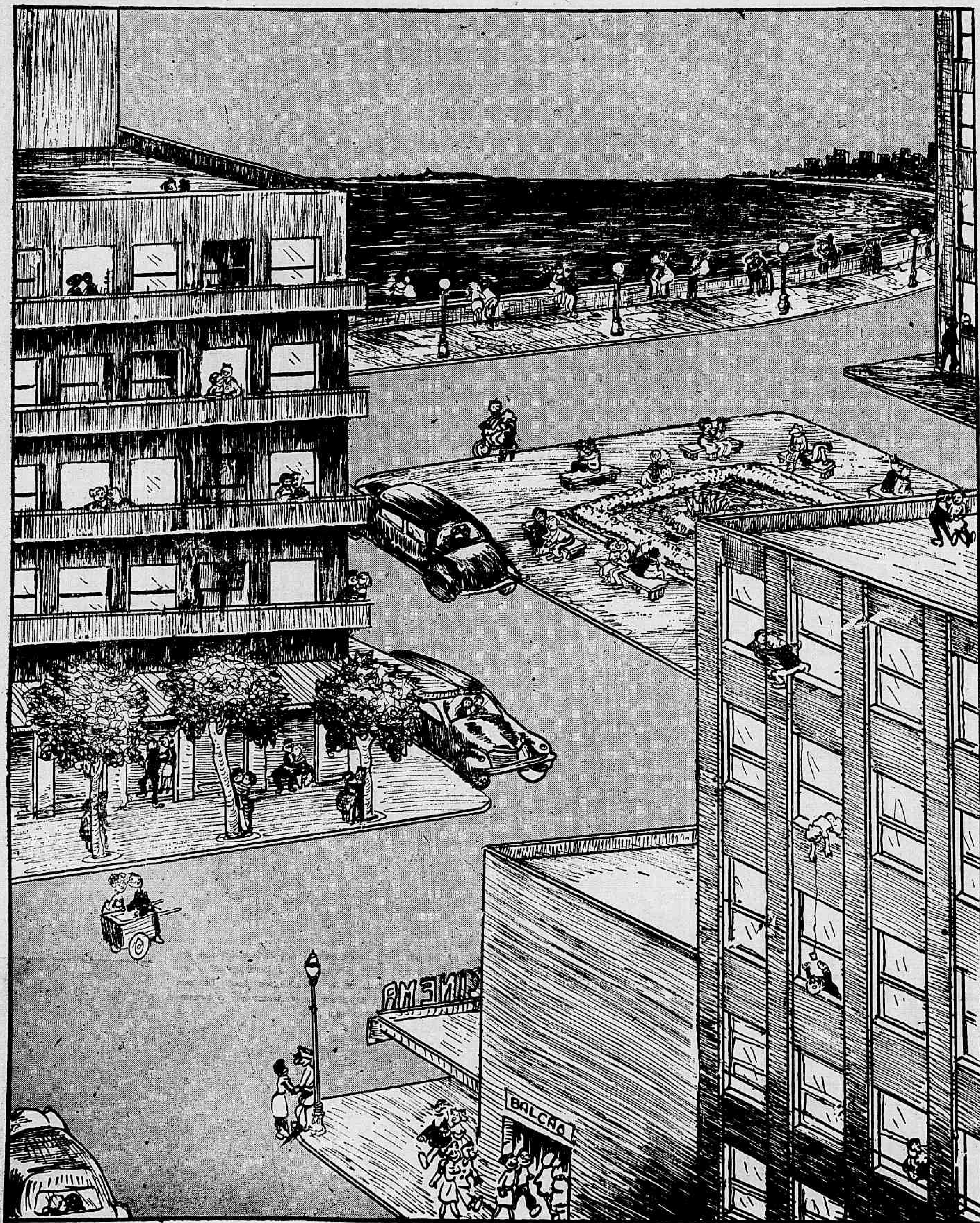


ESTE MUNDO E O OUTRO

CRIAÇÃO DE DARCY

CIDADE MARAVILHOSA

6 - AMOR DE RUA



ZÉ CARIOCA
NO COPACABANA PALACE

De OLDAR FRÓES



COMO RECEBO OS FAMOSOS CONTADORES DE ANEDOTAS DE PAPAGAIO.

CHAMO-ME Herodes e quero desde já frisar que não estou de acôrdo com o título acima.

Detesto que me chamem de Zé Carioca, pois sou de índole completamente diversa do colega de Hollywood.

Não sou papagaio de morro. Moro no Copacabana e espalhafato e vulgaridade são coisas que não estão em meus hábitos.

Já que estou meio irritado, aproveitarei para repetir o que disse na inauguração do Hotel Amazonas, quando representava a fauna da região: «Odeio anedotas de papagaio!»

Temos sido verdadeiros porta-estandartes de tôda a malícia e obcenidade do bicho homem.

Basta! Viverei bastante, pois o Criador nos favoreceu neste ponto e lutarei sempre pela nossa reabilitação moral.

Nós voltaremos (no plural não é plágio) a todos os lares, sem o perigo de inesperados palavrões. Já comecei nossa campanha moralizadora por cima.

Hospedei-me no Copacabana e usando a gíria grãfina «a gente bem me adora milhões». Entenderam? E' tão simples. «gente Bem» não deve ser confundida com «gente de bem»; muita gente pode ser «gente de bem» sem ser «gente Bem» ou... é melhor desistir. E' difícil nós do «grande monde» sermos entendidos ou explicados. Isto é tão cafageste...



MEU PERFIL PARA A POSTERIDADE



CONFESSO: AS BALZAQUIANAS ME DEIXAM ALVOROÇADO...

ZÉ CARIOCA NO COPACABANA PALACE



NÃO ADIANTA! NÃO BEIJO EM PÚBLICO.

Voltemos ao assunto. **Estou em** grande evidência. Tantos **são** os convites para coquetéis, **recepções, etc.**, etc., que contratei um **secretário. E'** rapaz moreno, atlético, que **além de** representar-me em **muitas daquelas** ocasiões, desembaraça-me **«Cadillacs»** na Alfândega e, também, casos amorosos... Tudo com **calma e proverbial** diplomacia...

Vou procurar resumir para vocês minhas atividades de papagaio-bem. Levanto-me às onze; faço ginástica e após a manicure mando entrar meu professor de canto, pois darei brevemente um recital em benefício da Fundação de Psitacose.

Isto, quando não há indesejável ressaca, nesta época de tanto uisque falsificado...

Almoço dentro dos princípios do «Coma e Emagreça», a fim de manter a forma esbelta, exigida pelas fãs.

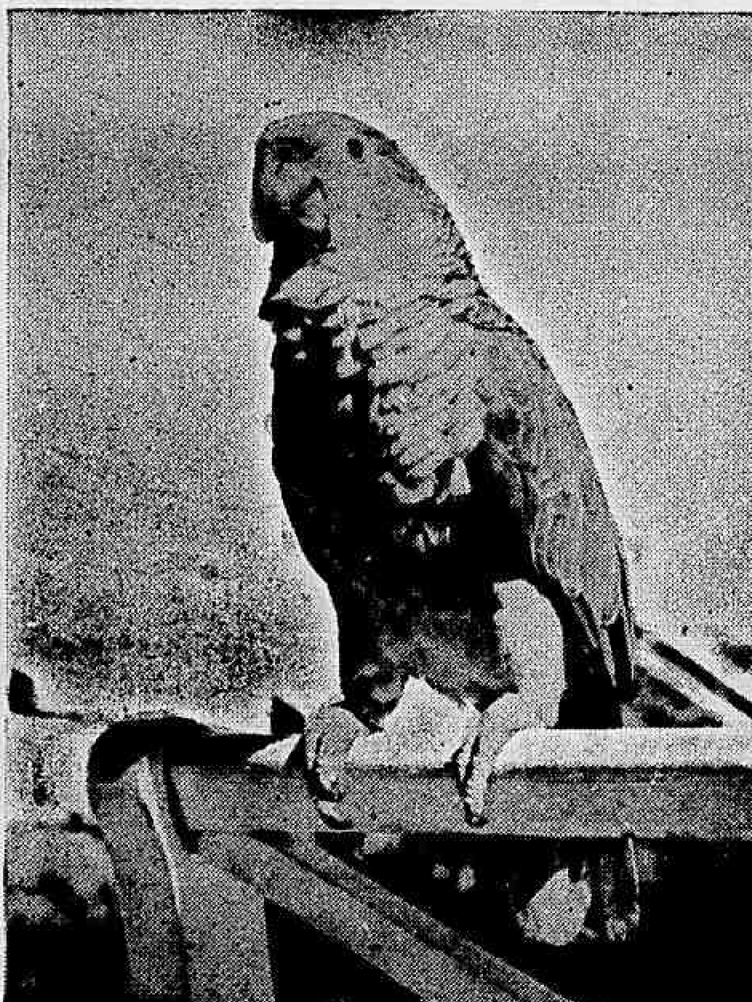
Mais tarde, despacho com o Secretário casos urgentes da nossa oprimida classe.

Dezesseis horas: aula de Russo. Como Ruy Barbosa, gosto de argumentar com os adversários em sua própria língua; e aquela faz muita falta **atualmente...**

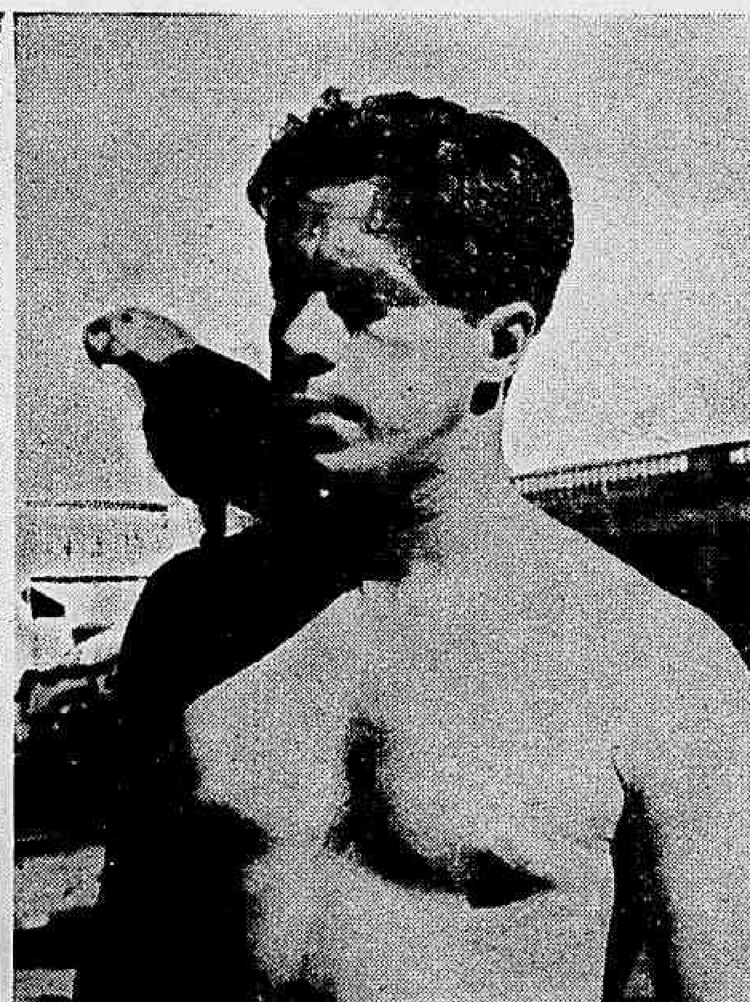
Modéstia à parte eu discuto, quer dizer, falo, em cinco idiomas: francês, inglês, espanhol, português e o **dos meus** ancestrais das selvas — o tupi-guarani.



POR FAVOR! FALE SEM ALISAR.



POSE DE ORADOR: A FOTO PREFERIDA

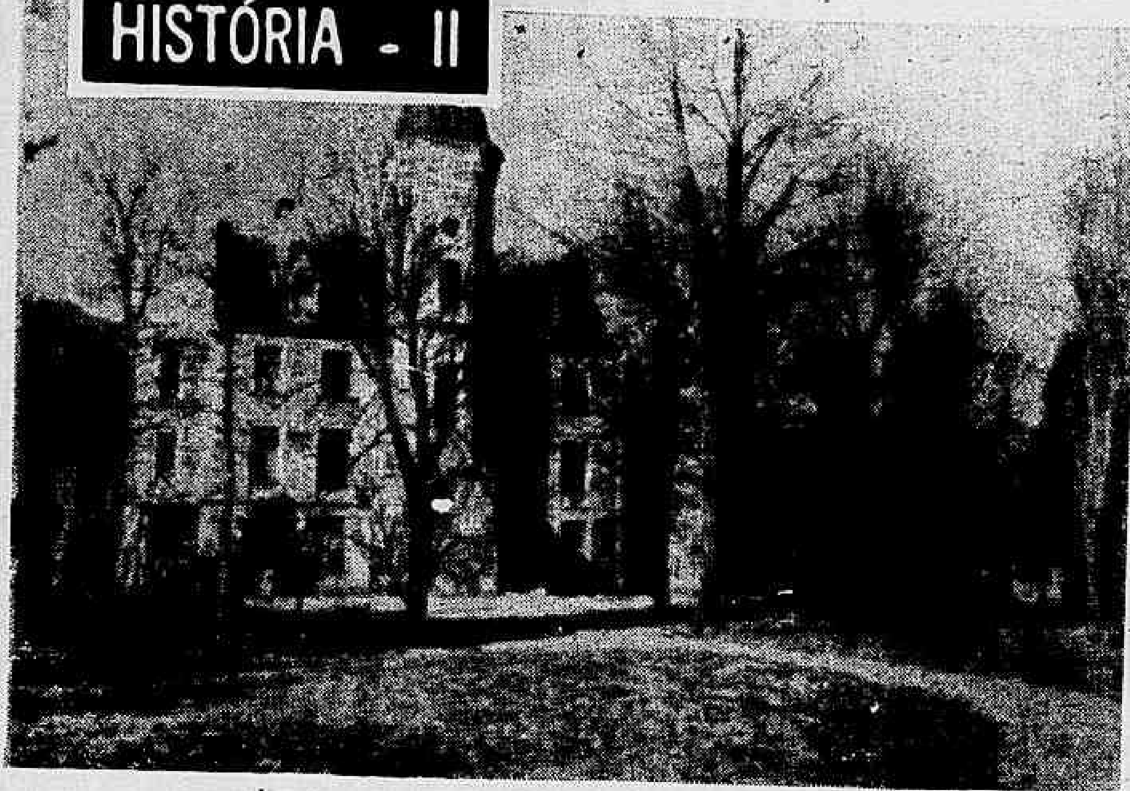


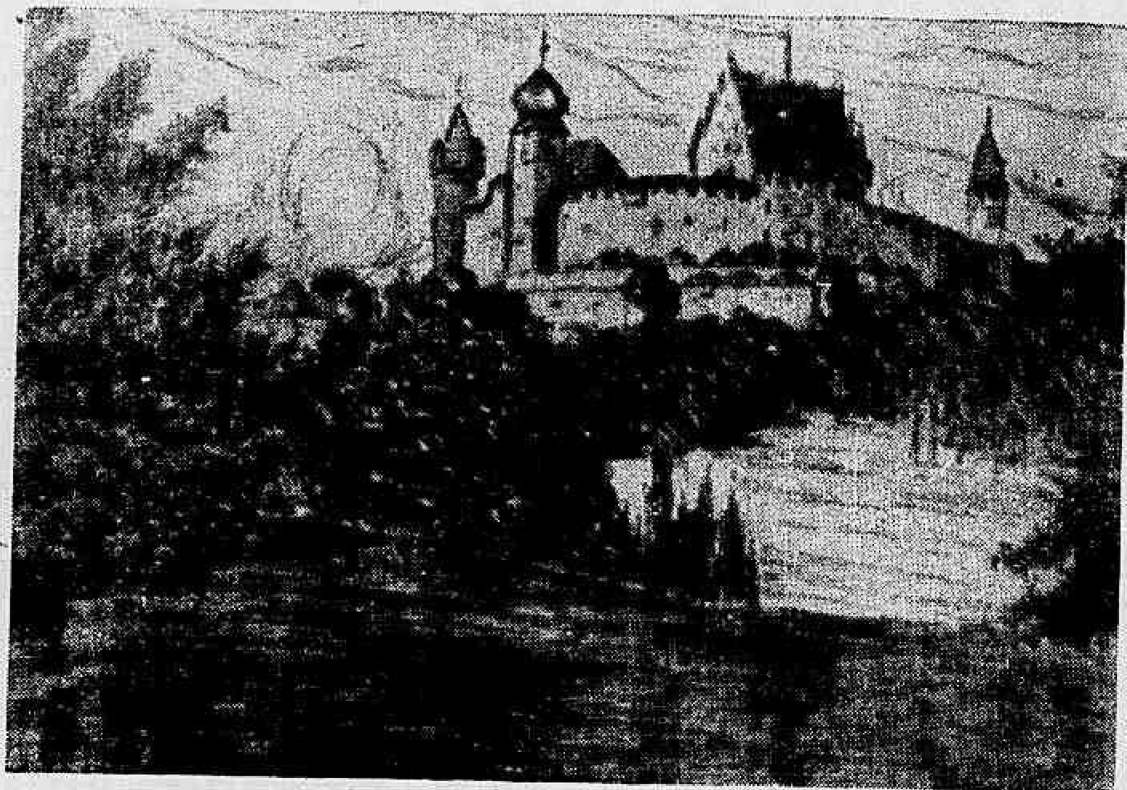
MEU SECRETÁRIO NÃO INFUNDE RESPEITO?



PERDÃO! O ASSUNTO DA REPORTAGEM SOU EU...

HISTÓRIA - II


CASTELO DE SCHLADNUNG, na Áustria, onde residiu e faleceu o príncipe D. Augusto Leopoldo, da dinastia que se iniciou no Brasil com Pedro I, seu bisavô.


O IMENSO Castelo de Coburgo, situado na Turíngia, propriedade rural e multissecular da Casa Saxe e que pertencia a D. Augusto pelo lado materno.

OS PRÍNCIPES DA CASA DE SAXE E A NOSSA MARINHA DE GUERRA

CLADO RIBEIRO LESSA

(CONCLUSÃO)

FALECEU no exílio, em Karlsbad, a 14 de setembro de 1907 o duque de Saxe, destituído arbitràriamente do pôsto de almirante pelo govêrno revolucionário republicano, havia disposto que seu coração fôsse embalsamado e conservado numa urna de ouro de Minas Gerais, e seu corpo sepultado com a farda de almirante brasileiro ostentando ùnicamente as nossas condecorações. Tão delicada e comovente lembrança numa época em que os mais esperançosos partidários do velho regime sentiam diminuirem dia a dia as probabilidades de uma restauração, e que consistiu num gesto que não teve a menor publicidade, diz bem alto do apêgo forte e sincero do viúvo de D. Leopoldina à Pátria Brasileira. Ésse sentimento, como adiante veremos, vicejou e floriu sempre no coração de seus filhos.

Foram êles em número de quatro, dos quais os dois mais velhos, particularmente, constituíram pelos dotes de caráter, inteligência e patriotismo, motivo de justo orgulho para o país. Foram êles, pela ordem de nascimento: Dom Pedro, Augusto, Luiz, Maria, Miguel Gabriel, Raphael, Gonzaga, nascido no Rio de Janeiro a 19 de março de 1866, e falecido a 7 de julho de 1934; Dom Augusto, Leopoldo, Fillipe, Maria, Miguel, Gabriel, Raphael, Gonzaga, nascido em Petrópolis a 6 de dezembro de 1867, e falecido no castelo de Schladming (Áustria) a 11 de outubro de 1922; Dom José, Fernando, Francisco, Maria, Miguel, Gabriel, Raphael, Gonzaga, nascido no Rio de Janeiro a 21 de maio de 1869, e falecido de um trágico acidente na escola militar de Wiener-Neustadt, onde se preparava para ingressar no Exército Brasileiro, a 13 de agôsto de 1888; Dom Luiz, Gastão, Clemente, Maria, Miguel, Gabriel, Raphael, Gonzaga, nascido em Ebenthal, na Áustria, a 15 de setembro de 1870. Êste último jamais estêve no Brasil. Casou-se duas vêzes: a primeira com a princesa Mathilde da Baviera; a segunda, com a condêssa Maria-Anna de Trauttmansdorf-Weinsberg. Faleceu há poucos anos na Áustria.

Em 1871-72 fizeram os Imperadores do Brasil sua primeira viagem ao Velho-Mundo. Já então era falecida D. Leopoldina (1). D. Izabel, a Princesa Imperial, casada há sete anos, parecia não haver de dar sucessão ao trono. Nessas circunstâncias a linha dinástica teria, pela ordem natural, que passar à descendência da filha mais jovem de D. Pedro II. O Imperador resolveu trazer consigo os dois netos mais velhos, D. Pedro Augusto Leopoldo, para que, criados e educados no Brasil, estivessem aptos pelo conhecimento de seus problemas e gente, para reger-lhe os destinos, caso a hipótese se verificasse. Foi uma resolução proporcionadora à nossa pátria de dois príncipes que, pelos dotes de caráter, coração e inteligência, tornara-se objeto de justo orgulho, tanto para o país como para a casa de Saxe-Coburgo, tão fértil em personalidades de escol. Não é improvável que para ela houvesse contribuído a sugestão feita por Francisco Adolpho de Vernhagen a D. Pedro II, em carta datada de Viena, a 4 de março de 1871:


SUA ALTEZA Imperial, a princesa Da. Leopoldina de Bragança. (Coleção de D. Teresa Cristina Maria)

"Se os Augustos Netos de V. M. I., Senhor, hão de ser um dia Príncipes do Império, todos os brasileiros desejarão que êles sejam criados e educados no Brasil; ao passo que nada perderá qualquer dêles com essa educação, se a sorte o vier a chamar a outro destino na Europa. E por menos provável que pareça o caso de poder a sucessão vir a recair até no quarto dêles, não pode conceber a tal respeito nada de impossível quem se lembre de que (na própria história de Portugal) para chegar a competir o trono ao venturoso D. Manoel, teve a morte que encarregar-se de levar antes dêle, se bem me lembro, uns quatorze que tinham primeiro direito ao trono de D. João II."

Esta triste hipótese felizmente não se verificou, e com o nascimento a 15 de outubro de 1875 de D. Pedro de Alcântara, Príncipe do Grão-Pará, seguido pelos de D. Luiz e D. Antônio, ficou afastada da linha mais jovem a perspectiva de sucessão. D. Pedro de Saxe tinha já nove anos de idade completos quando deixou de ser considerado o sucessor eventual de D. Isabel, sua tia.

D. Pedro Augusto de Saxe-Coburgo e Bragança apresentava grandes afinidades de espírito com o avô, e muitos o tinham na conta de neto predileto, enquanto outros davam êsse lugar a D. Augusto, temperamento oposto ao do Imperador, e que, talvez por isso mesmo, mais o atraísse.

D. Pedro era estudioso, reservado de índole, de grande precocidade na inteligência e no desenvolvimento do espírito. Bacharelou-se em letras pelo Colégio de Pedro II em 1881, com 16 anos de idade, durante a direção do Barão de Pacheco. A 1º de abril de 1887 recebia o diploma de engenheiro-civil pela nossa Escola Politécnica. Fortíssimo em matemáticas (2) e em Mineralogia, cultivava como distração, ou "hobby", como americanamente hoje se diz, o estudo da Numismática, ramo de conhecimentos em que chegou a ser a maior autoridade no nosso país. De sua autoria existem vários trabalhos originais de Mineralogia e Numismática impressos em pequenas tiragens e hoje raríssimos. Como seu augusto avô foi membro do Instituto de França, e com vinte anos fêz conferências aplaudidas na Sorbonne. Possuía, além das grã-cruzes de tôdas as ordens brasileiras, a da Ordem de Cristo de Portugal, a de Leopoldo da Bélgica e a Ernestina, de Saxe.

Como sentia pouca atração por festas e acontecimentos sociais, raramente comparecia a recep-

ções. No entanto, quando atingiu a maioridade, e mudou sua residência de S. Cristóvão para o palácio Leopoldina, teve ocasião de dar algumas à sociedade carioca, principalmente depois do seu regresso do Velho-Mundo, nos últimos tempos da monarquia, ocasião em que decorou sua casa com móveis, alfaias e objetos de arte trazidos da Europa. Exilado com os avós, os tios condes d'Eu e os primos, filhos dêstes, o príncipe não resistiu ao grande abalo, ressentindo-se-lhe ainda a bordo do paquete "Alagoas", as faculdades mentais, que, depois de passageira melhora, sucumbiram definitivamente. Os objetos pertencentes a D. Pedro de Saxe dispersaram-se às pancadas do martelo do leiloeiro J. Dias no dia 9 de janeiro de 1890. D. Pedro faleceu num sanatório em Tulln, na Baixa Áustria, a 7 de julho de 1934, aos 68 anos de idade e 44 de exílio, deixando um nome que será sempre lembrado com saudade e veneração, não só por todos os que o conheceram pessoalmente, como ainda pelos que, como o autor destas linhas, sòmente através de leituras e referências tiveram notícia de seus grandes talentos e virtudes.

D. Augusto Leopoldo, o secundo-gênito dos duques de Saxe, era de temperamento absolutamente diferente do irmão, puxando mais ao bisavô D. Pedro I, que ao Magnânimo. Elegante, amigo de brilhar, trocista, grande apreciador do belo sexo, ótimo companheiro para as travessuras da mocidade, manteve-se fiel à tradição militar das casas principescas, e seguindo a vocação paterna e o gôsto do avô pela marinha de guerra, ingressou como aspirante aos quinze anos de idade (15 de dezembro de 1882) na Academia, hoje Escola Naval, de onde saiu guarda-marinha em 1886, após brilhante curriculo escolar. Já oficial, serviu a bordo da corveta "Niterói", do cruzador "Almirante Barroso", e do couraçado "Riachuelo", havendo exercido a comissão de ajudante de ordens do chefe de divisão Eduardo Wandenkolk.

Estava no exercício da mais importante comissão, quiçá, de sua carreira, fazendo viagem de circum-navegação a bordo do cruzador auxiliar "Almirante Barroso", quando o golpe de estado do marechal Deodoro, a que se seguiu a retirada e logo após o banimento da família imperial, veio abrupta e dolorosamente arrancá-lo ao seio da pátria, dos amigos e da gloriosa corporação a que servia.

A 27 de outubro de 1888 partiam do Rio de Janeiro, sob o comando do então capitão-de-mar-e-guerra Custódio José de Melo aquêle vaso de guerra, levando para um cruzeiro, que duraria 21 meses, 46 oficiais, 15 maquinistas e praticantes, 10 oficiais inferiores e 269 praças de guarnição. Entre os primeiros destacava-se um jovem de cabelos e bigode louros, olhos azuis, elevada estatura e



D. PEDRO Augusto de Saxe-Coburgo e Bragança, quando aluno do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro

inconfundível distinção de maneiras: era o segundo tenente D. Augusto Leopoldo de Saxe-Coburgo e Bragança.

Há na história dos entes inanimados coincidências curiosas e significativas. Durante o regime monárquico a marinha de guerra brasileira viveu dias de grande brilho e glória, havendo ocupado em eficiência em certa época o terceiro lugar entre tôdas as do mundo. Nossos fastos navais eram comentados e estudados nas academias de todo o mundo culto, e até a Alemanha do Zollverein, ao criar sua marinha militar, lembrou-se de contratar para instruí-la uma comissão de oficiais brasileiros (3). Como que coroando numa apoteose essa época de esplendor que não voltou mais, a última viagem de instrução no velho regime seria feita em barco construído integralmente no Brasil, desde o casco e divisões internas, de madeira de lei das nossas matas, até o chapeamento de ferro laminado da fábrica de S. João de Ipanema, município de Sorocaba, e as máquinas de 2.400 cavalos-vapor, com caldeiras, cilindros, válvulas, excêntricos e hélices saídos das fundições e oficinas do arsenal da base do morro de S. Bento. Levando em seu bôjo um rebento da dinastia, ao qual não seria dado completar o circuito, como que o grande barco sentia que terminara sua missão e não devia sobreviver ao regime que o fizera nascer, e de cuja grandeza material e moral, e zêlo pela grandeza do nome brasileiro era, no setor naval, um eloquente atestado. Na viagem seguinte, já sob o regime republicano e comando do capitão-de-mar-e-guerra Marques Leão, a belonave brasileira sucumbiria em naufrágio durante a travessia do Mar Vermelho.

Custódio José de Melo, em seu livro "Vinte-e-um meses ao redor do Planêta" (Rio, 1896) descreve aquela viagem, transmitindo-nos alguns informes relativos ao príncipe D. Augusto e aos dramáticos momentos da despedida em Columbo (Ceylão), primeiro pôsto de escala em que o comandante teve conhecimento oficial, por telegrama, da mudança de instituições políticas no Brasil.

O itinerário da circum-navegação, que durou 21 meses, como diz o título, e mais dois dias, isto é, de 27 de outubro de 1888 a 29 de julho de 1890, foi o seguinte: Rio de Janeiro — Montevidéu (com ida e volta a Buenos Aires) — Punta Arenas — Valparaiso — Sidney — Yokohama — Nagasaki — Shangai — Hong-kong — Singapura — Batavia — Atjeh (extremo norte de Sumatra, onde o navio arribou para consêrto de avarias nas caldeiras) — Colombo — Bombaim — Aden — Djeddah — Suez — Port-Said — Alexandria — Nápoles — Toulon — Barcelona — Gibraltar — Bahia — Rio de Janeiro.

Em todos os portos de escala o comando e a tripulação foram objeto de especiais e cativantes homenagens por parte das autoridades e da população, mas em nenhum país tais gentilezas atingiram o ponto que tiveram no Chile, país proverbialmente amigo do nosso, sendo ali D. Augusto, como neto do monarca amigo, alvo de especiais gentilezas, não obstante viajar no caráter de simples oficial de marinha, e não no de representante da dinastia, circunstância que o republicaníssimo sr. Custódio não perdia oportunidade de salientar. Objeto de atenções particulares fôra já S. A. por parte do govêrno da República Oriental, como nos informa o comandante do "Almirante Barroso", a quem daremos a palavra:

"No dia seguinte ao da nossa chegada à capital da República Oriental do Uruguai veio ao nosso bordo um coronel, ajudante-de-campo do chefe dessa nação, o general Tajes, com a incumbência de cumprimentar, de parte dêsse chefe, o príncipe D. Augusto, 2º tenente, oficial do cruzador.

Ao referido coronel dei então a sentir que o príncipe agradecia a honra que por tal forma lhe dava

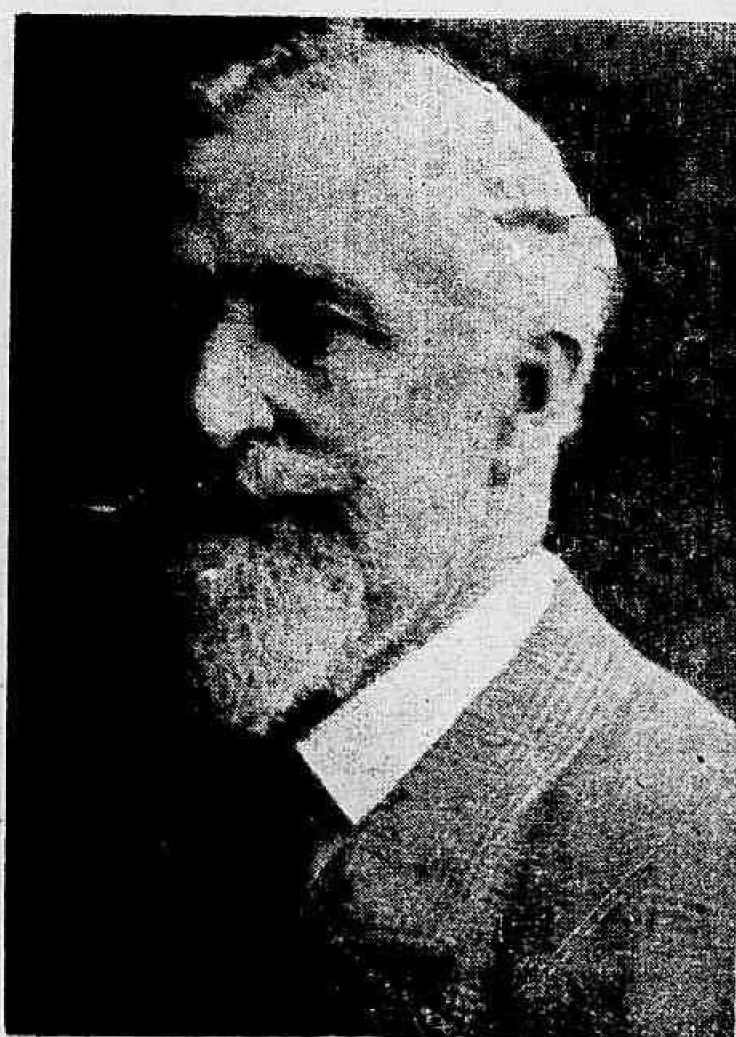
(Cont. na pág. 54)



O IMPERADOR D. Pedro II, num quadro no Castelo Magor, na Itália (Quadro da coleção já citada).



D. AUGUSTO Leopoldo de Saxe-Coburgo e Bragança, quando ainda aluno da Academia de Marinha.



O DUQUE de Saxe, viúvo da princesa D. Leopoldina, numa de suas últimas fotografias, na Áustria.





PENSAMENTO

A MULHER DEVE FAZER A FELICIDADE DE UM SÓ HOMEM.

BERNADIN DE S. PIERRE

"SEU" ISAAC DO . . .

(Cont. da pág. 28)

quê. E na esperança ilusória da sorte comecei a jogar no bicho. Jôgo de bicho não ofende — proclamavam muitos. E' o jôgo do pobre, não rouba tempo. Mas durante quase um mês o jôgo do bicho roubou-me tempo e dinheiro, contrariando, assim, a sabedoria popular. Estava incapacitado de escrever qualquer coisa, fôsse uma simples notícia ou registo social. Tinha apenas uma idéia, um pensamento fixo: a lousa do botequim da esquina, com os números premiados escritos a giz! E ficava o tempo todo imaginando que no fim do dia poderia ter sido eu o contemplado com a sorte...

Aproximava-se o fim do mês e a sorte não me favorecia. Piorára até a minha situação. Perdera no jôgo o que não poderia perder. Contraira dívidas com os colegas de jornal. Fôra repreendido pelo redator-chefe pois negligênciava o serviço. Saía em procura de assuntos para minhas reportagens e prostava-me à porta dos botequins ou das bancas de jôgo aguardando impacientemente o resultado do dia. E em cada tarde sofria uma decepção...

Enfim resolvi procurar meu credor, explicar-lhe a situação, comunicar-lhe a impossibilidade de resgatar a dívida no prazo combinado. Que esperasse mais um mês, algum tempo mais. "Seu" Isaac não se conformou com as razões expostas. Agrediu-me com palavras não podendo materializá-las. Ameaçou de levar o "vale" ao conhecimento do jornal, de cobrá-lo compulsòriamente. Não admitiria um só dia de prorrogação. Vinte e quatro horas após o vencimento iria pessoalmente ao jornal, e na presença do diretor e do maior número de pessoas contaria o calote que lhe impingira, a êle, pobre velho, vivendo de parcas economias. E iria também à pensão, contaria tudo a todos, não deixaria ninguém alheio ao assunto. Perderia o seu dinheiro, sim, provàvelmente perderia! Mas faria como que eu perdesse o meu emprêgo também!

O diabo do judeu tinha convicção do efeito de suas palavras. Certamente estava acostumado a tais expedientes. Um escândalo como êsse seria para mim completa desmoralização. Conheciam-me no jornal e na pensão como um homem honesto, trabalhador, incapaz de um deslise, de uma falta, de qualquer patifaria. Um escândalo dessa natureza seria o fim, mesmo porque eu não teria coragem de voltar ao jornal. E além do mais, com tôda certeza, seria despedido para não afetar a reputação do corpo redacional do conceituado vespertino. Pensariam que tomára o dinheiro emprestado para jogar. Tinham-me visto, diversas vêzes, conferindo "poules..." E por cima de tudo a mentira descabida: um conto de réis de ordenado. O redator-chefe acharia graça. Um simples repórter ganhar tanto quanto êle com dez anos de jornal. Seria um escândalo, sim senhor. Um escândalo que urgia evitar.

★

Passei então a odiar o dono do Bazar Monte Líbano, que queria tirar-me o emprêgo e manchar-me a reputação. À medida que se aproximava o fim do mês o ódio aumentava, crescia dentro do meu peito como fogo em palha sêca. Era um ódio surdo, concentrado, maior, muito maior do que o que votava ao fazendeiro Jerônimo, tio de Clotilde. E também diferente. Odiava tio Jerônimo pela sua riqueza, pelas suas terras, pelo seu egoísmo, pela sua indiferença aos parentes necessitados. Odiava-o de longe, passivamente, sem nunca tê-lo visto, sem saber ao menos se existia de fato. Odiava-o pelo auxílio que me deixara de prestar, pelo bem que se negara a nos fazer. Ódio, despeito, inveja, tudo misturado, isto é o que representava os meus sentimentos para com tio Jerônimo. Mas apenas por isto não seria capaz de apunhalá-lo pelas costas, de desfechar-lhe um tiro à queima roupa, de derramar-lhe na sôpa uma colher de arsênico.

Mas o ódio a "seu" Isaac era diferente. Êle procurava fazer-me mal, arrastar-me à rua das amarguras, enxovalhar-me o nome, tirar-me o pão de cada dia. A perda do meu emprêgo significaria, antes de tudo, o desejo do quarto da pensão. Clotilde grávida, sem ter para onde ir, e a humilhação de ver os nossos trastes na calçada, expostos à curiosidade pública. Clotilde grávida, poderia abortar, perderia o meu filho, meu primeiro filho... Todo êsse quadro fixava-se no meu pensamento forçando-me a tomar uma deliberação.

★

Foi então que resolvi matá-lo. Não me surpreendi ou emocionei-me ao assumir êsse propósito. "Seu" Isaac teria de morrer e nenhuma fôrça humana poderia impedir-me de matá-lo. O plano, adredemente preparado, surtiria os seus efeitos. Seria um assassinato premeditado, frio, estudado em seus mínimos detalhes, medido todos os prós e contras, e jamais alguém descobria o autor.

No dia exato do vencimento do "vale" levantando-me mais cêdo dirigi-me ao Bazar Monte Líbano, àquela hora da manhã ainda de portas cerradas. Por sob a camisa, apertada contra a cintura, levava a arma assassina. Caminhava calmo, resoluto, com passo firme e seguro, na convicção de que nada nêste mundo impediria o meu intento.

No instante exato em que ia bater à porta do quarto de "seu" Isaac, anexo ao Bazar, ela foi aberta repentinamente e com surprêsa vi surgir no limiar a figura de Róque, fisionomia desfeita, dando mostras de intensa emoção. Fugiu de mim como de um fantásma, sem sequer comprimentar-me. Surpreendeu-me o fato, mas o que lamentei, intimamente, foi ver frustrados os meus planos, tudo por águas abaixo, pois não poderia prosseguí-los após um encontro como aquêle.

Vencido, mais acabrunhado do que se tivesse cometido o crime, regressei para casa. Nêsse dia embriaguei-me, perdi por completo a consciência...

★

Chegando ao jornal, no dia imediato, notando algo de anormal nas fisionomias dos meus companheiros de trabalho, não tive mais dúvidas de que "seu" Isaac se me antecipara. Esperava a todo momento ser chamado a dar explicações ao diretor. E foi aí que o Guedes, o redator-chefe, me chamou. Perguntou-me como havia sucedido o fato, eu, como amigo do Róque, deveria saber. Estranhei a pergunta, não lhe entendi o sentido. Notando o meu espanto foi que o Guedes se abriu. Prepare-se para um chóque, velho. O Róque acaba de se entregar à polícia. Meteu uma faca nas costas de um gringo, dono de uma loja de quinquilharias, na rua da Consagração. O Róque devia-lhe dinheiro. Não podia pagar. O judeu ameaçou contar tudo ao diretor. O rapaz exasperou-se, perdeu a cabeça... Pobre Róque, boa praça! O "Diário" publicará hoje o seu último artigo, qualquer coisa sôbre juros extorsivos, agiotagem. Será uma espécie de homenagem póstuma... em vida.

★

Quando o Guedes acabou de falar quase não me podia suter em pé. Saí do jornal sem direção certa, como um ébrio. Lá adiante avistei uma igreja. Encaminhei-me para ela. E rezei. Rezei pelo Róque. Pedi perdão pelo crime que cometera por mim.

FEIRA LIVRE DE AUTOMÓVEIS

ONDE O CÂMBIO NEGRO TEM SEU QUARTEL-GENERAL ★ UM NEGÓCIO ILEGAL QUE A POLÍCIA COMBATE ILEGALMENTE... ★ OS "REIS" DO CÂMBIO NEGRO SÃO PESSOAS DE GRANDE INFLUÊNCIA NA POLÍTICA. MAS NINGUÉM PODE ACUSÁ-LOS PORQUE ÊLES TÊM "TESTAS-DE-FERRO" ★ SENSACIONAIS REVELAÇÕES SÔBRE A CARTEIRA DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO DO BANCO DO BRASIL

Reportagem de VINÍCIUS LIMA

PARA a realização desta reportagem foi necessário recorrer a uma série de subterfúgios. Dessa forma conseguimos obter as fotografias que ilustram êste trabalho, dando aos leitores uma idéia do que é o mercado negro de automóveis no Rio de Janeiro.

E' quase inacreditável que num país civilizado, haja, no centro da cidade, um pedaço de rua interditado à imprensa. Não há cordão de isolamento, nem polícia nem nada. Mas um repórter sabe onde tem o nariz. Sabe distinguir as caras e as intenções de cada indivíduo através da máscara. E se as coisas lhe correm bem ou mal, a voz da experiência o orienta.

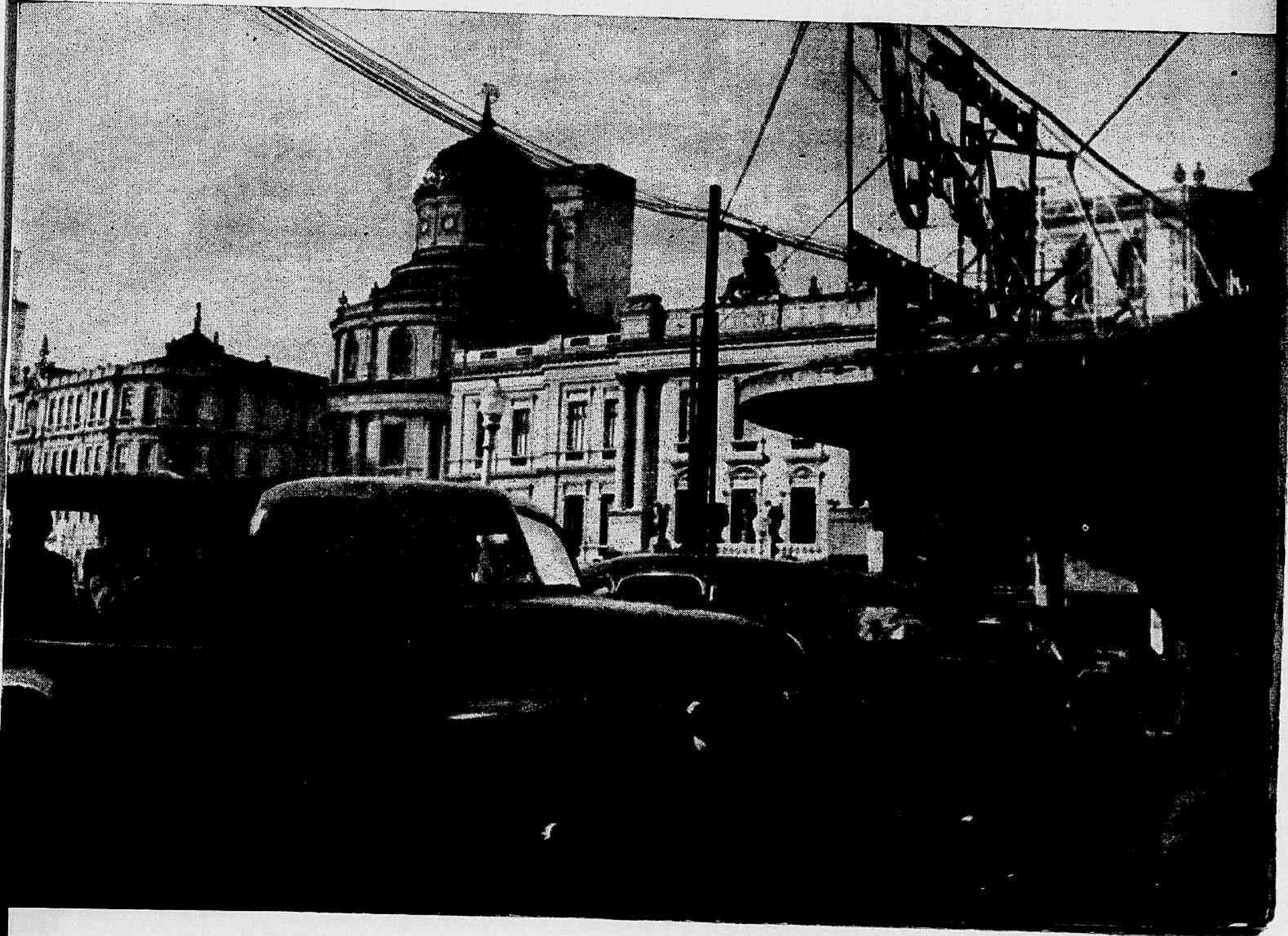
Chegamos no "mercado de automóveis" quando os negócios iam às mil maravilhas. Em cada recanto um homem mal encarado estudava as pessoas, bancando o psicólogo... Mal vestidos e com nossa máquina sob disfarce começamos o trabalho, sem que um dêles sequer desconfiasse. Depois que tudo estava pronto olhamos para um lado da rua: havia um quartel de polícia. Para o outro: um jornal. Mais outro: uma igreja. Positivamente aquilo era uma falta de respeito, ou melhor, de vergonha. De quem? perguntará o leitor. Tentemos explicar:

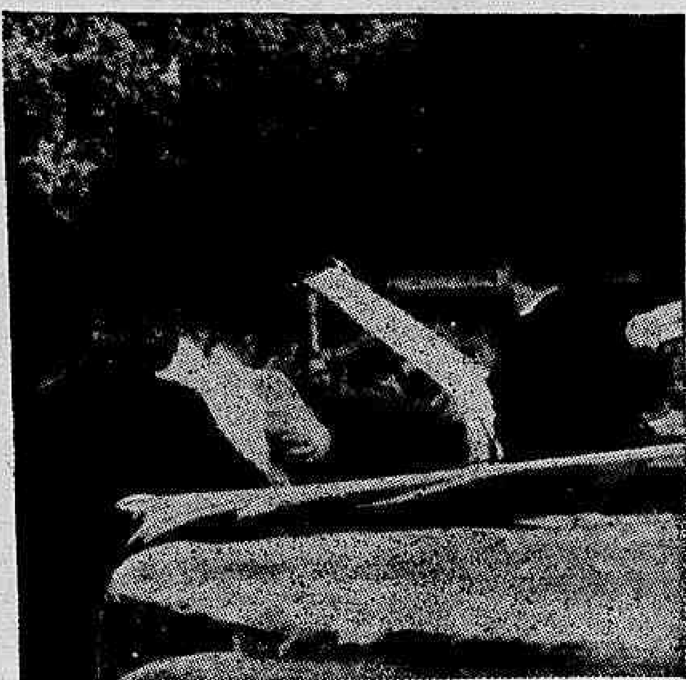
—O câmbio negro de automóveis é uma conseqüência da situação criada pela falta de divisas. O govêrno anterior comprou com os nossos dólares, pentes, escovas, estôjos de barba e petrechos de beleza, alagando o Brasil de cacarécos inúteis. Quando quisemos importar utilidades não havia mais dólares. O govêrno adotou a medida fazendo restrições inicialmente, depois através da Carteira de Importação e Exportação do Banco do Brasil resolveu controlar essas divisas, só permitindo a aquisição de mercadorias indispensáveis. Como era natural houve o escaceamento de tudo, principalmente de automóveis. Óra, num dia qualquer, alguém teve a idéia de fazer as contas a fim de saber por quanto chegaria ao Rio um auto comprado nos E.E. U.U., pagando as despesas de viagem de uma pessoa e mais o frete, o que era perfeitamente legal por ser "bagagem". Do negócio individual de tapeação às lêis, surgiram novas idéias. Idéias de negócios fabulosos, em massa, já que os preços oferecidos por carros novos deixavam margem a lucros fabulosos. Um cadillac, por exemplo, custava 5.200 dólares nos Estados Unidos. O dólar comprado no *câmbio negro oficial* com 25 % de acréscimo do câmbio atual, ainda era dígno de ser adquirido. Essas facilidades, foram proporcionadas porque havia no momento a falta de dinheiro entre os políticos que desejavam financiar suas

NOVA MODALIDADE de comércio no Rio — a feira livre de automóveis. Freguês examinando a mercadoria.



ENQUANTO SÃO prêsos os vendedores ambulantes de gravatas e muitas bijouterias, apesar de pagarem impostos, os vendedores de carros de luxo não pagam um centavo à Prefeitura, exercem o câmbio negro e, seja porque motivo fôr, andam em liberdade sem a perseguição da Polícia. Esta é uma reportagem com vistas a S. Excia. o Prefeito do D. Federal.




QUE TAL O TIPO? Serve? Máquina em ótimas condições e preço «daquêle geito».

campanhas. E como 10 % do dólar comprado era creditado ao próprio *banco!* Depois soubemos que êsse dinheio se destinava às eleições de 1950, o que vem provar que uma certa *Caixinha* era mais honesta porque vinha do jôgo do bicho.

No auge dessas negociatas, nas quais havia gente importante envolvida, que denunciarèmos depois de reunir a documentação necessária, houve candidados a cargos eletivos que de tão ambiciosos passaram a usar "testas-de-ferro" para diretamente fazerem os seus negócios. Dessa maneira não deixavam os 10 % ao B.B. e ganhavam mais os 900 % dos carros importados.

Como pode um país assim pensar em progresso?

O câmbio negro de automóveis é uma farsa tremenda, mas que só atinge os pequenos, os que trabalham para sustentar as misérias morais de meia dúzia de inescrupulosos.

A "Feira Livre" tornou-se portanto uma característica do mal. Cada capanga que espreita o repórter é um homem mau que não sabe fazer outro tabalho, e às vêzes, um homem bom que tem mulher e filhos para sustentar. O interessante é que êsse mercado ilegal, apesar de ser às vêzes hostilizado pela polícia, não pode absolutamente ser considerado criminoso. Alí estão vários homens que vendem o que é seu. Podem provar isso. A diferença é que êles vendem *o que é seu* por preço 5 vêzes maior que o da tabela. *Mas não são comerciantes, atacadistas, estão apenas vendendo um carro.* E ninguém, nem a alma de Henry Ford, pode impedir que uma pessoa *ofereça* 350 mil cruzeiros por um automóvel que na América do Norte custa Cr$ 52.000.00.

A FEIRA PRÓPRIAMENTE

Fica no largo da Carioca o maior mercado de automóveis do Rio de Janeiro. Lá vão ter as pessoas que desejam adquirir carros novos, existindo os usados para despitar o negócio. Há sempre dois guardas *de serviço* no local, que, dizem, recebem comissão por carro vendido, fazendo por isso "vista grossa". O ponto escolhido é o ideal por ser o estacionamento mais à mão e de maior movimento, onde a maioria de carros grã-finos são guardados. Dessa forma, identificar os autos à venda sòmente é fácil a quem está interessado. Os interessados são ricos, claro. O pobre não se apercebe do que ocorre alí justamente porque as negociatas são feitas sob a vigilância da polícia e tem aparência legal. Existe ainda um fator importante que encobre as manobras dos "tubarões", o movimento descomunal de veículos que por alí transitam. Veículos e pedestres. Os veículos entram e saem a tôdo instante, encobrindo assim os carros vendidos que se afastam do local levados pelos seus novos donos.

A CORRUPÇÃO E A FRAUDE

Num dêstes dias um amigo dêste repórter importador e exportador de muitos recursos, sabedor de sua intenção de recolher fatos escabrosos que estamos vivendo, disse simplesemente o seguinte: "E' perigoso, meu caro. Tão perigoso como nessas aventuras que vemos no cinema. Você está arriscando a vida e a arriscará ainda mais se se meter em negócios em que estão envolvidas pessoas de projeção!

Realmente apuramos que a degeneração é um fato. Assistimos a um leilão na Alfândega onde roupas íntimas de mulheres foram vendidas por preços quatro vêzes superiores ao da loja mais careira do Rio. Eram de Nylon. Cada lote dessa roupa leiloada, recebia lances altíssimos da mesma pessoa ou grupo. Sindicamos a história e soubemos que a lancha fôra "encontrada" pela Alfândega durante a fuga dos contra-

(Cont. na pág. 48)

O CARRO em plena via pública para ser vendido, embora muitos o ignorem



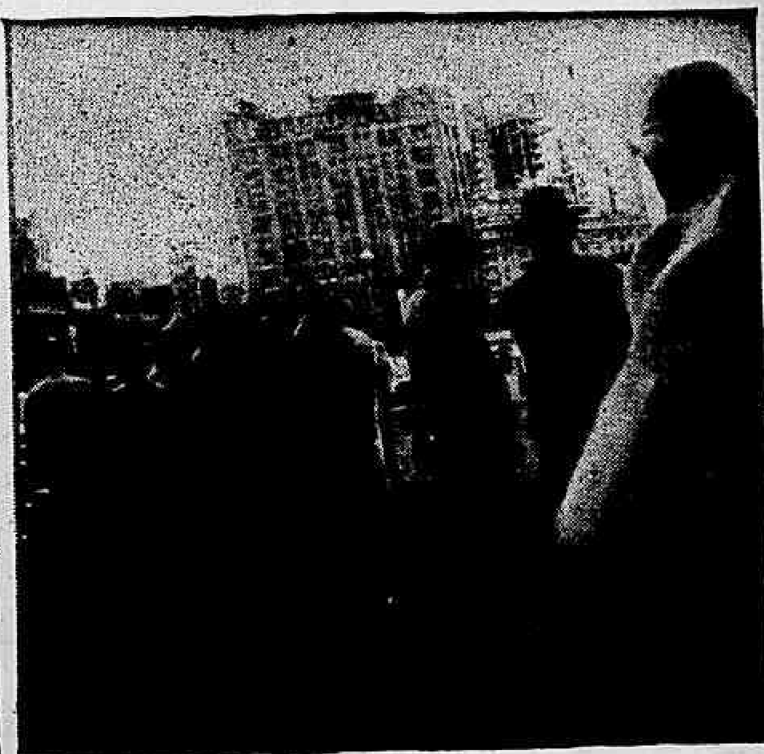
A FEIRA FICA ALI PERTINHO, no Largo da Carioca e funciona de segunda a sexta, onde o câmbio-negro de automóveis tem seu quartel-general. Dizem que há grandes figurões interessados no negócio, mas ninguém pode acusá-los pois têm seus «testas-de-ferro». Lá vão ter as pessoas que desejam adquirir carros novos, disfarçadamente, como quem não quer...



OS GRUPOS SE VAO FORMANDO em tôrno aos carros ali estacionados como se tivessem dono. E têm, mas o dono quer passá-los adiante pelo melhor preço. Já os comprou para isso.



NAO FOI FACIL bater estas fotos. Tivemos de bancar o comprador, «bancando» o turista, de máquina a tiracolo e uma aparente bolada de dinheiro no bolso traseiro da calça.



SEMPRE QUE OS VIGIAS davam pela nossa presença aproximavam-se indagando o que desejávamos naquele local. Mas a documentação da «feira livre» ilegalíssima aqui se encontra.

COITADO DO DANIEL

MUITA gente da vizinhança não gostava de D. Julieta. Achavam-na prosa de mais para a profissão que exercia: a de simples costureira! Não que d. Julieta deixasse alguem pensar isto, em voz alta. Ela se tinha na conta de grande modista sem sorte por precisar coser para freguesas de condições social infeior à sua.

— "Você, seu Daniel, é o responsável por tudo". Era a frase reptida, tôdas as vêzes que se via desfeitcada por uma cliente da redondeza, cujo vestido deixava muito a desejar para o preço exorbitante de sua confecção.

Mas, o dia de d. Julieta colocar-se no lugar que sempre sonhara, chegou. E chegou trazido pelo seu Daniel. Na alegria incontida de seu coração, d. Julieta pensava, pensava horas a fio no desenrolar de sua insônia construtora: — "Quem diria que êste pateta roncador pudesse ser candidato a deputado federal !"

Todavia, era verdade. Uma verdade evidenciada pelos cartazes amontoados a um canto da sala e pelo retrato pregado bem defronte de sua cama: "Trabalhador! Para o *teu* bem, *votai* em Daniel Gonçalves para Deputado pelo Partido da Fraternidade Social".

Quando os cartazes foram distribuidos para a colação, d. Julieta seguiu com o espírito cada um dêles como se fôra um pedaço de seu sêr que se prolongasse e ficasse dando vida àqueles dizeres repletos de sincera ansiedade, não de salvaguardar o bem do trabalhador que ela desprezava triunfantemente, mas em servir o seu orgulho de mulher frustrada.

— "Então, *dr.* Daniel o sr. é, também, canditado?"

Daniel olhou desconfiado e já preparado para revidar o possível deboche do seu colega de repartição: — o Tomaz. Contudo, qual não foi o seu espanto ao notar a fisionomia tôda aberta num sorriso de simpatia daquele que sempre o tratara com desprezo e zombaria.

— "Conte com o meu voto; sempre achei o sr. um homem capaz de figurar no panorama político de nossa terra! E tenho certeza de que fará bonito, de que saberá defender, com denodo, a causa do funcionalismo público. Onde estão as cédulas? O meu pessoal não votará em nenhum outro! Posso garantir-lhe".

Daniel trocou de bem com o céu e a terra discorreu sôbre todo o velho tema da democracia do "laissez-faire" que havia lido numa Revista e que vinha sendo requentado há vinte anos.

Se não fazia furor, também ninguem tinha coragem de dizer que não gostava; às vêzes, até aplaudiam-no com entusiasmo. D. Julieta que sempre o julgou um inútil escriturário, agasalhava-o, agora, com um ar de reconhecida admiração.

— "Bom-dia, d. Julieta".

— "Que deseja?"

— "Mamãe mandou trazer esta fazenda para a senhora fazer meu vestido para o dia do meu aniversário".

— "Óra, vejam só, que desafôro! Eu, senhora de um deputado, coser para gentinha como você e sua mãe! Leve êste retrato do *dr.* Daniel e mostre bem a tôda a sua família que chegou, afinal, o dia de provar a esta vizinhança ordinária, o que valemos. E rua, rua menina, que estou muito ocupada".

A história espalhou-se e d. Julieta era apontada com desdém:

— "Lá vai a deputada!"

Com o tio Marcos a cena foi outra. Rico fabricante de sabão, Tio Marcos habita um palacete vistoso da Avenida Atlântica. Arranjou emprêgo para o sobrinho Daniel e nunca mais quis tomar conhecimento da existência dêle e daquela d. Julieta, roída de inveja e despeito. Quando, naquela tarde de setembro o telefone tocou:

— "Chame o sr. Marcos da Silva Teles".



— "Quem deseja falar com êle?" o sr. Marcos é importante.

— "O sobrinho dêle, deputado Daniel Gonçalves".

Tio Marcos correu pessuroso ao telefone e ouviu a voz de d. Julieta:

— "O Daniel precisa do seu apoio e que o sr. o recomende aos operários".

— "Meus operários já escolheram os candidatos".

— "Óra, titio, isto é absurdo! Operário não sabe nada, o patrão é quem manda. O sr. mande pregar o retrato do Daniel na fábrica e declare que êle é o "homem".

O tio Marcos vacilou. Afinal, seria uma coisa agradável dizer: — "Este é meu sobrinho. Votando nêle, vocês não prestam um favor a mim, mas a nossa Pátria..." Deus me perdõe, acrescentaria intimamente, para ficar bem com a consciência. E, assim fêz. E, ofereceu um jantar no seu palacete ao Daniel, sobrinho e amigo, convidando os correligionários que mais, sinceramente, saborearam o champanhe francês, do que desejaram a vitória do Daniel.

Depois desta consagração, d. Junlieta falou, gastou e portou-se como autêntica espôsa de deputado. Dada a facilidade com que distribuia órdens na sede do Partido, foi premiada com o título de secretária. Passou, então, a reinar ali. Desenvolveu uma atividade inesperada e desnecessária que assombrou aos próprios dirigentes. Intrometia-se em todos os assuntos, levando ao exagêro a resolução dos casos. Bajulava os grandes, humilhava os pequenos. Ganhava em falsa importância, o que perdia na simpatia que logrou despertar quando ali fôra apresentada espôsa do Daniel. Sim, porque o porte esbelto, os olhos vivazes e autoritários que possuia, surpreendiam a quantos conheciam o Daniel — baixote, mirrado e bonzinho...

★

Finalmente, chegou o dia. O dia que, para D. Julieta era a confirmação de um direito. O Partido queria o Daniel e pronto! A gentalha seria, apenas, encurralada para as urnas para depositar o voto distribuido. O voto era uma farsa que lhe havia custado as economias do casal! Os honorários e as honrarias de deputado, entretanto, valiam o sacrifício.

Lá se foram êles no carro do P. F. S. fiscalizar a votação. Vi-os passar altivos, confiantes e prazeirosos!

Hoje soube da mudança do casal, pois que o ar da vizinhança, para êles, ficou insuportável. Segundo as más línguas o futuro deputado teve dois votos, que não é preciso dizer de quem foram!

D. Julieta — mulher altiva e invencível — deve passar bem, evidentemente: Mas, coitado do Daniel !

CONTO DE MERISE SANTOS ★ ILUSTRAÇÃO DE OSWALDO DA CUNHA





A PALAVRA SAUDADE

Pedi que ela escrevesse a palavra saudade.

— Para quê? Para um estudo grafológico?

— Não. Para que a saudade que fique aqui seja uma coisa deixada por ti. Uma coisa trazida por tua presença. Uma coisa que só tu mesma possas substituir. Uma coisa que saiu de tuas mãos...

— Uma palavra apenas que ficou numa simples fôlha de papel...

— Mas uma palavra que ficou e que veio de ti. E que ficou naquela fôlha de papel como um reflexo de sentimento que havias pôsto dentro de minha alma. E, por isto quis que a escrevesses no teu idioma, com a tua letra.

— Mas, se a escrevi sem pensar, sem sentir?

— Pois, não foi assim também, sem pensar nela, sem sentir, que a deixaste aqui, que a deixas e que a sinto, sempre que te vais?

DECOTES ORIGINAIS







UM dos detalhes mais importantes na indumentária feminina, é sem dúvida o decote. Muitas vêzes, um modêlo simples e despretencioso, torna-se bastante atraente pela originalidade de um decote sugestivo. Estampamos nesta página o que de mais moderno e elegante a moda francesa nos oferece em matéria de decotes. Os aqui apresentados, são sem dúvida bastante elegantes e sugestivos e os mais variados possíveis.

MODELOS VARIADOS











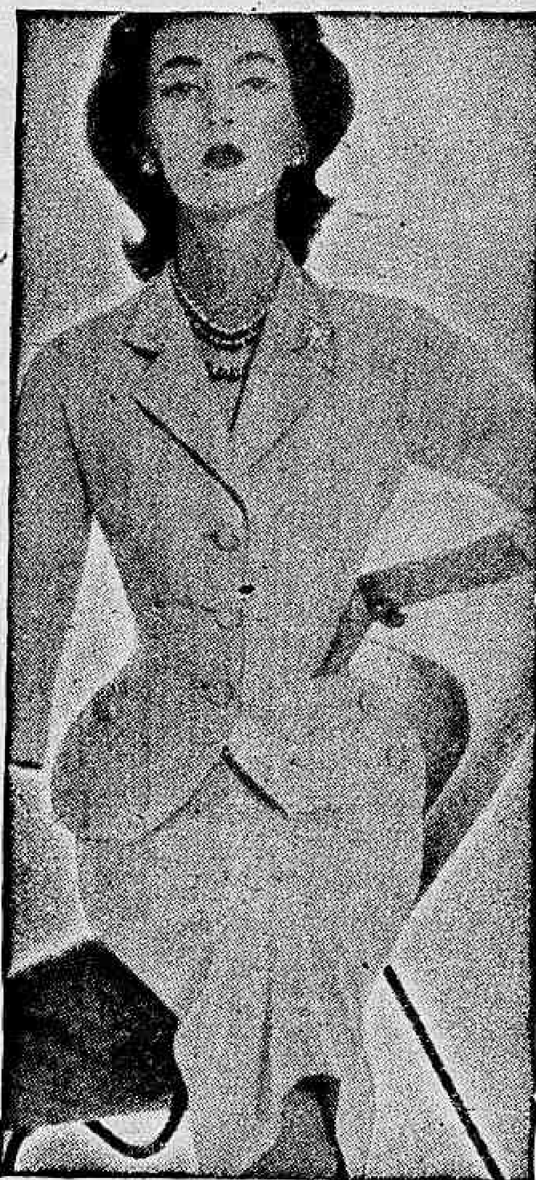
PARA o "cocktail", o chá, o cinema ou os passeios à tarde, aqui apresentamos alguns sugestivos e variados modelos. Na página à esquerda, modêlo para passeio, em lã preta ou azul-marinho, com aplicações em setim e botões dourados; em baixo, conjunto para a tarde em lã fina, casaco branco com debruns azul-escuro, saia justa em azul-marinho, cinto de pelica, bem largo. À direita, em pesada sêda cinza-pérola, um modêlo de grande elegância, para o "cocktail". Nesta página, em cima, dois elegantissimos modelos também para o "cocktail", o primeiro com blusa de sêda lisa, e saia preta com grandes "pois" brancos; o segundo é executado em "faille" cinza com estampado branco, decote amplo, original franzido na blusa. Em baixo, à direita, um sugestivo e esportivo modêlo em finíssima lã, cinza-azulado, com original bôlso na frente da saia. Pequena gola em sêda azul-marinho, estampada.





MODELOS LIGEIROS

ALGUNS modelos simples, para o seu guarda-roupa de passeio, estão aqui expostos, à sua apreciação. Em cima, «tailleur» em linho, claro com botões do casaco e na gola forrados no mesmo tecido. Em baixo, outro «tailleur» claro para passeio, com bolsos originais enfeitados com botões. Saía justa, casaco bem cintado, mangas três-quartos. Por fim, dois modelos leves, em tecido estampado, sendo um dêles enfeitado com uma pequena gola em organza branca.









WEEK-END

SOPA VARIADA

Põe-se na agua a ferver um rabo de vaca. Depois de bem escumado e claro, joga-se dentro tomate, salsa, cebola, alho, sal e um raminho de mangericão, se gostar. Cozinha-se separadamente repôlho crêspo. cenoura, batata, e macarrão. Quando estiver tudo cozido, mistura-se ao caldo.

Nesse caso os legumes devem ser colocados em água quente para cônservarem o seu valor nutritivo. Quando colocados em água fria para ser cozidos, o valor nutritivo passa para a água e isso se faz quando se vai aproveitar o caldo das verduras.

BÔLO FRITO

200 gr de farinha, 2 ou 3 ovos, erva-doce, 1 colher de banha ou gordura de vaca, sal.

Faz-se a massa com a farinha e a gordura, acrescenta-se o sal, os ovos e a erva-doce. Sova-se muito bem. Faz-se uma capa muito fina e cortam-se os bolos, que devem ser do tamanho de um pires de xícara de cafèzinho. Fritam-se na banha e servem-se quentes, pois assim são mais gostosos. São ótimos nas campanhas, quando falta pão, servindo-se, de preferência, com o café da manhã.

CREME DE BANANAS

6 bananas, 3 colheres-de-sopa de caldo de limão, 3 colheres-de-sopa de açúcar, 1 xícara de creme Chantilly.

Arruma-se em taças, enfeita-se com ameixas cristalizadas, picadinhas ou com pedacinhos de uma geléia vermelha.

MIOLO ENSOPADO

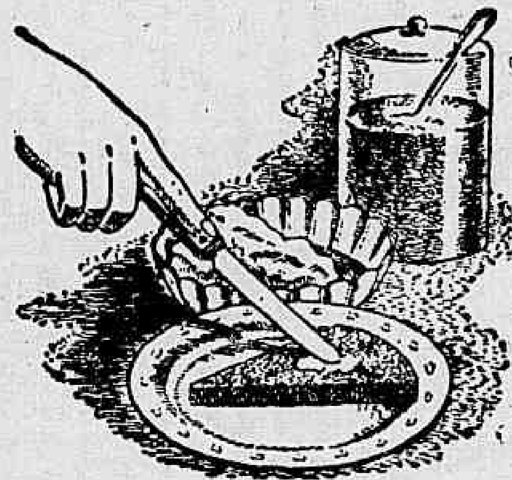
Refogam-se numa panela em gordura ou azeite umas rodelas de cebola, sal com alho, tomates e cheiro verde, junta-se um pouco de água e, quando o môlho estiver meio cozido, deita-se com o miolo, já limpo, em pedaços grandes ou inteiro. Abafa-se para que o miolo cozinhe em fogo brando. Uns dez minutos de boa fervura é o suficiente. Serve-se com o próprio môlho, polvilhando-se com bastante queijo parmezão ralado.

BOLINHOS DE FRANGO OU QUALQUER AVE

Toma-se a carne de um bom frango assado (pato ou qualquer outra ave), 300 gr de presunto, 300 gr de carne de vitela, 150 gr de toucinho fresco e uma cebola, pica-se tudo muito bem, mistura-se com 1 colher de farinha de trigo, 4 gemas de ovos, sal, pimenta e cravos da India. Tempêro à gôsto. Fazem-se uns bolinhos que se fritam em manteiga: quando estiverem prontos, põem-se na caçarola uma xícara de vinho branco, três gemas de ovos desfeitas em 1 xícara de leite, um pouco de noz-moscada e temperos à vontade. Colocam-se de novo os bolinhos nesse môlho, dando-se-lhes uma fervura. Servem-se com o môlho.

MAÇÃS RECHEADAS

12 maçãs, ½ kg de nozes picadinhas, 450 gr de açúcar, 1 colher de manteiga, 200 gr de creme bem fresco, gelado



e batido. Descascam-se cuidadosamente as maçãs e tiram-se pela parte superior as sementes e um pouco de seu miolo, arrumando-as numa caçarola. Cozinham-se em separado as cascas com o que se tirou de dentro das maçãs, côa-se o caldo obtido e junta-se-lhe o açúcar, fazendo-se uma calda em ponto de pasta. Com a manteiga, as nozes, passas e açúcar a gôsto, faz-se uma massa sem ir ao forno, com a qual se recheam as maçãs, despeja-se em cima a calda feita e leva-se ao fogo brando para que as maçãs cozinhem. Arrumam-se, depois de frias num prato de cristal fundo com tôda calda que ficou, deitando-se sôbre cada maçã uma boa colher de creme.

LASANHA RECHEADA

Ingredientes: ½ kg de lasanha, um maço de espinafres, 3 ovos cozidos, 1 lata de sardinhas, duas médias, 1/4 de quilo de mussarela, ½ kg de tomates, cebola, manteiga, parmezão ralado, um pouco de leite e uma colher de maizena. Sal e cheiro verde.

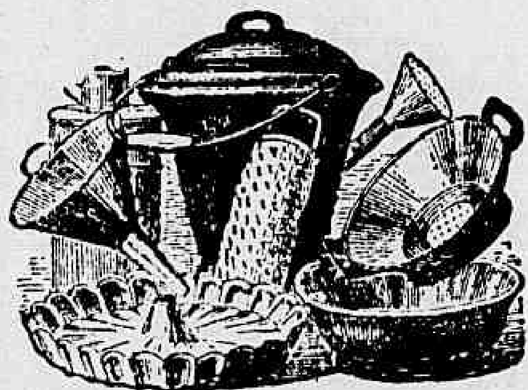
Modo de preparar: Cozinha-se a lasanha em água fervendo temperada de sal, escorre-se e despeja-se numa panela em que se aqueceram duas colheres de manteiga, misturando-se bem. Faz-se com o espinafre um creme ,isto e, cozinham-se os espinafres, ba-

NA COZINHA

tem-se bem sôbre um mármore ou uma tábua de bater e levam-se ao fogo numa panela com uma colher de manteiga, mais (o suficiente) e um pouco de leite, mexendo-se bem, depois de temperados com sal. Feito o creme, retira-se a panela do fogo. Em outra panela, faz-se um môlho com cebola, manteiga, sal, com alho, cheiro verde e tomate. Deve ficar um môlho grosso que se côa. Arruma-se então, numa travessa funda que possa ir ao forno — de preferência Pirex — uma camada de lasanha temperada com manteiga, polvilha-se com parmezão ralado, sôbre êste põe-se o creme de espinafre, sôbre o creme outra camada de lasanha polvilhada de parmezão ralado, espalhando-se por cima algumas colheres de môlho feito: arrumam-se por cima do môlho algumas fatias de mussarela intercaladas com sardinhas e rodelas de ovos cozidos, põe-se em cima nova camada de lasanha, polvilha-se com parmezão, mais môlho de tomate e assim sucessivamente, até que terminem os ingredientes. A última camada deve ser de lasanha polvilhada de parmezão e coberta com môlho de tomate, levando-se, então, a travessa ao forno quente por uns dez a quinze minutos. Serve-se quente na mesma travessa.

OMELETE COM QUEIJO RALADO

Batem-se 3 ou 4 ovos, temperando-se com sal, pimenta do reino. Junta-se um pouco de parmezão ralado. Leva-se ao fogo uma frigideira com



gordura ou manteiga e quando esta estiver quente despejam-se os ovos batidos, mexendo-se a panela para que êles não se estendam por todo o fundo. Com o auxílio de uma escumadeira ou poá de cozinha, vai-se enrolando a omelete, que se serve bem quente.

Esta omelete pode ser feita com presunto, queijo, verduras ou restos de frango. Nesse caso, batem-se os ovos e depois de despejá-los na frigideira, espalha-se em cima o recheio que se desejar (verduras cozidas ou camarões refogados ou fatias de presunto ou de queijo) e enrola-se a omelete.

ROSAS DE CAMARÃO

Faz-se uma massa com três xícaras de farinha de trigo peneiradas, 6 gemas, 2 cálices de vinho do Pôrto ou Moscatel e sal. A massa deve ficar como se fôsse massa de pastel. Abre-se bem fina com o rôlo e com a bôca de um copo corta-se em rodelas: recortam-se as rodelas, dando-lhes 4 talhos com o mesmo espaço de um para o outro, isto é, talhos em cruz, para formar as pétalas. Unem-se as rodelas de três em três, molhando-se o centro de cada uma com água fria, apertam-se bem com o dedo, também molhado em água fria para que não se separem ao fritar. Leva-se ao fogo uma panela funda com bastante gordura e, quando esta estiver quente, vão se deitando as rodelas assim unidas que ao frigirem se vão transformando em rosas. Retiram-se estas rosas com uma escumadeira, pondo-se numa peneira forrada com papel pardo para que não fiquem engorduradas. Enche-se o centro de cada uma com um pouquinho de recheio de camarão e polvilha-se com gema cozida, peneirada, para que a imitação do miolo da rosa seja perfeita. Servem-se sôbre fôlhas de alface.

QUENTÃO

1 litro de pinga, 4 limões partidos em rodelas, 1 e ½ copo de água, 4 cravos da índia, 100 gr de gengibre em pedaços, alguns paus de canela, açúcar à gôsto.

Mistura-se tudo num caldeirão e leva-se ao fogo, deixando-se ferver. Conserva-se no fogo e serve-se quente, em canequinhas apropriadas, de louça.

SALADA DE BATATAS

Cozinham-se as batatas descascadas, em água com sal deixam-se esfriar, cortam-se em rodelas ou em pedacinhos e temperam-se com qualquer môlho de salada.

Esta é uma das saladas mais fáceis de se variar, pois pode ser apresentada com diferentes combinações ou misturas, tais como: com salsichas, com fatias de presunto, com sardinhas, com camarões, com lagostas, misturada com alface picadinha, com chicórea, com vagem, enfim de mil modos, dependendo apenas do gôsto e dos ingredientes de que se dispuser no momento. Simples ou com qualquer mistura, serve-se sempre enfeitada com rodelas de ôvo cozido e azeitona.





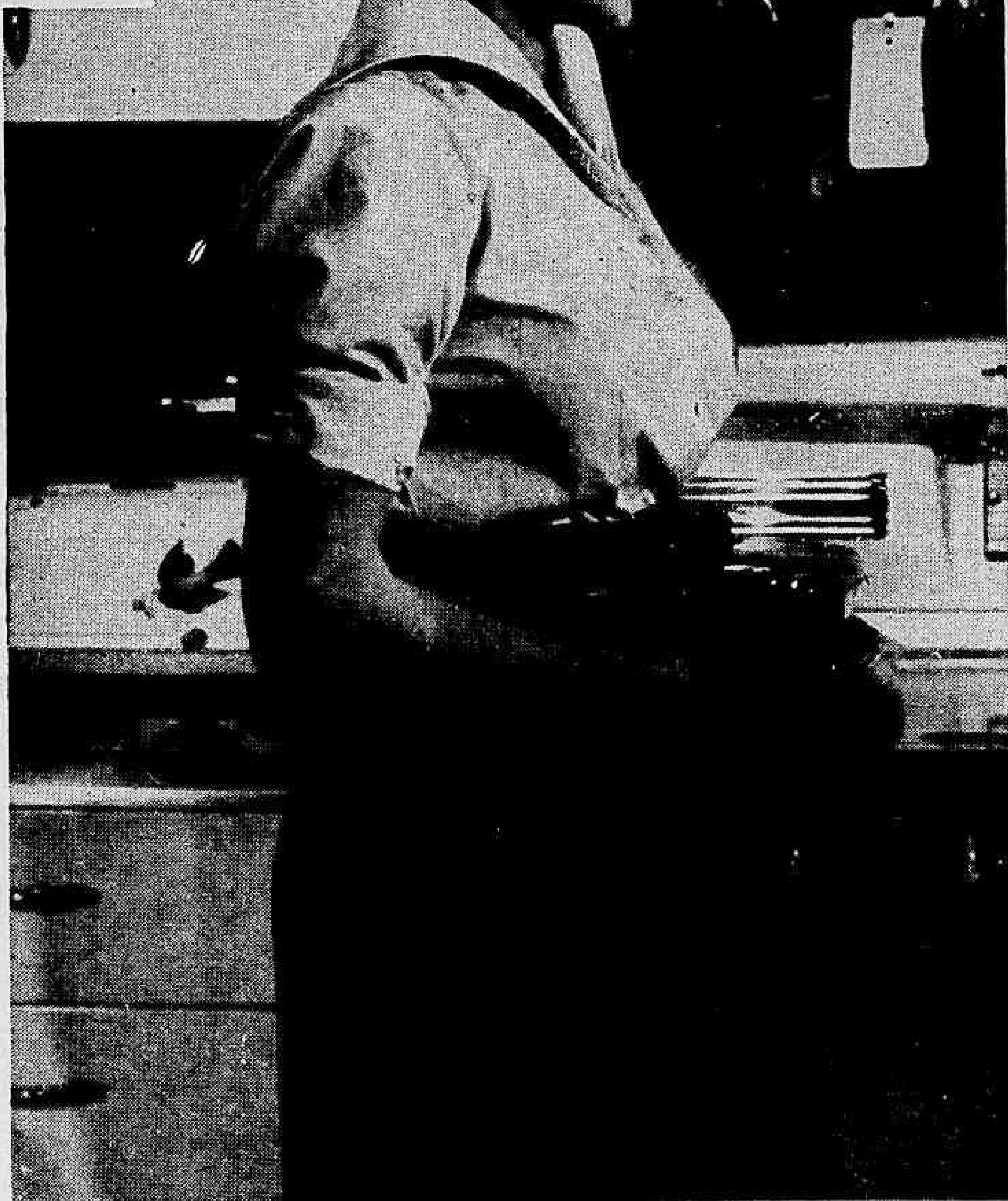
FÉRIAS NO CAMPO

PARA suas férias nas montanhas ou fins de semana no campo, esta coleção de modelos esportivos, por certo muito a auxiliarão na escolha dos seus modelos. Em cima, um modêlo para passeio em lã beige, quadriculada. A pala é formada por duas grandes abas pespontadas imitando bolsos, na saia temos o mesmo motivo em ponto um pouco menor. A esquerda, elegantíssima sugestão em veludo negro, calças de original recorte. Em baixo, à esquerda, modêlo esportivo em malha preta e a à direita, um amplo casaco em grossa lã, bem cintado — cinto em pelica.





O 4.º MANDAMENTO



É assim que nascem os romances de amor... Por uma tarde em que vai despreocupado por uma estrada, o jovem e ambicioso desenhista da Kalinger Machine Val McNulty, salva a linda Maggie Carleton, quando o carro desta despenha-se de uma estrada montanhosa. Filha de um embaixador americano, Maggie tinha justamente acabado de recusar uma proposta de casamento de Kalinger, Jr., o esportivo filho de Mr. Kalinger, patrão de Val. O incidente desde logo transforma-se num caso de amor à primeira vista entre os dois jovens.

— "Sempre dirigi mal" — diz Maggie. "Deu-me trabalho obter a licença".

— "Sabe?" — responde Val. "Seus cabelos cheiram mais que um jardim!"

Maggie olha-o, entre lisongeada e irônica, e responde: "Ponha-me no chão, por favor". E' preciso explicar que, a essas alturas, Val já estava com a pequena ao colo, por razões puramente humanas...

Assim que pode, Maggie telefona para sua mãe, a elegante e espirituosa Fran Carleton, que se encontra em Veneza, gozando as delicias de um veranêio um tanto esticado...

— "Maggie?". Compreendi bem o teu telegrama ou estou sonhando?". "E que absurdo é êste de casar assim, sem mais nem menos com êste tal McNulty, um simples trabalhador braçal..."

Mrs. Carleton está simplesmente horrorizada com a idéia da filha. E torna a dizer: "Se teu pai vivesse, morreria de novo!" Mas, Maggie já está de decisão tomada. Mrs. Carleton suspira. Inquirido acêrca do seu passado, Val diz que só tem mãe e que esta no momento se encontra dirigindo o negócio de seu pai, em Jersey City. Val diz a Maggie: "Tua mãe tem razão, Maggie. Vais casar com um pé rapado..."



— "Quem fala! Pois ela agarrou meu pai em Changai, e nunca o soltou!"

Enquanto isso, vejamos como vai indo Mrs. McNulty, a progenitôra de Val. Tendo provido o próprio sustento com a venda de "cachorro quente" e com êle propiciado a Val a possibilidade de estudar e se educar, tinha, sem que êle soubesse, perdido o negócio deixado pelo marido.

Desamparada, ela decide aceitar o convite do filho para viver junto dele e deixar que êle a sustentasse. Entretanto, quando da sua chegada, ao descobrir que êle pretende desposar a filha de um Embaixador, encontra uma desculpa para não comparecer ao casamento, por não querer constrangê-lo. "Oh, Val! Por que tua mãe não pôde ficar?" — perguntou Maggie. "Quem sabe se não queria que nós cassassemos..."

— "Não diga isso, Maggie! A verdade é que não se atreveu a vir..."

Val pensa que ela foi chamada a resolver negócios fora da cidade, mas Ellen se empregara numa casa comercial e também numa "cafeteria". E eis Mrs. McNulty conversando com sua amiga Mugsy: — "Já pagaste dezoito dólares ou um chapéu Mugsy?"

— "Estás louca?!"

— "E' que vou visitar minha nóra".

E Mrs. McNulty, aparece, vestida com um rigor que não lhe era peculiar, para visitar Maggie McNulty. No entanto, Maggie, atarefada e inexperiente nos afazeres de uma casa, tentando, freneticamente, preparar-se para a sua primeira recepção, toma Mrs. McNulty pela empregada mandada pela agência. — "Ainda bem que chega! Estou como louca!" A cozinha está como um vulcão! Você talvez dê geito!"

— "Mas... — começou Mrs. McNulty a dizer.

— "Devo jogar fora o peru, e assar outro?" — retorquiu Maggie, sem dar tempo a que a outra terminasse a pergunta.

— "Jogar fora um peru! Nunca! Mas, deixe-me explicar-lhe..." Não havendo tempo para explicações, Ellen simpatiza imediatamente com Maggie, aceita a situação calmamente e coloca tudo na mais perfeita ordem.

Chegando mais tarde, Val não tem oportunidade de ver quem está na cozinha, até que a festa já vai bem adiantada. Maggie disse: "Val, essa cozinheira é um tesouro!" "Oh, que destraida! Esqueci de pagar a Ellen!". Val está estupefacto por encontrar sua mãe na cozinha de sua própria casa, mas não ha ocasião de explicar a Maggie. Êle tenta, debalde:

— "Maggie, ouve. Essa que estava na cozinha..." — "Oh, ela é adorável, não querido?".

— "Mas, escute, Maggie. Deixe-me explicar..."

— "Oh, Val, como te amo!". O velho Kalinger, sr. patrão de Val, que é um dos convidados à reunião, que está encantado com a arte culinária de Ellen, faz-lhe insistentes pedidos para que ela passe a trabalhar em sua casa.

— "Uma cozinheira como você, Ellen, só se encontra de 100 em 100 anos..."

— "Obrigada, mas não me decidi ainda".

Finalmente, Val consegue falar a sós com sua mãe:



(THE MATING SEASON)

ELENCO:

MAGGIE CARLETON	GENE TIERNEY
VAL McNULTY	JOHN LUND
MRS. CARLETON	MIRIAM HOPKINS
MRS. McNULTY	THELMA RITTER
KALLINGER, Jr.	JAMES LORIMER
BETSY	JAN STERLING
KALLINGER Sr.	LARRY KEATING
ANNIE	ELLEN KORBY
MRS. WILLIAMSON	CORA WITHERSPOON
MR. WILLIAMSON	MALCOLM KEEN
MRS. CONGAR	GLADYS HURLBUT
MUGSY	BILLIE BIRD
CEL. CONGER	SAMUEL COLT
SOLTEIRONA	MARY YOUNG
MRS. FAHNSTOCK	GRACE HAMPTON

★

Produção de CHARLES BRACKETT — **Direção de MITCHELL LEISEN**
Argumento de Charles Brackett, Walter Reisch & Richard Breen.

— "Mamãe, prepare-se para morar conosco".

— "Não. Os recém-casados querem sempre estar só". "Não me esquêço de que também mórei com minha sogra, e um dia atirei-lhe com uma banana na cara!". Ellen atende ao filho, mas impõe uma condição: Morará com êles, mas não quer que Val diga a verdade a Maggie. Ficará com êles, sim, mas como cozinheira... Essa atitude se explica, pois ela sente que dessa forma poderá ajudá-los melhor, e pensa, com razão, que o jovem Kalinger intenta destruir-lhes a felicidade. — "Já percebi o golpe dêle!"

— "Ora, mamãe! Você acha que eu teria receio de Júnior?! E' um bôbo!"

— "Bôbo é você, que não é capaz de se precaver!".

Nêssé interim, chega Carleton, a mãe de Maggie, para passar alguns dias. Ela tenta quebrar o encanto que une Maggie a Val, com quem, aliás, não simpatiza, além de considerar Ellen extremamente impertinente.

— "Que audácia, a dessa empregada de vocês! Tratando-me de "ela", quando devia dizer "Mrs. Carleton!". O velho Kalinger, descobrindo que o filho está tentando fazer passar como seu, um plano de produções de Val, faz com que êle e sua espôsa sejam convidados para uma festa da qual é anfitrião o Sr. Williamson, um magnata interessado nos planos de Val. O jovem Kalinger, entretanto, tenta pôr tudo a perder, promovendo, propositadamente, uma briga, entre Maggie e Mrs. Williamson. Maggie deixa a festa enraivecida, porém, mais tarde, arrependida, telefona-lhe, desculpando-se. Aproveitando-se dessa primeira briga entre os esposos, Fran redobra seus esforços para separá-los. — "Humilhou-te como ninguém nêste mundo... e ainda queres vê-lo!"

— "Mamãe, preciso ver Val !"

— "Esperarás que te bata ou te traia com outra!".

Maggie descobre que Ellen é a mãe de Val e diz-lhe, ao procurá-lo no escritório: — "Val, acabo de descobrí-lo e o que me magôa é teres escondido de mim, que te admiro e respeito... Devias ter tido maior confiança!".

— "Ela própria assim o quis. Eu nada pude fazer".

— "Não creio; foi idéia tua, para bancares o importante! Assim não nos entenderemos".

— "Não sejas injusta, Maggie!"

— "Escute aqui, Val. Parto amanhã para o México, fixar residência".

Mr. Kalinger, Sr., por demonstrar certa fraqueza sentimental por Ellen, resolve conservar as coisas. Leva Maggie a uma recepção na qual, Val aparece orgulhosamente acompanhando sua mãe. Reconhecendo ter sido injusta com Ellen, Maggie quer que aquela a perdôe. E as duas sogras confrontam-se uma com a outra: — "Deixe-os em paz. Vão começar de novo".

— "E desta vez sem você e sem mim". "Vou buscar minhas coisas".

— "E você também".

— "Vá-se embora você. Eu fico com minha filha".

— "Se se meter em casa dêles, eu me meto também".

— "E em outras condições: eu cozinho e você lavará a roupa!"

E Ellen vai-se com Kalinger, Sr., com quem já está de franco namôro...









HISTORIA

(Cont. da pág. 54)

pulo reagiu e o mestre despediu-se. Esta informação nos foi dada pelo dr. Francisco Pereira Lessa, hoje falecido, que, como republicano e jacobino intransigente, tomou o partido de Benjamin Constant.

(3) Informações fornecidas pelo sr. comandante Celso Romero, oficial reformado de nossa Marinha de Guerra, e antigo diretor do Arquivo Nacional.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Para êste artigo servimo-nos, além de reminiscências nossas, de apontamentos fornecidos graciosamente por D. Carlos, neto de D. Augusto de Saxe e Bragança. Para o resumo genealógico da casa de Saxe valemo-nos da obra de Augusto Scheler: *Histoire de la Maison de Saxe-Cobourg-Gotha, Bruxelles*, 1846.

LAUREANO

(Cont. da pág. 5)

mas a dúvida apresentava-se em relação a outros que iam chegando. Uns haviam tomado conhecimento da notícia, embora ignorando em que reunião o fenômeno se teria registrado. Outros não. Em pouco a diretoria do Núcleo rodeava o repórter. Lá estavam o sr. Orlando de Castro da Cunha, tesoureiro; o sr. José Dantas Cavalcanti, primeiro-secretário; dona Teresa Tavares Pires, vice-diretora, e a médium Maria da Natividade Moreira.

Em face das opiniões divergentes, ficou decidido que no desenrolar dos trabalhos dessa noite, a serem iniciados daí a minutos, uma consulta fôsse feita ao guia, aos poderes espirituais mais altos da casa. E assim se fêz.

A sessão abriu-se com reduzido número de assistentes, talvez nem dez, distribuídos pelo grande auditório onde caberiam centenas. Humildes criaturas, de olhar piedoso e mãos cruzadas no peito, ouviam a preleção do presidente da mesa, enquanto o rebentar das bombas aumentava na rua e a chuva apertava. Uma divisão de madeira isolava os componentes da mesa, do local em que nos encontrávamos, ao fundo. Ali se formava outra mesa: esta redonda, tendo em volta, sentados, os médiuns incumbidos de atender aos pedidos de formulários médicos. As fôlhas de papel, com o nome do enfêrmo e o espaço em branco para a receita, formavam pequenas pilhas à frente de cada médium. Do outro lado do biombo, agora o orador Zuleino exortava a escassa assistência à prática do bem, pedindo a clemência divina para os espíritos menos iluminados, que naquela noite trocavam seu lugar habitual, no recinto, por outro lá fora, festejando São Pedro de maneira tão ruidosa. Mas não devíamos julgar os que dêsse modo agiam e muito menos censurá-los. Todos viriam a seu tempo, e a luz da Verdade se derramaria por sôbre cada um dêles, mais cedo ou mais tarde... Oremos! Padre Nosso...

E, à nossa frente, os médiuns concentrados, em volta da mesa redonda, começavam a encher as fôlhas brancas. Utilizando-se dos lápis de afiadas pontas, que em profusão haviam sido adrede colocados sôbre a mesa, rabiscavam nervosamente, enchiam de uma caligrafia quase ilegível aquela imensa papelada. Escreviam sem fixar os nomes dos enfermos, intuitivamente, com celeridade de pasmar. E os receituários iam sendo atendidos às dezenas em poucos minutos.

Só um médium se dedicava a tarefa diferente: Dona Elizabeth. Em suas mãos foi ter uma lauda de papel comum, onde fôra redigido o nosso apêlo:

"Deus, Amor e Caridade. — Quer esta visita que está à minha direita, saber se é certo que o dr. Laureano tem baixado aqui em Recife".

E os rabiscos foram saindo, aos jorros, do lápis afiado de dona Elizabeth. A primeira lauda encheu-se em menos de um minuto; ela continuou escrevendo nas demais fôlhas — uma, outra, ainda outra... Por fim, escreveu no verso de cada uma delas. Passaram-se cinco minutos contados pelo nosso relógio: estava finda a tarefa. Onze laudas haviam sido preenchidas. Mas quando nos chegaram às mãos, não compreendíamos o que nelas fôra escrito.

Pouco depois vinha o intervalo nos trabalhos e foi quando um dos componentes da mesa, o sr. Zuleino da Veiga Pessoa, teve a gentileza de passar a limpo os hieroglifos com as necessárias correções:

— O senhor desculpe — explicava dona Elizabeth — êsse barulho das bombas quase me fêz interromper a tarefa. Mas aí está o que saiu, pode ler!

Só então dona Elizabeth passou os olhos pelo que havia psicografado e tomou conhecimento do texto. Surpreendeu-se:

— Curioso... Veja! Se é verdade como já esperava, que o espírito de Laureano ainda não baixou — em compensação podemos saber alguma coisa de muito importante a seu respeito. Veja êste período: "Todo o seu carinho, zêlo e cuidado prendem-se exclusivamente aos queridos da sua família como também ao seu elevadíssimo projeto". Isso quer dizer que Laureano já está em contato com os espíritos mais altos... E isso é muito importante, bastante útil! Mesmo indiretamente, a mensagem é dêle, o fala dêle...

E aí tem, leitor, o resultado a que chegamos nessa missão estafante. Estafante mas cumprida. Depois de persistentes esforços, sempre encontramos na capital de Pernambuco quem nos desse uma palavra formal sôbre o assunto. Diga-se de passagem que o Núcleo Espírita Investigadores de Luz cumpre uma alta finalidade social, independente de sua função primordial: Na sede do bairro São José encontramos instalado o Instituto José dos Santos, com uma escola em que estão matriculados 85 alunos. Todo o material didático e os uniformes para a instrução primária são fornecidos pelo núcleo. Possui ainda o Ambulatório Laudelino Soares com farto "stock" de medicamentos. sustenta o Grupo Simão Pedro, para tuberculosos e indigentes, além de mais quatro departamentos interno todos em benefício da coletividade.

E' — pareceu-nos — uma casa onde se pratica o bem e inspirando alé de simpatia — confiança. Seus dirigentes não acreditavam na hipótese de ser conseguida qualquer comunicação mediúnica com Napoleão Laureano. E foram êles os que mais se surpreenderam com o texto da mensagem psicografada e transmitida por um de seus mentores espirituais, José dos Santos.

De nossa parte, repetimos, a missão foi cumprida. Cumpriu-a apenas um repórter, sem qualquer vínculo com a seita espírita. Repórter acima de tudo, dando conta da tarefa que se confiou a si mesmo.

Mas a grande incógnita prevalece: Ter-se-ia manifestado o espírito de Laureano?

Em Recife, parece que não.

Quanto ao mais, que julgue o leitor.

A CULTURA FÍSICA DA MULHER (II)

Pela professôra EDITH TOROK

A cultura física da mulher deve ser diferente da do homem. E' mais conveniente praticar esportes que desenvolvam seu corpo harmoniosamente, em vez de outros que lhe proporcionem um corpo de atleta, ou que só exercitam determinados músculos. A ginástica desenvolve simultâneamente todos os músculos, proporcionando um corpo harmonioso. E' aconselhável começar antes de mais nada com exercícios respiratórios, a fim de se adquirir, entre outras coisas, fôlego e resistência. No ensinamento, os cursos em grupos



Posição de relaxamento

de seis ou oito são mais convenientes porque facilitam ao professor o rigoroso contrôle que deve ser exercido sôbre os alunos durante a execução dos movimentos.

Em geral, nas turmas grandes dos cursos de dança rítmica, nem tôdas as alunas têm apurado senso do ritmo, ou faltam-lhes a graça natural e o equilíbrio: para êstes é preciso atenção e paciência especial da professôra, repetindo e mostrando os movimentos, o que aliás nem sempre acontece. Como conseqüência disto, só aproveitam as aulas as jeitosas e os talentos natos, ao passo que o resto da turma só perde tempo sem benefício algum e se cansa inùtilmente. E' lógico e natural que as pessoas que têm vocação e vontade de aprender dança clássica, devem primeiro preparar-se com exercícios apropriados para adquirir o domínio sôbre o físico, sabendo respirar bem e tendo bom equilíbrio: então sim, podem começar com os movimentos artísticos. Por esta razão, aconselho às mamãs, quando descobrem que suas filhinhas têm vocação artística, ou gostariam que elas aprendessem dança clássica com a finalidade de se tornarem mais graciosas, primeiro convém que elas sejam preparadas com exercícios respiratórios e ginástica rítmica.

As senhoras que não dispõem de tempo para freqüentar cur-



Postura errada

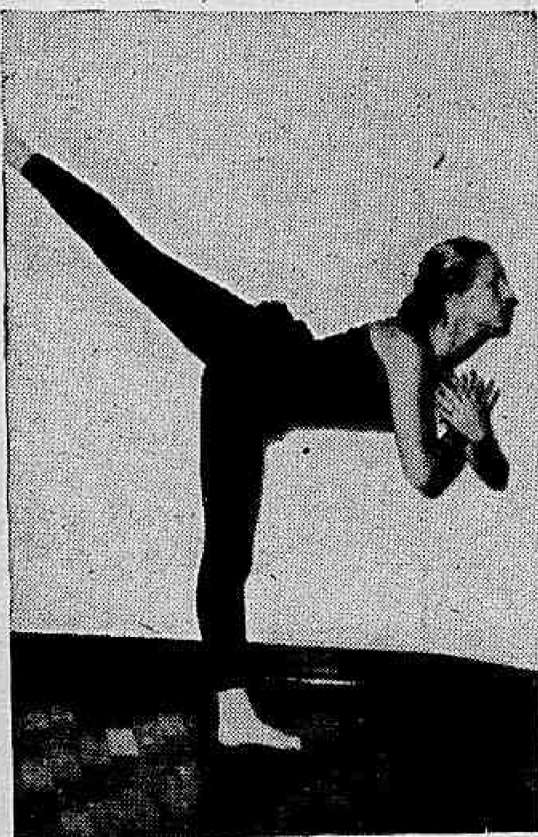
O primeiro artigo, da série de três, que vimos publicando, de autoria da professôra Edith Torok, sôbre a cultura física da mulher, despertou o mais vivo interêsse e muitas leitoras nos procuraram desejando saber quando seriam divulgados os demais. Aqui está o segundo. O último sairá no próximo número. Por lamentável equívoco, as referências que inserimos naquela ocasião, sôbre a Sra. Edith Torok, davam-na como tendo vindo para o Brasil antes da primeira guerra, quando na verdade ela e seu marido, já falecido, o prof. José Torok, só chegaram a esta capital no ano de 1941. Neste momento, a nossa colaboradora e seu filho, o jovem José Torok Jr., residem nesta capital, onde a Sra. Edith Torok mantém um curso de ginástica rítmica estética e respiratória para o elemento feminino, como dissemos.

Chamamos a atenção das leitoras para esta segunda crônica, e para a vindoura, pelos ensinamentos proveitosos que lhes proporcionarão.



EDITH TOROK

sos de ginástica, podem muito bem, com fôrça-de-vontade e capricho, dedicar-se em sua casa mesmo a 15 ou 20 minutos diários de exercícios para ostentar boas condições físicas, fazendo exercícios abdominais e respiratórios. Vale a pena êste pequeno sacrifício pelos benéficos resultados para a saúde e boa disposição. Devem, porém, ter o máximo cuidado na execução dos movimentos, concentrando tôda a atenção no grupo muscular que esteja em ação, acompanhando todos os movimentos com a seguinte respiração: Antes de começar qualquer movimento que exija uma contração muscular, devem inspirar, expirando depois de terminada a contração. Inspira-se lenta e profundamente pelo nariz, dilatando as narinas, e expira-se pronunciando a letra "F". A expiração deve ser mais prolongada que a inspiração. Cada exercício muscular deve ser repetido pelo menos três



Pose de dança rítmica



Postura certa

vêzes. E' importantíssimo que depois de cada esfôrço relaxemos os músculos fatigados para evitar o cansaço dos pulmões e coração: repouse um instante.

O defeito comumente chamado de "pé chato", causador do andar defeituoso e má postura, pode ser corrigido por meio de exercícios especiais. As mulheres devem praticar exercícios adequados para reforçar as paredes abdominais e adotar uma atitude diferente de postura durante o período da gestação, para contrabalançar a transformação do corpo e a deslocação do centro de gravidade.

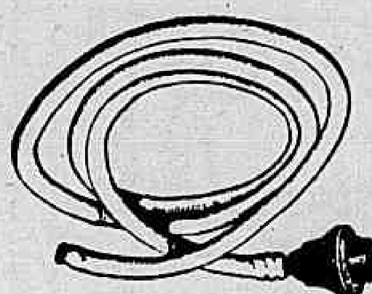
PELO REEMBOLSO POSTAL PARA TODO O BRASIL

MATERIAL CIRÚRGICO E CLÍNICO EM GERAL

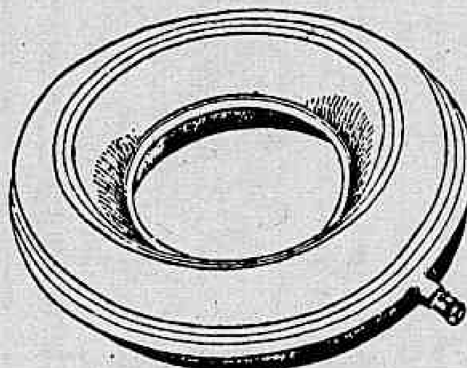
DESPESAS DE PORTE POR CONTA DO CLIENTE.



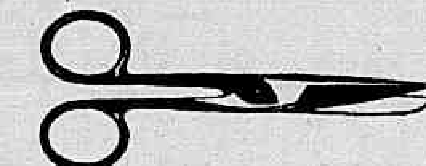
Saco de borracha para água quente, capacidade de 2 litros com tampão de metal simples. — Cr$ 38,00.

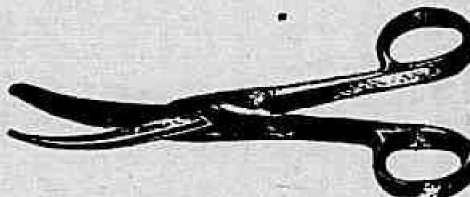


Tubo de borracha, com pertences para irrigador — Cr$ 45,00.

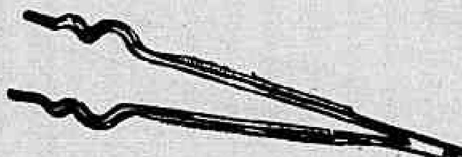


Assento de borracha com válvula, diâmetro de
37 cms. .... Cr$ 68,00
42 cms. .... Cr$ 95,00





7099 — Tesoura cirúrgica reta ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 64,00.
7108 — Tesoura cirúrgica curva ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 58,00.
7115 — Tesoura cirúrgica reta ponta fina c/ 13 cms., nacional, Cr$ 62,00.
7116 — Tesoura cirúrgica curva ponta fina c/ 13 cms., nacional, Cr$ 66,00.
7117 — Tesoura cirúrgica reta com 1 ponta fina e 1 ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 63,00.
7118 — Tesoura cirúrgica curva c/1 ponta fina e 1 ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 67,00.
7179 — Tesoura cirúrgica reta ponto fina c/10,5 cms. francesa, Cr$ 65,00.
7180 — Tesoura cirúrgica curva ponta fina c/10,5 cms., francesa, Cr$ 72,00.



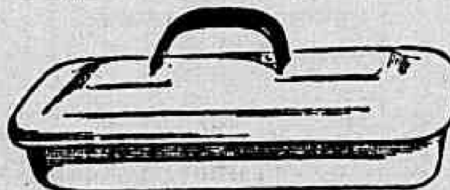
5821 — Pinça para seringa e material esterilizado com 18 cms. Cr$ 25,00



nº 1) — 5811 — Pinça dissecação nacional, com 13 cms., Cr$ 22,00.
nº 2) — 5793 — Pinça hemostática de Kocher nacional, com 13 cms. Cr$ 65,00.



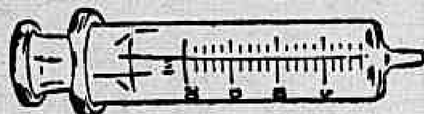
Estôjo metálico niquelado para seringa:
2305 — de 5 cc. .... Cr$ 13,50
2306 — de 10 cc. ...... Cr$ 19,00
2307 — de 20 cc. ....Cr$ 29,00



1765 — Cuba de ferro esmaltado com tampa para material esterilizado 6x12 cms., Cr$ 60,00.



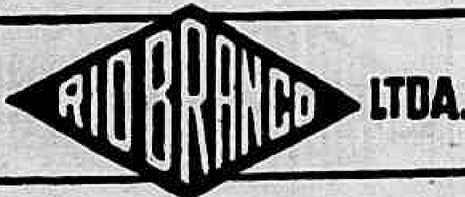
Agulhas de niquel canhão dourado, tipo americano, de: 20x6/10 — 20x7/10 — 25x6/10.
25x7/10 — 25x8x/10 — 30x6/10
30x7/10 — 30x8/10 — 40x7/10
40x8/10 — 50x7/10 — 50x8/10
Cr$ 3,60.



Seringa de fabricação estrangeira de:
6760 — de 3 cc. ...... Cr$ 32,00
6761 — de 5 cc. ...... Cr$ 38,00
6762 — de 10 cc. ..... Cr$ 50,00
6763 — de 20 cc. ..... Cr$ 69,00

IMPORTADORA E EXPORTADORA

Avenida Venezuela, 131 — 10º Andar — Sala 1006-8 — Fone: 23-3977 — Caixa Postal 1864 — RIO

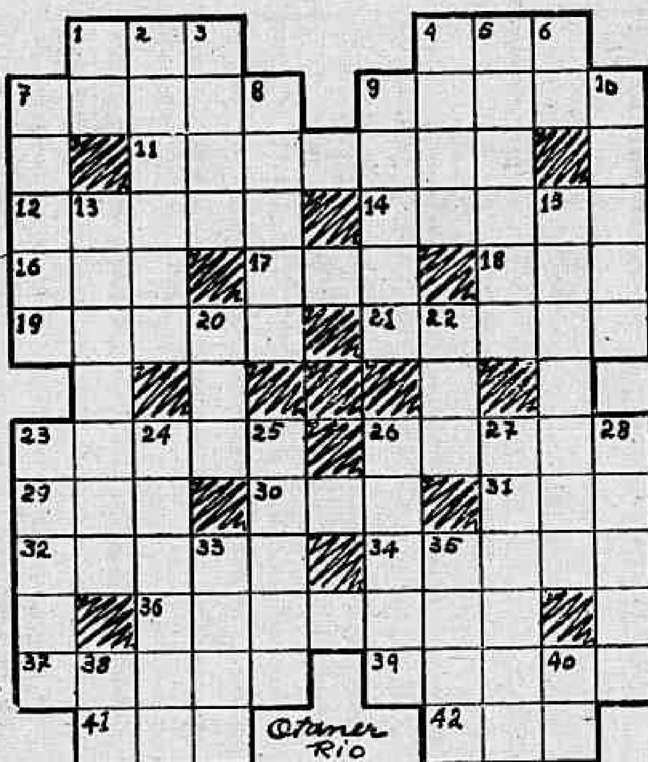


LTDA.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N. 62 -- PARA VETERANOS

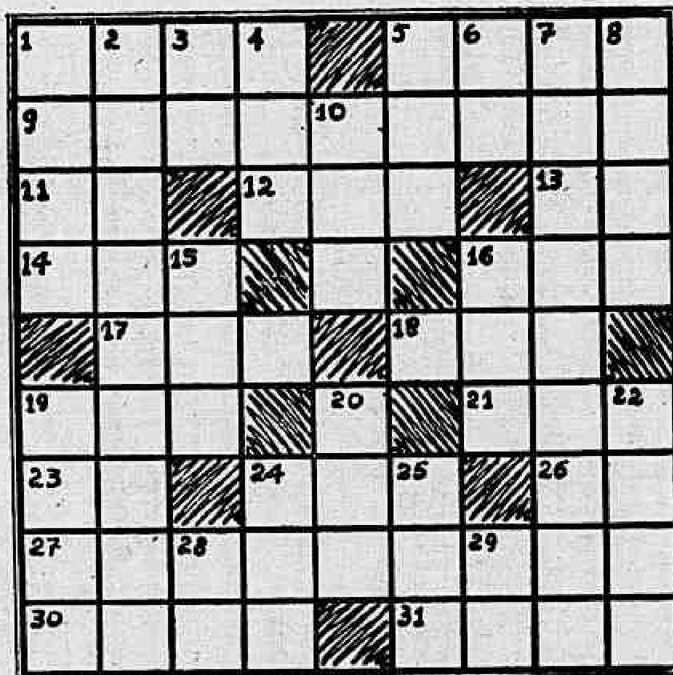
HORIZONTAIS: — 1. Deus dos assírios — 4. Furor — 7. Lugar onde se nasceu — 9. Tinge de azul escuro — 11. Relativo aos sonhos — 12. Argila colorida por óxido de ferro (pls.) — 13. Regulo — 16. Senhora — 17 — Aranha amazônica — 18. Mandamento — 19. Prazer entre desgostos — 21. Ritmo — 23. Maquinam — 26. Carne fresca de porco — 29. Carlinga — 30. Origem — 31. Ninfa e ilha do mar Egeu — 32. Variedade alotrópica de oxigênio — 34. Espaço de tempo — 36. Propagador de grandes idéias — 37. Suprima — 39. Moça (no Japão) — 41. Serviço — 42 Costuma.



VERTICAIS: — 1. Segunda letra do alfabeto árabe — 2. Mercados — 3 Palavrório — 4. Títulos dos antigos soberanos do Peru — 5. Pintor francês (1779-1855) — 6. Diverso — 7. Disposto — 8. Dedução fraudulenta (pl.) — 9. Mandioca-dôce — 10. Canto plangente com que os vaqueiros guiam as boiadas — 13. Sapatos de mulher — 15. Refresco de mate (pl.) — 20. Jaculatória da macumba — 22. Idade — 23. Problema difícil de resolver — 24. Indígenas da Nova Zelândia — 25. Nome de mulher — 26. Variedade de uva branca — 27. Indivíduo manhoso — 28. Expulse — 33. Manifesto — 35. Sapo da Amazonia (pl.) — 38. 12ª letra do alfabeto grego — 40. Nota musical.

*

PROBLEMA N. 62 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1 Gostar — 5. Afaga — 9. Objetos raros — 11. Seguir — 12. Título abissíneo — 13. Estudei — 14. 8ª letra do nosso alfabeto — 16. Braço de rio próprio para navegação — 17. Altar dos sacrifícios — 18. Cada uma das partes provenientes da dissociação de um electrólito — 19. Argola — 21. Nome de mulher — 23. Escarnece — 24. Aquilo que prejudica ou fere — 26. Símbolo do rutênio — 27. Digno de admiração — 30. Nome de homem — 31. Medida antiga que correspondia pouco mais ou menos ao alqueire

VERTICAIS: — 1. Melodia — 2. Nome de uma flor e de mulher — 3. Atmosfera — 4. Zombar — 5. Conjunção adversativa — 6. Substrato instintivo da psiquê — 7. Susceptibilidades — 8. Uma das cinco partes do mundo — 10. Oferecer — 15. Pequeno circulo de metal — 16. Do verbo roer — 19. Lavrar — 20. Botequim — 22. Sala em que se leciona — 24. Um milheiro — 25. A casa — 28. Mulo — 29. Siga.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 61 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS — Cocar — Opaba — Catas — Abará — Rasara — Ras — Car — Amado — Matar — Atada — Dador — Orara — Amiba — Mimar — Imano — Banal — Arola — Amatar — Anacê — Tapam — Acaçá — Remar.

VERTICAIS: — Cocar — Opaba — Catas — Abará — Rasar — Ara — Ará — Amados — Matar — Atada — Dador — Orara — Amiba — Mimar — Imano — Fanal — Carola — Matar — Anacê — Tapam — Acecá — Remar.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Portugal — Errar — Tu — Iam — Bá — Ais — Locam — Raio — Sala — Arara — Lar — Ta! — Ama — Sã — Irara — Araruama.
VERTICAIS: — Patarata — Ré — Tri — Ural — Gamos — Ar — Camarada — Uiara — Balas — Sía — Cal — Orara — Amar — Arú — Ir — Aa.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

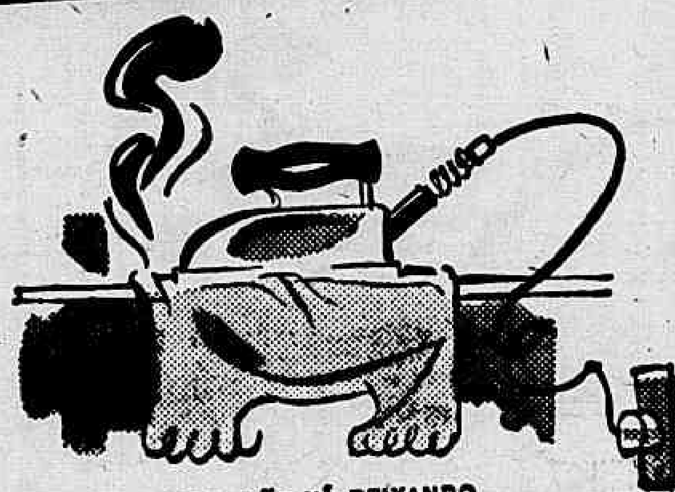
Com Eletricidade... -tudo é mais Fácil!



FOI-SE O TEMPO EM QUE AS SENHORAS LOGO NAS PRIMEIRAS HORAS ENCHIAM O FERRO A CARVÃO, P RA PASSAREM TÔDA A ROUPA. E ISSO NÃO ERA SOPA! FAZIA CALOS NA MÃO!



MAS, HOJE, A ELETRICIDADE COMPLETA A FELICIDADE QUE EM CASA SE PODE TER, COM O FERRO DE ENGOMAR ELÉTRICO, ATÉ, PASSAR A ROUPA TÔDA É UM PRAZER.



AGORA, NÃO VÁ DEIXANDO LIGADO O FERRO, GASTANDO MAIS DO QUE A QUOTA QUE TEM. USE-O COM ECONOMIA POUPANDO A SUA ENERGIA POUPE A DO FERRO TAMBÉM

Economize Eletricidade!



A TIMIDEZ DE LETTY

























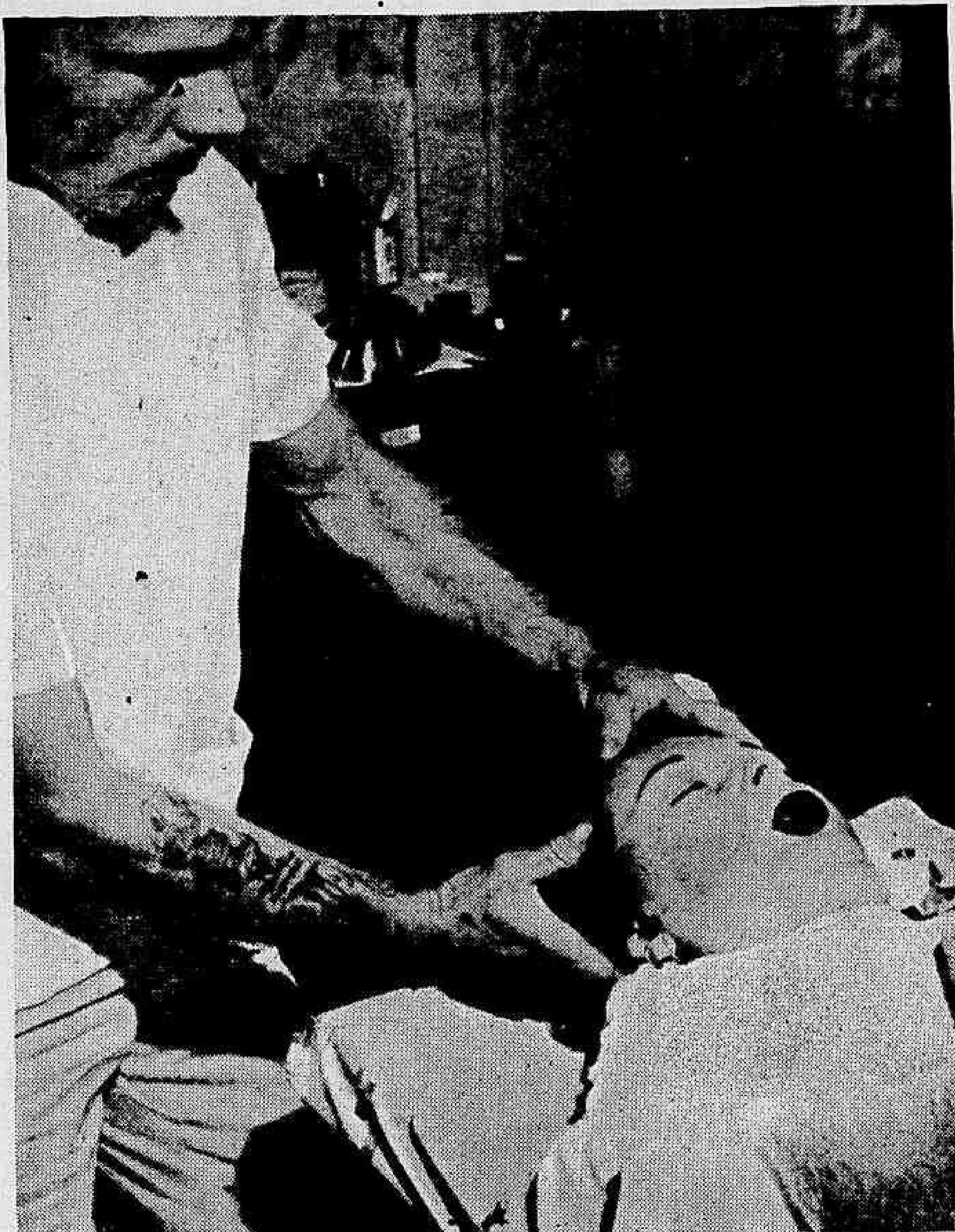
SERÁ QUE LETTY SE SALVARÁ?

TUDO ISTO

VENDENDO EMPREGOS

QUEM não quer ser empregado público neste país? Mas, nem todos podem conseguir um bom lugar estável e com agradáveis vencimentos, além das demais regalias, uma vez que é necessário o concurso, e, depois, contar com certas influências para a respectiva nomeação. Ora, sucedeu que um cidadão da A.P.R.J. (Administração do Pôrto do Rio de Janeiro) resolveu o problema para beneficiar a quantos quisessem empregar-se ali. Nada de concurso, nem de pistolões, nem de outros meios um tanto humilhantes. Bastaria que lhe pagassem tanto ou quanto pelo lugar e êle arranjaria tudo. Muita gente caiu na história. A média para a obtenção do emprêgo era de Cr$ 1.200,00. Uma canja. Mas sucedeu que o negócio não ficava apenas numa só pessoa lá de dentro da Administração, sendo rateada a safra com outras também interessadas no benefício público... O caso foi descoberto por um dos candidatos e a história chegou aos ouvidos do Presidente da República, que imediatamente mandou apurar o caso. O engenheiro-chefe, a quem está afeto o pessoal que trabalha ali, mandou arrolar todos os auxiliares, que diziam estar empregados mediante a "compra" do emprêgo. Acareados com o acusado, tudo ficou esclarecido. A mamata era verdadeira e demitido o responsável, sendo punidos com suspensões os seus assistentes. Que pena! Suspiraram os que estavam na fila...





MARY ASTOR artista do cinema norte-americano e possuidora de um dos prêmios da Academia, tentou suicidar-se com suporíferos, sendo socorrida. Aqui a vemos submetida a tratamento no hospital de Valley, em Hoolywood, a 7 de maio. Mary tem atualmente 45 anos e pela 3ª vez tenta o suicídio.

COM O DIABO NO CORPO

SEBASTIÃO Tavares, o "Baduca", é um temível desordeiro do morro do Salgueiro, diz um vespertino carioca iniciando a reportagem sôbre revoltante crime cometido naquela zona da briga. Por êsse motivo, o nome de "Baduca" não sai do noticiário policial de nossa imprensa. E' mestre em assaltos e agressões. Há poucos dias, numa roda "Baduca" conversava com outros amigos sôbre futebol. Foi quando Oscar Monteiro, conhecido "pai de Santo" daquela zona, disse que a "Copa do Mundo" fôra levada pelos uruguaios, mas que queria ver agora quem ficaria com a "Copa Rio". Nesse momento, Sebastião Tavares levantou-se e, sem dizer nada, aplicou tremenda bofetada em Oscar Monteiro, o "pai de Santo", o qual reagiu à bala. Veio em socorro de "Baduca" um seu amigo, Oswaldo, sendo também alvejado pelo "pai de Santo". Os tiros não atingiram locais de de gravidade e os dois feridos foram recolhidos ao Hospital de Pronto Socorro São Sebastião, onde estão fora de perigo. O "pai de Santo" foi prêso e está no xadrez para o respectivo processo. "Baduca", interrogado no hospital, conta a história como acima ficou dita, procurando negar o início da agressão. Segundo êle, o "pai de Santo" o alvejou por causa de antiga rivalidade.





Ninguém será capaz de dizer quem é êsse baixote e gorducho que está na cidade de Nápoles. Pois fiquem sabendo que se trata de Spencer Tracy, um dos maiores astros de Hollywood. Mr. Tracy foi à Itália e levou uma carta de apresentação do cardeal Spellmann para ser recebido pelo Papa.

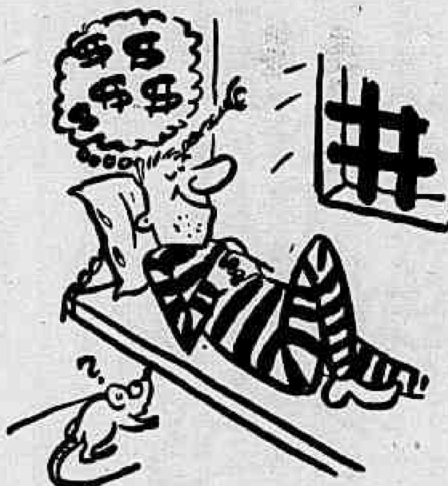
COELHOS ENVENENADOS

OS jornais, há poucos dias, publicaram notícias alarmantes sôbre o furto de dois coelhos que estavam no Hospital Gaffré-Guinle, e se destinavam a experiências sôbre o câncer. Segundo dizia um dos nossos vespertinos, os animaizinhos estavam inoculados com células cancerosas. Como não podia deixar de ser, houve nervosismo entre as pessoas que gostam de carne de coelho. Nos restaurantes ninguém come coelho, nem nos cardápios de hotéis, uma vez que se costuma dizer "lebre", em vez de coelho, embora muita gente come "gato por lebre". Contudo, prêso o gatuno de coelhos, o mesmo declarou que vendera os bichinhos a uma loura nas proximidades da Lapa. Era preciso descobrir a senhora que adquiriu os orelhudos inofensivos quando em estado natural, mas muito perigosos quando inoculados do "vírus" do câncer. Não apareceu, porém, nenhuma loura como tendo ficado com os coelhinhos, o que provava uma destas hipóteses: ou não lera a notícia divulgada pela imprensa, ou não os comprara para a panela, e sim para criar e dera fim aos mesmos sem mais apelação. Nessa última suposição, a tal loura deve estar com grande remorso. E' que a eliminação dos bichinhos foi um ato precipitado. E' que, segundo declarações da diretoria do Hospital Gaffré-Guinle, os coelhos não estavam, absolutamente, inoculados com o "morbus" do câncer. Ambos estavam sãos e capazes de ser comidos fritos. Os animaizinhos iam servir a experiências sôbre gravidez...



ACONTECEU

O PLANO DO CRISOLINO



AQUELE hóspede do "Hotel Novo Mundo", tentando suicidar-se com uma faca rombuda, mais própria para tirar manteiga, do que atravessar um coração angustiado, imaginou um drama trágico que terminou em comédia de má-sorte. Para êle, é claro. O rapaz vivia com uma idéia: montar um armarinho. Mas, sem crédito nem dinheiro, arquitetou um "golpe". Fingiria ter sido furtado em cem contos de réis naquele hotel, e, na certa, para evitar escândalos, o dono do estabelecimento lhe passaria os cem milhões apetecidos para a sua "bijouteria". Muito fácil, como vemos, isto é, como êle via. E começou a cena numa das mesas do "Night anda Day" com uma história de um jantar "modesto" que lhe custa apenas oitocentos cruzeiros. Findou o caso com simulações de suicidio no próprio hotel. Dali foi êle para a Assistência, simulando nervosismo exagerado e dizendo que um homem honrado não podia resolver sua situação senão eliminando a própria vida. O dinheiro que desaparecera de sua valise, cem contos de réis, eram de seus patrões de S. Paulo. Dêle eram apenas vinte contos. Mas a polícia não acreditou e o comissário Rui Tenório ouviu tôda aquela história e não pôde crer no que o homem dizia. Algo estava errado. E entrou firme, fazendo-lhe perguntas de desmanchar nó-cego Crisolino gaguejava, empalidecia, ficava sem fala. Até que confessou: tudo não passara de um plano. Mas que era um rapaz decente.

CONTINUA A CONFUSÃO



JÁ nos ocupamos, em um dêstes tópicos, do movimentado e sensacional caso do suposto rapto do filho do milionário Matarazzo, o estudante Eduardo Andréa Matarazzo. O assunto já descamba para versões inesperadas, como a de que o jovem nada mais desejava senão evitar a perda da mesada de sessenta mil cruzeiros que lhe dava o pai, caso fôsse reprovado nos exames do instituto de ensino, onde faz seu curso secundário. Em primeiro lugar, o rapto seria para beneficiar os dois indigitados criminosos: Alexandre Malavasi e Mario Comelli, os quais só libertariam o prisioneiro mediante dez milhões de cruzeiros; depois surgiu a suspeita de que o raptado e os raptores nada mais estavam fazendo do que uma farsa de mau-gôsto, no sentido de dividirem entre si os proventos da pantomima; por último, o assunto se ligava ao temor que o sr. Eduardo tinha de que ia ser reprovado nos exames, perdendo os sessenta contos de réis mensais. Com a prisão dos supostos criminosos, esperou-se que o assunto ficasse definitivamente claro. Mas, tudo continua cada vez mais denso. A detenção dos raptores se deu a 24 de maio. Foram submetidos a severo interrogatório, explicaram que tudo não passava de simulação para proteger Eduardo. Impetrado "habeas-corpus" em favor dos detidos, o Juiz Wilson José de Melo, da 7ª Vara Criminal, concedeu-lhes alvará de soltura. Volta Eduardo a falar e sustenta suas declarações...

CONTRABANDO LEGALIZADO



DOIS estrangeiros chegaram ao Rio por mar. Um deles trazia como bagagem de uso pessoal: 18 quilos de "soutiens", 45 de roupas de sêda, 240 de bijuterias, 1.920 pares de meias "nylon", 43 quilos de casemira, 8 de vestidos de lã, etc. O outro apresentava em sua bagagem de "uso pessoal", o seguinte: 1.142 termômetros, 21 quilos de roupas de linho, 24 adereços de ouro, prata e matéria plástica. A bagagem do primeiro estêve armazenada na Alfândega, durante dois anos, apreendida sob a razão de que não houvera licença prévia para a compra de tanta mercadoria. O viajante entrou com um mandado de segurança, o que foi imitado pelo outro, o dos 1.142 termômetros, sendo-lhes concedido o recurso judicial para a interdição dos seus haveres. Mas, agora, surge outro caso ligado ao primeiro. A mercadoria de "uso pessoal" do primeiro a chegar (o dos dezoito quilos de "soutiens", 1.920 pares de meias "nylon", etc.), apresenta uma conta de armazenagem na Alfândega, no valor de Cr$ 550.000,00 (quinhentos e cinquenta mil cruzeiros). Quem vai pagar? O viajante declara que não pode pagar essa quantia. A Administração da Alfândega diz que êle tem que pagar! E agora? De tudo isso, leitor, resulta o seguinte: se a moda pegar mesmo, qualquer pessoa poderá entrar no Rio, vindo do estrangeiro, com os mais vultosos contrabandos... legalizados pela nossa própria Justiça. O caminho está aberto.



TITO GOBBI é um barítono italiano. Quando estêve em Johannesburg, Africa do Sul, ao regressar a Roma trouxe um filhote de leão para sua filha Cecília. A menina batizou o bichinho com o nome de «Fígaro». Por enquanto é um animalzinho manso; mas quando começar a botar as unhas de fora, só mesmo no Zoo.



O ANÃO DO CIRCO do Madison Square Garden, Tom Bascom é ajudado pela artista Mary Loyal para falar ao telefone. Na outra foto, o anão do Circo Medrano, em Paris, descansa um pouco das fainas do dia. Tem êste 25 anos e trabalha num grupo de palhaços do mesmo circo e em outros «shows».

VARIZES
EM SENHORAS
E HEMORROIDAS EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das varizes. Usando na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males hemorroidários (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Para varizes (e pernas) tome o liquido via bucal e friccione a pomada no local. Para hemorróidas use a pomada no local e tome juntamente o liquido. USE DURANTE 3 MESES. Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo





LUTA PELA BELEZA

Na luta incessante pela sua beleza pela sua boa aparência, pela sua estética, sacrifícios, n-m os de ordem econômica, adquirindo e usando o mai variado sortimento de cremes, pomadas e todos os artigos de perfumari e de farmácia, nem os de ordem física, submetendo-se paciente e corajosamente a tôda sorte de regimes massagens, ginásticas etc. Censur nenhuma ela merece por isso, um vez que lutando pela obtençãc ou pela conservação de sua beleza ela nada mais faz que lutar pela sua própria vitória, isto é, pela sua própria felicidade. Não se pode, pois, censurá-la em relação ao objeto de su luta. Mas muitas observações nos sugerem os meios nem sempre eficaze e adequados de que ela lança mão para atingir êsse objetivo. Quantas moças e senhoras tratam com especia cuidado de sua pele, de seus cabelos de suas unhas, de suas sobrancelhas de sua boa aparência, enfim, esquecendo-se do principal: da sua saúd íntima. Muita ginástica, muitas massagens, muitos cremes, tinturas, etc. Mas nenhuma providência, nenhum tratamento, no sentido de regulariza o seu organismo, de afastar perturbações que são geralmente a causa primeira dos defeitos da pele, da obesidade e de mil outros inimigos da boa aparência, da beleza! Ilusão perigosa e prejudicial! Sem saúde nã há beleza! Antes de qualquer providência, antes de qualquer tratament visando assegurar o sua beleza, garanta a irregularidade de seu organismo, combata os males do seu sexo e os afaste definitivamente recorrendo ao remédio que é fabricado de acôrdo co ma natuseza dêles: REGULADOR XAVIER. O Reguladir Xavier Nº 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas conseqüências. O Regulador Xavier Nº 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas conseqüências. O Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2 conforme o seu caso — lhe dará saúde permanente, saúde integral. E a saúde é a fonte única e inesgotável de sua beleza. Grave bem: — REGULADOR XAVI-ER.

FEIRA LIVRE DE . . .

(Cont. da pg. 36)

bandistas. E note-se que, apesar do preço baixo essa lancha não achou comprador, estaria *manjada?*

Por que comprar uma calcinha de senhora por mil cruzeiros havendo no comércio do Rio, produto talvez vendido pelo próprio arrematante, pelo preço de Cr$ 250,00?

Coitado do Brasil !

Como vêem os leitores, a corrupção gera a situação em que vivemos. A fraude é um instrumento até da demagogia. Os homens de instrução apenas rudimentar sabem que os nossos problemas são fundamentais, de raízes no âmago de nossa sociedade. Entretanto, em vez de tratar de os estipar, querem precipitadamente amenizá-los para dar satisfações políticas ao povo. A carne da Argentina é um exemplo. Temos carne, mas também temos "tubarões" que a retêm para obter preços mais altos.

O câmbio negro de automóveis é, portanto, uma das muitas mazelas que nos extirpam o couro. E a "Feira Livre" vem a ser a confirmação de que êsse negócio ilegal está perfeitamente legal, já que os recursos judiciais para impedí-lo são parcos, e muito fáceis de contornar. Que os leitores fiquem sabendo disso e, através das colunas desta REVISTA, mais alguns fatos que ainda ignoravam. E como parece não existir remédio contra a inflação, aguardemos a deflação que costuma chegar no ápice da primeira. Então as *sardinhas* engolirão cadillacs por 50.00 cruzeiros procedentes da indigestão dos tubarões de terra firme.

MARÍLIA FALA DE . . .

(*Continuação da pág.* 12)

— Não, o interessante veio depois, quando, o carro enguiçou mais adiante e os garis saíram correndo atrás do veículo com suas vassouras. Que susto!

— Outra implicância d. Marília.

— Lembro-me da última: já doente, poucos dias antes de morrer, pediu a sua mãe que o levasse até à janela. Feita a vontade, gritou ao jardinheiro, com quem implicava desde criança:

— Tesoura! Tesoura!

— Por quê fazia isto, perguntamos.

— Só para ouví-lo xingar...

A MORTE DO POETA

Já se fazia tarde e não queríamos continuar tomando o tempo daquela que tão gentilmente nos ajudara a compor nosso modesto trabalho: por isto fizemos a última pergunta:

— Como foi a morte de Noel?

— Foi um episódio tristíssimo. A vila inteira compareceu para chorar o passamento de seu poeta. Meu pai que estava presente, diz nunca haver assistido a coisa mais comovedora.

— A senhora se lembra de algumas de suas últimas palavras?

— Guardo como o maior elogio à minha carreira artística, uma de suas últimas frases. Na hora da morte chamou meu irmão Henrique e disse:

— Seu amigo, Henrique, agora, "nunca mais".

— Nunca mais, respondeu Henrique é o nosso samba, meu e da Marília.

— Sim, respondeu Noel, o mais simples e o mais bonito.

— Mais alguma coisa d. Marília.

— Sim, quero que você apele para esta gente para que respeite o ritmo, a melodia e a arte de Noel e... que cuide da sua sepultura.

O REPÓRTER NA VILA

Depois da entrevista que tivéramos com d. Marília, fomos à vila ouvir os velhos moradores; uma vizinha de Noel, de nome Dorica, íntima da família acrescentou alguns subsídios ao nosso trabalho:

— Um dia dei uma festa aqui em casa, época de São João, e Noel era convidado obrigatório. Eu estava lá dentro arrumando umas coisas quando êle entrou e disse:

— Dorica, dê-me papel e lápis.

— Estranhei, mas fiz-lhe a vontade. Daí há pouco, ouvi acordes de um violão e a sua voz que cantava: "Nosso amor que eu não esqueço e que teve seu comêço numa noite de S. João..." Compreendi, então, para o que pedira o lápis e o papel.

Dona Dorica foi pessoa íntima da família de Noel e sabia de muitas coisas interessantes sôbre o poeta da Vila. Solicitada por nós, continuou contando:

— Uma vez eu estava já deitada. Seriam duas horas da manhã quando alguém me chamou à janela: "Dorica, ó Dorica, abra a porta". Era Noel que me explicou que precisava tomar um banho e mudar a roupa porque a que usava, branca, estava enxovalhada pela chuva. Dei-lhe toalha e sabonete e, pouco depois, saía êle para outra festa que não aquela de onde viera.

— Lembra-se de mais alguma coisa d. Dorica?

— Muita coisa poderia contar ainda. Lembro-me de que êle penetrava em casa de gatinhas ao passar pela janela do quarto de d. Marta para não acordá-la; dos jogos de botões, as serenatas que costumava fazer até altas horas, uma série de coisas que lhe contaria, se tivesse tempo para isto.

De repente, nossa entrevistada nos chamou a dar uma volta pela Vila. Consultamos os antigos moradores: um lhe aconselhava sempre a ir embora mais cedo, outro farreara com êle mas não se lembrava de mais nada. De positivo mesmo, nada.

De casa em casa, d. Dorica nos levou à residência de uma senhora cujo nome, a seu pedido, omitimos e que foi noiva de Noel, antes de êle casar-se:

— Os retratos que eu tinha destruí quando me casei, declarou-nos, a única recordação que tenho é que êle passava por mim, já meu noivo, com outras moças.

— E a senhora não brigava com êle?

— Reclamava, mas êle sempre dizia: "Isso é brincadeira, minha filha, eu só caso com você". E casou com outra...

Deixando aquela senhora, d. Dorica nos levou a um dos velhos habitantes que nos contou:

— Lembro-me quando o "queixinho" surgiu, aí por volta de 1919 ou 1920. Cantou, num clube local, uma embolada de sua autoria, de improviso. O garôto tinha bossa e passou a ser o assunto obrigatório da Vila.

— Lembra-se de mais alguma coisa?

— Recordo-me de que, em tôda casa onde havia uma festa, Noel e os componentes do antigo Vila Izabel F. C. usavam de um expediente interessante para comer tôda a ceia dos festejadores. Noel cantava uma seresta e enquanto os moradores cativados por aquela voz; desviavam sua atenção para a música, seus colegas faziam a limpeza...

HISTÓRIA...

(Cont. da pág. 54)

D. Augusto uma atitude mais benigna do que a que o govê no provisório tivera em relação aos demais membros da Família Imperial. Não nos parece que a razão seja difícil de encontrar. D. Augusto fôra ajudante-de-ordens de Wandenkolk, que pudera de perto apreciar suas magníficas qualidades. Naturalíssimo era que procurasse resolver as coisas da fo-ma que menos melindrasse e desgostasse o antigo companheiro d'armas. Daí o dar a S. A. a oportunidade de pedir demissão, uma vez que sabia ser propósito do govêrno republicano riscá-lo de qualquer forma dos quadros da Marinha, como veio a fazer mais tarde.

Conhecemos, já velhos almirantes reformados, dois dos companheiros de viagem de D. Augusto, os então guardas-marinha Henrique Boiteux e Theophilo Nolasco de Almeida, ambos catarinenses. Falavam sempre com saudades do companheiro que não mais tornaram a ver, do seu coleguismo e espírito brincalhão e trocista. O almirante Boiteux escreveu mesmo um artigo, que lamentamos não possuir e não poder consultar por falta de indicação bibliográfica, em que relembra episódios da viagem de circum-navegação e a sua despedida de Colombo, onde, com os olhos marejados de lágrimas, abraçou um a um todos os companheiros, comovidíssimos como êle. Antes disso, no Hotel Oriental, haviam-lhe os colegas oferecido um jantar de despedida, findo o qual estavam rasos d'água os olhos de todos os convivas. D. Augusto distribuiu entre os colegas os objetos de uso pessoal que trazia consigo. Para êste um livro com dedicatória, para aquêle os damascos que lhe ornavam o camarote, e, a muitos, a sua melhor fotografia. Ao tenente Alberto Carlos da Cunha, um dos mais chegados, deu a sua espada, para que êsse objeto também voltasse ao Brasil. Esta peça conserva-se atualmente no Ministério da Marinha, serviço de documentação.

D. Augusto seguiu para a Europa, onde se manteve junto a D. Pedro II até a morte dêste. Fixou, depois, residência em Viena, onde, a 30 de maio sw 1894 se casou, na Hofburg, oficiando na cerimônia religiosa o príncipe arcebispo da capital austríaca Antônio José Gruscha, e presentes os imperadores da Áustria e outros soberanos e príncipes especialmente convidados, com S. A. I. e R. Dona Carolina, Maria, Imaculada, Josepha, Fernanda, Thereza, Leopoldina, Antonieta, Francisca, Izabel, Luiza, Januária, Christina, Benedicta, Lourença, Justiniana, arquiduqueza d'Áustria e grã-duqueza de Toscana. Foram padrinhos S. M. o rei Francisco II de Nápoles e Duas Sicílias, e o grão-duque de Toscana. Vá-ios brasileiros então na Europa foram expressamente convidados para a cerimônia. Dessa união nasceram nove filhos.

A princesa Carolina Maria Imaculada era filha do arquiduque Carlos Salvador da Áustria e neta, por parte paterna, do último grão-duque reinante da Toscana. Sua mãe era a princesa Ma-ia Imaculada de Bourbon-Nápoles, e avô materno o rei Fernando II de Nápoles e Duas Sicílias. Nasceu em Alt-Münster, na Áustria, perto de Gmunden, a 5 de setembro de 1869. Muito caridosa, e sempre pronta a socorrer os humildes e sofredores, ofereceu à Cruz Vermelha Internacional, durante a g-ande guerra de 1914-18 todo o seu dote de casamento. Além de ótima espôsa e mãe, D. Carolina Maria era artista de invulgar talento, dedicando-se à naturezas mortas em aquarela. Depois de viúva passou a viver no castelo de Schladming, na Áustria, e na Hungria. Estava em Budapesth quando a 12 de maio de 1945 foi bàrbaramente trucidada pelas hordas soviéticas, que também, além de saquearem e incendiarem suas prop-iedades, ainda lhe mataram dois filhos.

D. Augusto que, por herança paterna, nascera marinheiro, obteve do Imperador Francisco José entrar para a Reserva Naval Austríaca, sem sacrifício de sua qualidade de Brasileiro, nas mesmas condições em que ingressa-am no exército dêsse império seus primos, filhos de D. Izabel. Para isso teve de fazer um exame de habilitação, do qual se saiu brilhan-



temente com os conhecimentos adquiridos em nossa Academia Naval, conforme escreveu de Schladming, a 6 de maio de 1893, ao barão de Estrêla, seu procurador no Brasil: "Passei, como já sabe, meus exames brilhantemente. Como escrevi ao Antônio (irmão do Barão d'Estrêla e também Barão, de Maia Monteiro), resolvi entrar ao serviço d'Áustria, visto o Imperador me receber como Príncipe Brasileiro, sem que eu tenha de perder os meus direitos de Brasileiro..." Em outra carta, também endereçada ao mesmo, esta datada de bordo do couraçado guarda-costa "Wien", em Pola, de 27 de julho de 1897, escrevia: "Fui muito bem recebido em Lisboa pelas Majestades, assim como por todos da Real Casa. Estive em S. Vicente (de Fora), onde visitei o túmulo de meus queridos avós. De Lisboa fomos para Portsmouth, onde as festanças foram grandes, porém muito massadoras. Estive em Windsor com a Rainha por diversas vêzes, e ela foi, como sempre, muito amável."

D. Augusto possuía, como seu pai, o duque de Saxe, o tio Czar da Bulgária, e o irmão Pedro, e, em geral, os príncipes da Casa de Saxe-Coburgo, a vocação de colecionador. Especializou-se na de peças de marfim. O pai colecionara relógios, o Czar Ferdinando, pedras preciosas; o mano Pedro, medalhas e minerais. Como o pai, era um apaixonado pela caça. Segundo nos inormou seu neto D. Carlos, D. Augusto nunca se pôde habituar à vida e clima europeus. Sua residência habitual, o castelo de Gerasdorf, perto de Viena, era um reduto da brasilidade em terras européias, um pedaço da Pátria, cheia de objetos, fotografias e lembranças do Brasil. Seguiu na onomástica dos filhos, em número de nove, as tradições da Casa de Bragança Brasileira, fazendo que todos terminassem pelos pronomes habituais Miguel, Gabriel, Raphael, Gonzaga. Ao comunicar de Pola, a 7 de novembro de 1895 ao barão d'Estrêla o nascimento do seu primogênito, assim se expressa: "eu lhe dei antes de ter recebido sua carta a grande e feliz notícia de que eu era pai de um filho, o qual vai muito bem e foi batizado a 30 do passado. Os nomes são Augusto, Clemente, Carlos, Maria, José, Gabriel, Raphael, Gonzaga. Dei-lhe êsses três últimos nomes, porque são os da família de Bragança, e como desejo que êle também mais tarde use do nome Bragança, como eu, eis porque êle os tem."

D. Augusto recebeu, com imensa alegria a notícia de que o presidente Epitácio Pessoa assinara o decreto revogando o ato de banimento da Família Imperial. Preparava-se, com tôda a família, para vir ao Brasil assistir às comemorações do Centenário da Independência em setembro de 1922, mas a doença que o retinha prêso ao leito, o impediu de realizar esta aspiração e sonho durante longos anos acalentados, vindo a falecer em Schladming a 11 de outubro de 1922. Sua filha, a princesa D. Thereza Christina, casou-se em Salzburgo, a 6 de outubro de 1930 com o barão Lamoral, Alexandre, Antônio, José, Maria, de Taxis, Bordogna e Valnigra, e em companhia do espôso visitou o Brasil em 1938, sendo a primeira descendente de D. Leopoldina a pisar terras brasileiras após a revogação do banimento. Esta princesa, que atualmente reside no castelo de Magor, na Itália do Norte, nas proximidades de Trento, nasceu a 23 de agôsto de 1902 no castelo de Walterskirchen, na Áustria. Recebeu na pia batismal os nomes de Thereza, Christina, Maria, Josefa, Inácia, Benícia, Micaela, Gabriela, Rafaela, Gonzaga, tendo feito longos e aprimorados estudos em Presbaum, perto de Viena. Seu espôso pertence a um ramo da casa dos príncipes de Thurn e Taxis, casa mediatizada do Sacro Império, à qual Carlos V, imperador d'Alemanha, e soberano em "cujos domínios o sol não se escondia" conferira o monopólio dos serviços postais em seus estados. A família é antiquíssima, de origem italiana, sendo o seu primitivo nome Tasso, à qual pertenceu o poeta clássico italiano Torquato Tasso, autor dos poemas *Jerusalém Libertada*, *Rinaldo*, etc. Recebeu, com o correr dos tempos, e influência das várias línguas dos países onde possuía apanágios, as variantes de Tassi, Tassis e Taxis.

A princesa D. Thereza Christina Maria de Saxe-Coburgo e Bragança foi a única descendente dos nossos imperadores, do ramo Saxe, e na sua geração, que manteve tôdas as tradições de brasilidade herdadas do pai, conservando em sua residência muitos objetos e quadros relativos ao nosso país, e falando o português. Reconheceu-lhe a nacionalidade o govêrno da República, durante sua estada entre nós. A 27 de dezembro do ano anterior todos os irmãos e irmãs dessa princesa haviam renunciado em seu favor aos eventuais direitos de D. Augusto sôbre a coroa brasileira. E' de todos os descendentes de D. Pedro II, no dizer de um filho, quem mais se parece com o grande monarca, e também impressionante a semelhança com a princesa D. Izabel, agora que seus cabelos já vão prateando. Tem quatro filhos, todos registrados no consulado do Brasil em Viena, como cidadãos brasileiros, 1º, D. Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, nascido em Gmunden, na Áustria, a 16 de julho de 1931, tendo sido seu padrinho o duque reinante de Saxe-Coburgo-Gotha; 2º, D. Alice Carolina, nascida no castelo de Schladming a 7 de junho de 1936, tendo sido madrinha a princesa D. Carolina Maria, sua avó; 3º, Dom Tassilio Phillipe, nascido em Gmunden a 5 de janeiro de 1939, e apadrinhado na pia pelo príncipe Phillipe de Saxe-Coburgo; 4º, Dona Maria Christina, nascida no castelo de Magor (Trento) a 31 de janeiro de 1945.

Reside desde 1949 entre nós o primogênito dessa irmandade. D. Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, que veio à pátria reafirmar seus direitos de Brasileiro, prestar serviço militar e diplomar-se em uma de nossas faculdades.

CLADO RIBEIRO DE LESSA

NOTAS

(1) Varnhagen, em carta datada de Viena, 15 de fevereiro de 1871, dirigida a D. Pedro II, descreve os últimos momentos de D. Leopoldina, assistidos por sua irmã D. Izabel, então de viagem pela Europa, a qual não chegou a reconhecer, pois já delirava quando pela primeira vez entrou no quarto da enfêrma, no dia 2 de fevereiro, isto é, cinco dias antes de seu falecimento. O original da carta de Varnhagen encontra-se no Museu Imperial em Petrópolis.

(2) Nessas disciplinas teve durante algum tempo como professor particular ao tenente-coronel Benjamin Constante Botelho de Magalhães. Como o professor procurasse com insistência e fora de todo o propósito e conveniência incutir-lhe idéias republicanas e positivistas, o augusto disci

(Cont. na pág. 46)

Respostas ao teste

1—40 milhas
2—Tragado pelo Vesúvio
3—Friccionando as asas
4—Fecundar as plantas (conduzindo pólen de umas flores para outras)
5—O que não pode ser tocado
6—Confúcio
7—Buda
8—Solanun melongena
9—Dor nos joelhos
10—Tefofobia
11—Hebraica
12—Em grego
13—Por ensinar uma nova concepção da vida
14—Frederic François Chopin
15—Sinfonia.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....
RUA .... Nº
CIDADE .... ESTADO .....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Uma cousa ...



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

OS PRÍNCIPES DA CASA . . .

(Cont. da pág. 33)

o Exmo. Presidente da República, mas que êle viajava, não como membro da família reinante do Brasil, mas como simples 2º tenente, e que só nesse caráter devia ser considerado.

Feita, porém, como foi a visita, entendi que seria requintada grosseria não retribuir o 2º tenente D. Augusto tamanha gentileza do chefe de uma nação amiga e vizinha; pelo que, no dia e hora por êste indicados, fui ao palácio do govêrno, levando em minha companhia êsse oficial, fazendo-nos a fineza de acompanhar-nos o sr. Conselheiro Ponte Ribeiro, que era então nosso ministro junto àquele govêrno, e por cujo intermédio obtive do Presidente da República essa audiência, a fim de o cumprimentarmos, eu e D. Augusto. Com muito agrado fomos recebidos por S. Excia., que, no entanto, obrigou-nos a uma demora menor do que esperávamos ter, pois limitou-se a perguntar-nos pela saúde do ex-imperador e qual o itinerário da nossa viagem."

As impressões que Custódio de Melo diz ter guardado da recepção na República Argentina foram de simples cortesia fria, e contrastaram sobremaneira com as dos povos e governos uruguaios e chilenos, dêstes últimos, particularmente.

"Tudo quanto eu pudesse referir a V. Excia. a respeito das manifestações de que temos sido alvo neste país, especialmente S. A. D. Augusto, estaria longe da verdade, porquanto são daquelas que se não podem descrever. Por esta razão limito-me a comunicar a V. Excia. o fato, declarando que acredito na sinceridade dessas manifestações, porque tenho tido o cuidado de observar o como têm sido feitas, e por que faço do caráter do povo chileno o mais lisonjeiro juízo." — foram estas palavras endereçadas ao titular de sua pasta pelo comandante do "Almirante Barroso".

Entre as provas de consideração especial de que foi alvo o neto do Imperador contava-se o envio, pelo presidente Balmaceda, do seu ajudante-de-ordens, o general Valdevieso, a fim de pôr-se à disposição de S. A. durante a demora em Valparaíso. Embora o comandante do navio houvesse repetido o refrão de que D. Augusto viajava no caráter de simples oficial de marinha, e não de representante da dinastia, o general insistiu, declarando graciosamente que cumpriria de qualquer maneira as instruções recebidas de seu govêrno. O comandante do navio brasileiro teve que ceder, aceitando para o oficial às suas ordens tão qualificado cicerone; gastou, porém, quase três páginas procurando justificar-se perante os jacobinos dessa sua "complacência" (págs. 72-75), que, segundo afirma, foi estranhada pelo então ministro da Marinha, o Barão de Ladário, como "atentatória da disciplina militar"!! Em honra do homem que mais tarde saberia tão dignamente contrapor-se à usurpação da presidência por parte do marechal Floriano Peixoto, devemos contudo salientar que, datando o seu livro de 25 de novembro de 1891, quando já governava Floriano com a sua coorte de primários e energúmenos, e publicando-o em 1896, na época da campanha de Canudos, quando se assanhava no Rio e outras cidades a fúria jacobina em assassinatos e depredações, Custódio de Melo teve a coragem cívica de fazer em mais de um lugar justiça às altas qualidades morais e intelectuais do nosso último imperador. Como especialmente significativo transcrevemos um dos parágrafos à pág. 73 do livro, no qual aprecia a significação do gesto do presidente do Chile para com o nosso príncipe:

"Não se tratava de uma homenagem do presidente da futurosa república transandina ao príncipe da monarquia brasileira, ao neto do imperador do Brasil, e, muito menos, ao 2º tenente D. Augusto; era simplesmente questão de uma finíssima galanteria, que só sabe ter um homem de aprimorada educação; que fazia um distinto chileno ao descendente do homem mais ilustre da América do Sul, daquele que, por suas excelsas virtudes e entranhado amor às letras, impunha-se, como ainda impõe-se, à estima e veneração de todo o mundo civilizado."

O governador da colônia inglêsa em Sidney, Lord Carrington, cavalheiro a quem Custódio de Melo faz, a todos os respeitos, as mais elogiosas referências, convidou-o, e ao príncipe D. Augusto para um cortejo a realizar-se no dia 24 de maio, aniversário da rainha Victoria. Havendo já o chefe do navio dado a conhecer ao governador o caráter em que S. A. viajava, expôs sua estranheza ao nosso vice-cônsul, uma vez que, como simples oficial, não deveria preterir outros mais graduados e antigos, inclusive o 2º comandante. Numa conferência que teve lugar em palácio, a autoridade inglêsa explicou-se alegando que convidara D. Augusto para que viesse "como ajudante-de-ordens do comandante", qualidade em que efetivamente compareceu.

Foi em Atjeh ou Achen, ao noroeste de Sumatra, que a tripulação brasileira recebeu as primeiras notícias, em caráter não oficial, do golpe de estado do general Deodoro. Como o mal estado das caldeiras forçasse o navio a demorar-se nesse pôrto, que não estava no itinerário previsto do cruzeiro, ainda lá se achava quando chegou o dia 2 de dezembro, aniversário do Imperador, que foi celebrado com o cerimonial de praxe para os navios, que consistia em embandeirar-se em arco e dar as salvas regulamentares. Nesse mesmo dia a Câmara de Cuiabá prestava também homenagem ao Imperador, de cuja deposição ainda não tinha conhecimento, em vista da distância e da falta, ao tempo, de linhas telegráficas ligando a capital do país com a de Mato Grosso.

De Achen, sem esperar pela resposta sôbre os recentes acontecimentos, pedida telegràficamente ao ministro da Marinha, o navio zarpou para Colombo, pôrto e capital da ilha de Ceylão, onde D. Augusto se despediria para sempre dos companheiros d'armas e da Pátria extremecida, ali representada extraterritorialmente pelo convés do "Almirante Barroso".

O comandante descreve, procurando, como sempre, justificar-se da atitude que tomou, êsses últimos e dramáticos momentos. Em três telegramas Wandenkolk, ministro da Marinha do govêrno provisório, ordenava-lhe a substituição das insígnias imperiais nas bandeiras e que induzisse o príncipe D. Augusto a pedir demissão do serviço. Tomou providências quanto às bandeiras, mandando cortar a coroa e coser em seu lugar uma estrêla vermelha de cinco pontas. Quanto ao príncipe, limitou-se a mostrar-lhe o telegrama. D. Augusto pediu permissão para consultar o avô sôbre a atitude a tomar. No dia 18, pela manhã, foi ter com o comandante e exibiu-lhe um telegrama em que os condes d'Eu e o príncipe D. Pedro, seu irmão, lhe aconselhavam a pedir licença de seis meses.

Custódio telegrafa ao ministro de sua pasta que D. Augusto resolvera não pedir demissão, mas sim, licença de dois meses. A resposta foi: Príncipe peça demissão serviço, concedo licença. Wandenkolk". Após exibir a resposta ao interessado, o comandante Melo mandou ajustar-lhe as contas e desembarcá-lo a fim de entrar no gôzo da licença concedida, lançando-se em sua caderneta a nota relativa à decisão ministerial, uma vez que S. A. permanecia firme em seu propósito de não demitir-se. Permaneceu D. Augusto a bordo, a fim de retardar o mais possível o doloroso momento da separação, até à véspera da saída do "Almirante Barroso" de Colombo.

Custódio de Melo declara não atinar com os motivos que poderiam haver agido sôbre o almirante Wandenkolk no sentido de fazê-lo ter para com

(Cont. na pág. 52)



TRANSCORREU num ambiente de grande animação e cordialidade o baile comemorativo do 3º aniversário da A.D. R. BAYER, a novel associação desportiva e recreativa dos funcionários da Casa Bayer. A festa culminou com a coroação da Rainha da Associação para 1951, na pessoa da graciosa senhorita Marlene Martinho Moraes. A foto é um flagrante da linda festa.



QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

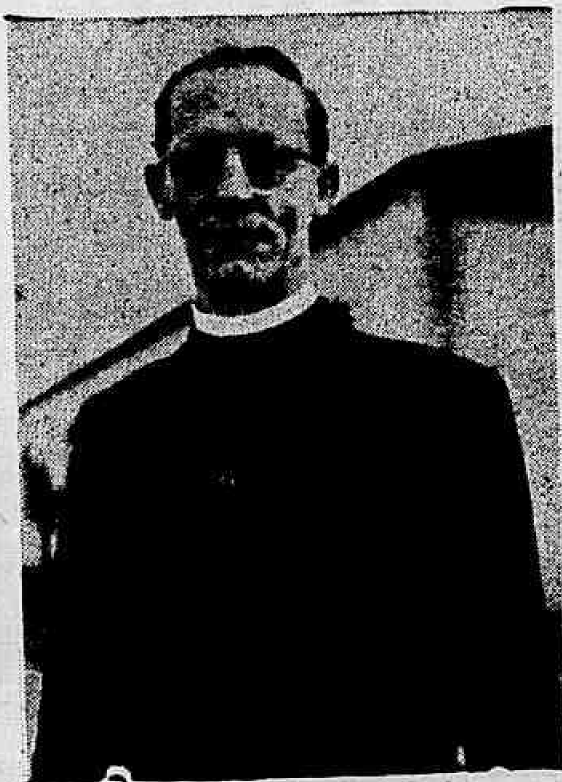


A entrada dêste estabelecimento denominado «Burgerbrau Keller», onde o nazismo fêz seus maiores ensaios de tortura e perseguição aos que não o suportavam, é hoje um lugar de alegrias noturnas, frequentado pelos norte-americanos que o procuram para umas noites alegres.

A MORTE MOROU AQUI

DE CAMPO DE CONCENTRAÇÃO NAZISTA A LOCAL DE DIVERSÕES

De JACK L. SMITH



O padre dominicano Leonardo Roth, uma testemunha de Dachau, que muito sabe e pouco fala.

O nome de Dachau faz arrepiar os cabelos a um morto. E' um nome condenado pela consciência universal. Os monstros do racismo nazista em muitos dos vários campos de concentração da Alemanha, cometeram as mais incriveis atrocidades, empregaram processos que a consciência humana não pode conceber tenham sido homens civilizados os autores de tanta crueldade.

Vencida a guerra pelos aliados, dezenas dos principais cabeças dessas torturas foram para a fôrca, enquanto outros criminosos de guerra recorreram ao suicidio a fim de escapar à punição que lhes aplicou o tribunal aliado em Nuremberg.

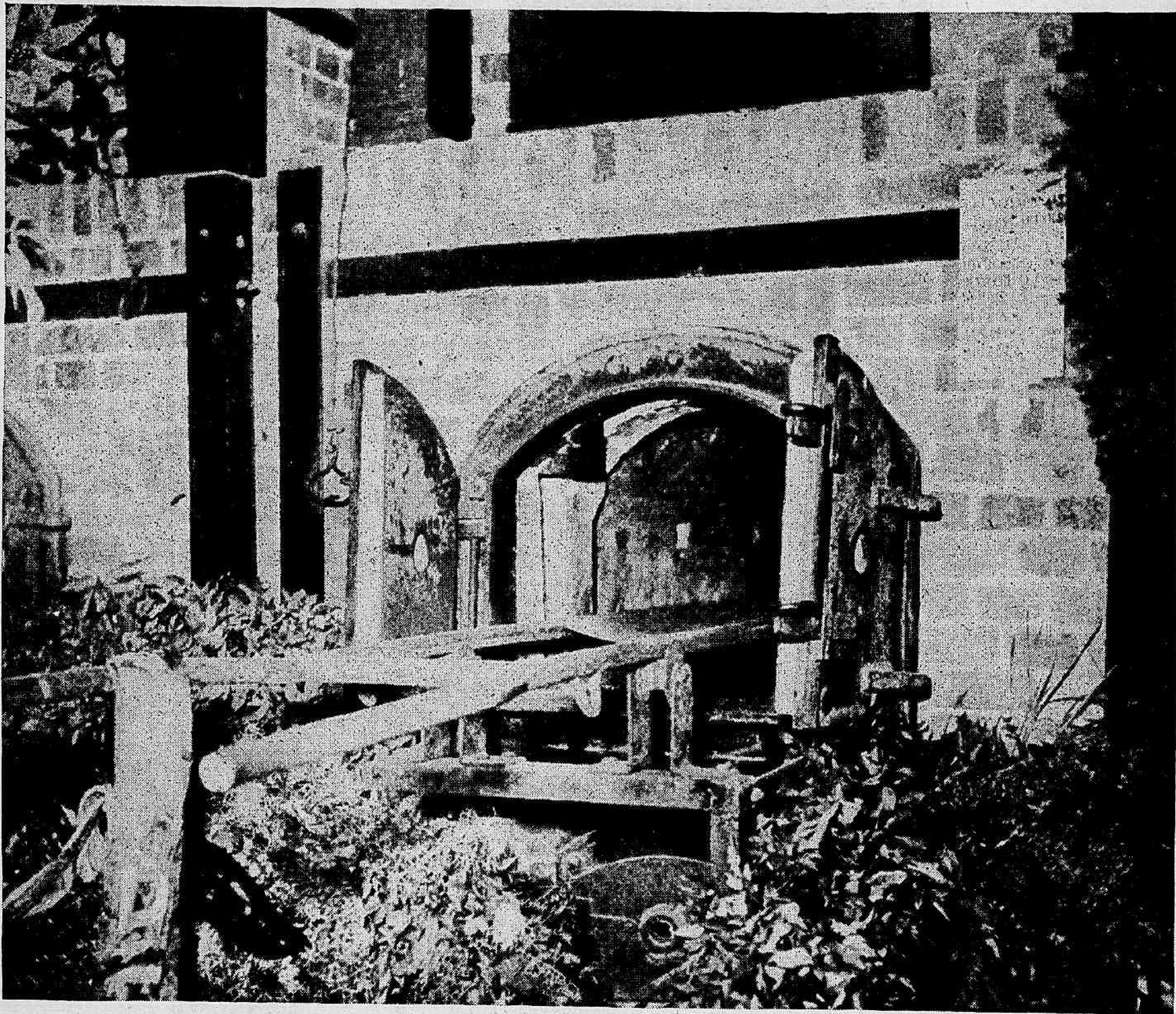
O coronel Hoess, que foi comandante alemão em Auschwitz, era acusado de haver destruido nos fornos de cremação de vivos e nas maiores torturas de que lançavam mão os bárbaros do Terceiro Reich, nada menos de 3.350.000 pessoas. Quem não era pelo nazismo passava imediatamente a residir em campos de concentração.

O hitlerismo se cevava no sangue e nas vidas de milhões de judeus, de estrangeiros e alemães que não estavam de acôrdo com a politica de Hitler. Ou se erguia o braço na saudação salvadora "Heil Hitler!", ou se ia para a morte em Dachau e noutros lugares.

Que se fazia com tantos corpos de vitimas imoladas pelo nazismo assassino? Na sua maioria eram desmanchados em barras de sabão... Quando os aliados venceram a guerra e deitaram a mão nos principais culpados dêsse fantástico genocidio, as valas foram abertas e o mais dantesco espetáculo se lhes deparou aos olhos atônitos: milhares de corpos, uns já convertidos em esqueletos; ou-



O monstro Hoess comandante da SS de Hitler e responsável pela morte de 3.350.000 pessoas.



Uma visão macabra do que eram os fornos crematórios do nazismo desde que Hitler subiu ao poder em 1933. Centenas de milhares de pessoas entraram por estas portas, muitas vêzes ainda vivas. Os corpos transformados em cinza, adubo ou sabão, constituíam um meio de renda e propaganda do nazismo.

tros ainda por serem devorados pela terra; mais alguns milhares recentemente sepultados aos montões, como animais vítimas de epidemias ou catástrofes.

Deram sepultura condigna aos que foram encontrados em condições para êsse serviço cristão; os parentes foram chamados para identificar seus entes queridos, e as cenas que se seguiram foram as mais dolorosas dêste mundo. Havia milhões já condenados à morte pelas câmaras de gás e por inanição.

Crianças, mulheres e velhos mais pareciam esqueletos ambulantes do que gente de carne e osso. Já nem mais podiam manter-se em pé. Os olhos no fundo das órbitas tinham o brilho estranho de quem já pede que lhes seja feita esta misericórdia: matem! Para que viver mais? Todos teriam mesmo que morrer; entretanto, os seus algozes não ouviriam as súplicas para a morte. O castigo contra os que não aderiram a Hitler estava naquilo mesmo: morrer aos poucos, lentamente, dia a dia perdendo as fôrças, a resistência orgânica até ser levado ainda com uns restos de vida aos fornos de gás ou de cremação para o último ato da selvagem vindita nazista.

Quando foi instalada uma casa de diversões noturnas num dêsses campos de concentração da Alemanha, muitos estrangeiros pensaram que os filhos do país, especialmente os habitantes do lugar, não comparecessem a nenhuma das sessões de espetáculos. Com grande surprêsa, porém, não houve nenhuma estranheza por parte dos nacionais em tal inovação.

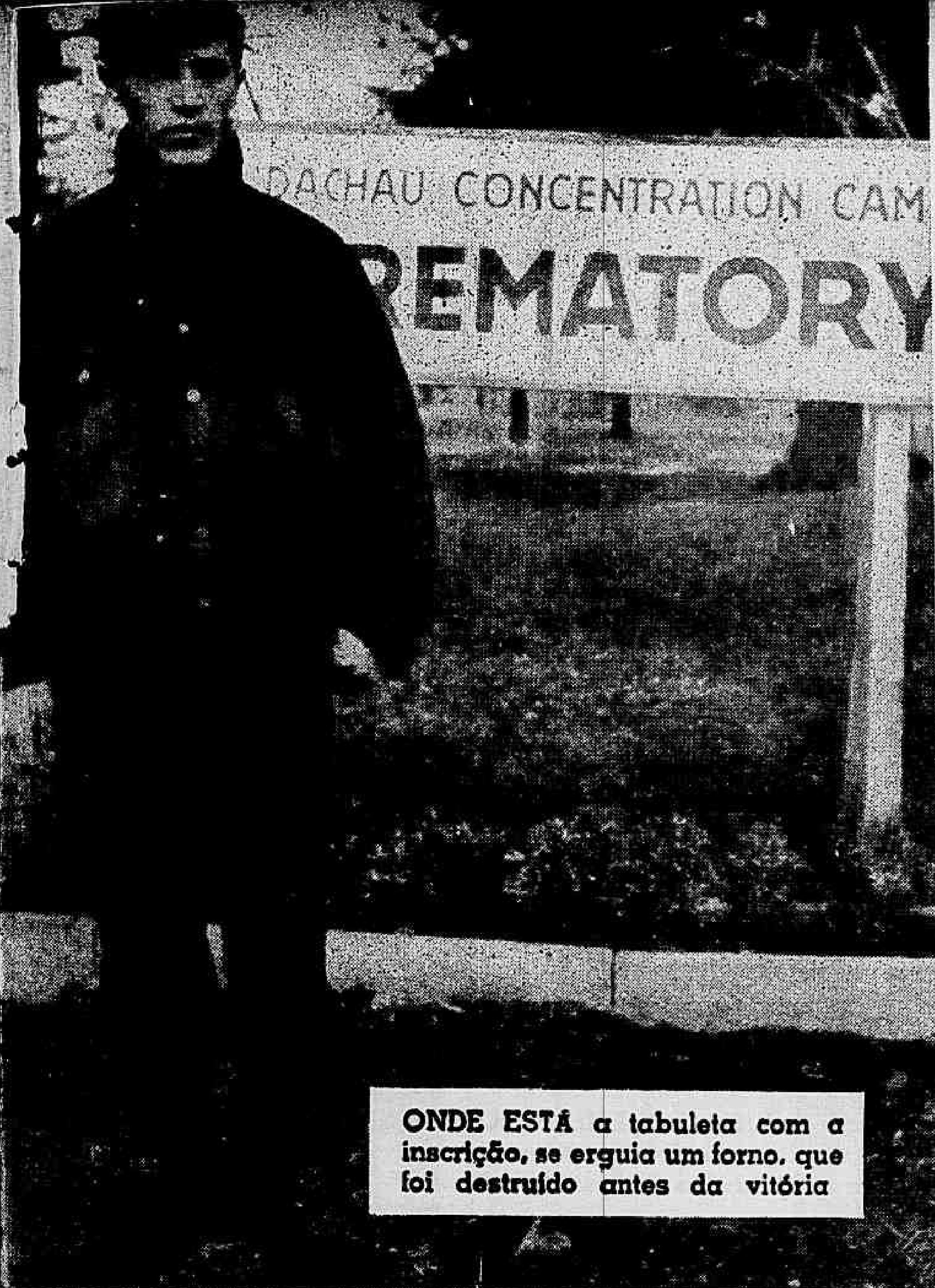
Buscando as razões dessa atitude moral entre os alemães, repórteres de imprensa chegaram à conclusão de que, na terra de Hitler quase ninguém sabia da existência dêsses campos de concentração! Aí reside, exatamente, o motivo por que os alemães não sentiram nenhuma emoção quando souberam da inauguração dêsse estabelecimento para divertimentos noturnos, justamente sôbre um local em que morreram milhões de indivíduos, vítimas das barbaridades do Terceiro Reich.

Sòmente depois da guerra foi que a grande maioria de alemães residentes dentro do país ficou sabendo o que era o govêrno de Hitler, seus processos e maneira de agir na sociedade humana. Os grandes criminosos do nazismo só eram conhecidos como os mais perfeitos homens dêste mundo, os maiores políticos, os maiores estadistas. Era assim a proganda do nazismo.

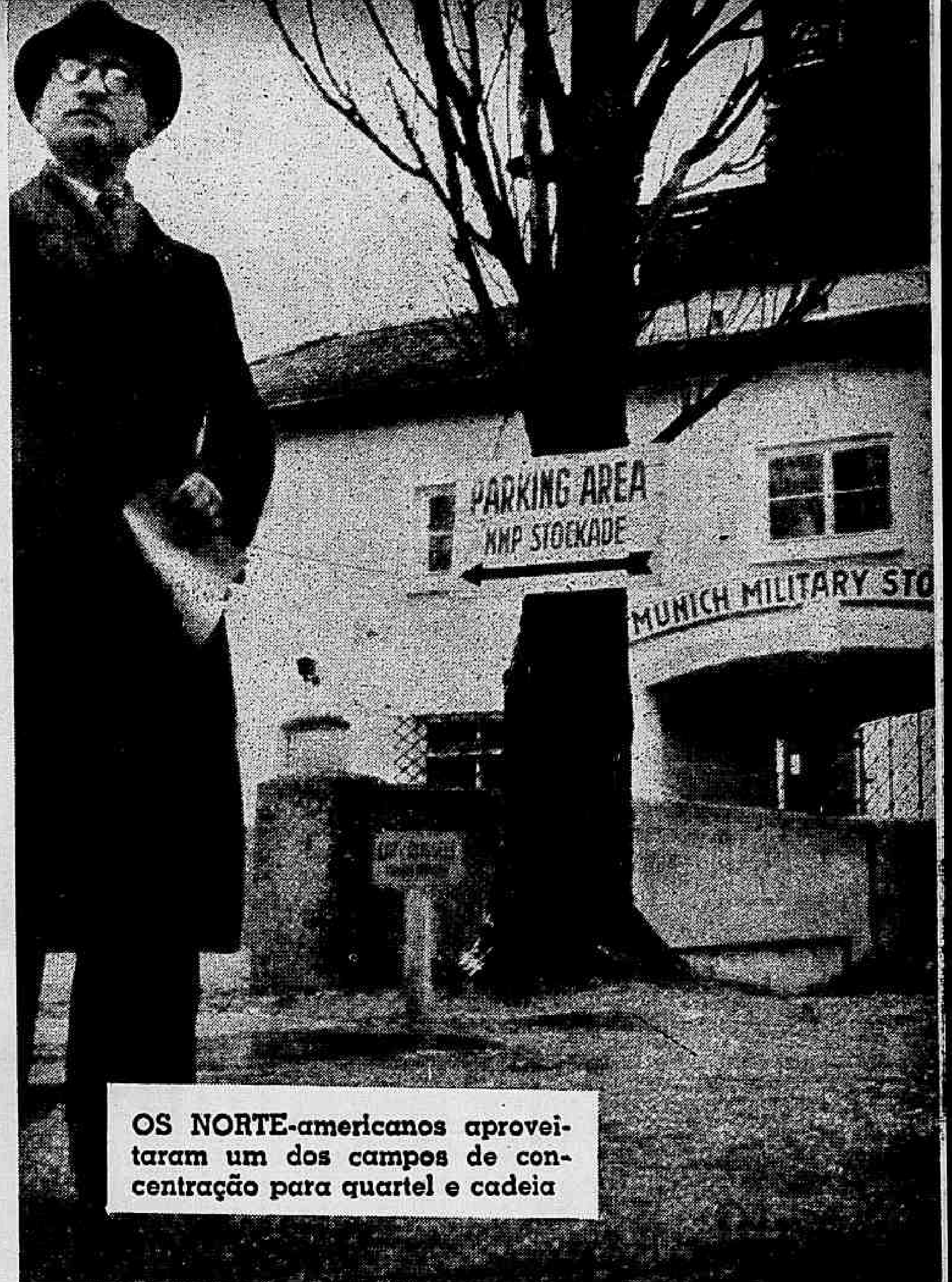
Desde o berço ao túmulo, os alemães de tôdas as classes e de tôdas as idades, só ouviam elogiar Hitler e os seus apaniguados, formando-se dentro do país uma atitude mental de poderio invencível da Alemanha perante o mundo e das excelências de seus processos políticos em face das outras nações.

A Escola Nazista educava para a morte, para o ódio e para o domínio do mundo inteiro. O "passo de ganso" dos seus soldados; a literatura que saía dos prelos; os programas de rádio; o ensino nas escolas superiores; o cinema, o teatro, a imprensa, tudo era bitolado num sentido: o de tomar conta do mundo e submeter todos os povos da Terra ao regime de Berlim com Hitler à frente.

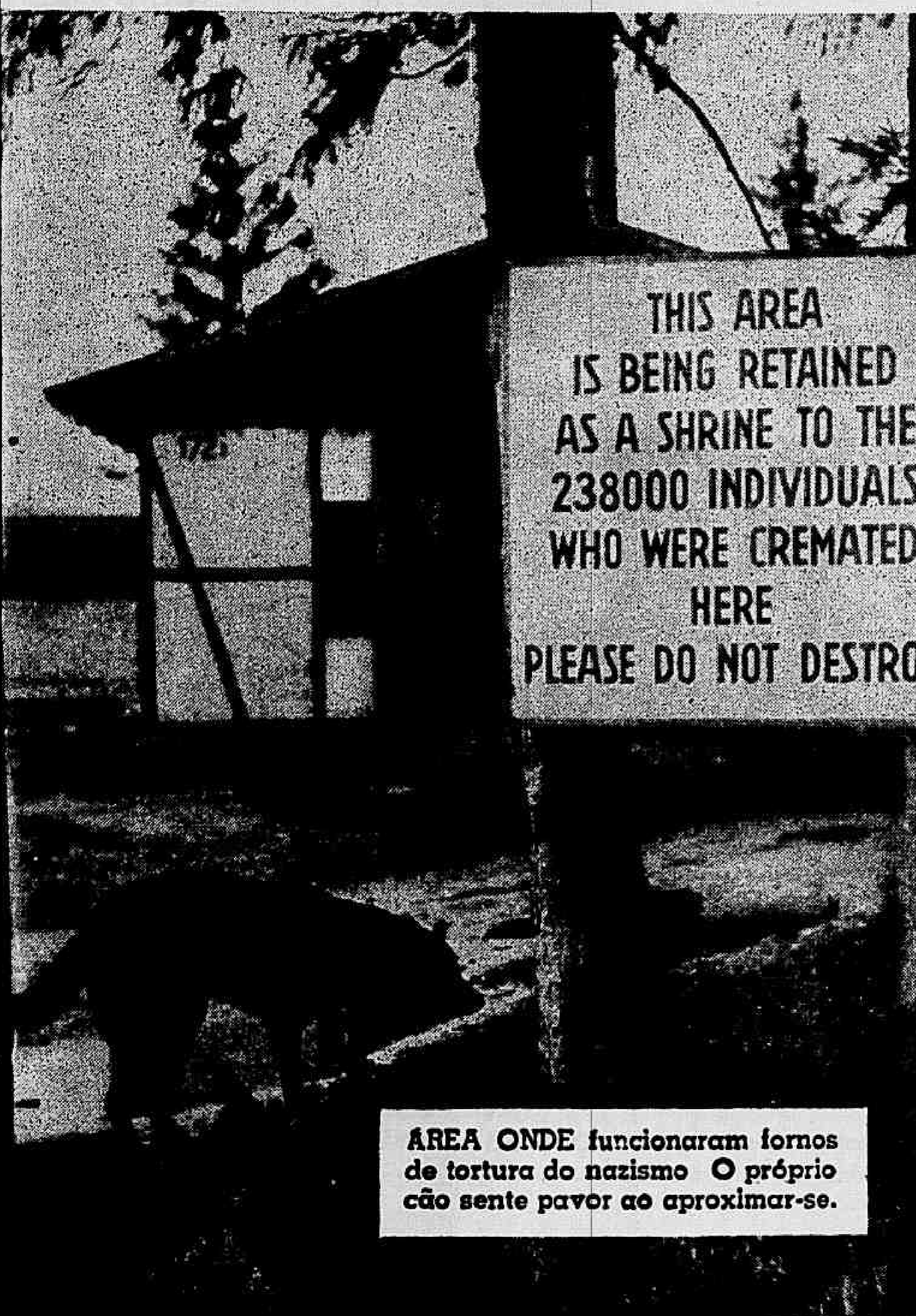
Mas, depois de várias encenações e atrevimentos na invasão e sujeição de povos livres, a Alemanha deflagrou a guerra de 1939, que terminou em 1945 com o esmagamento completo do famoso Terceiro Reich, que iria durar mil anos. Hitler morreu sob os escombros da chancelaria, enquanto outros de seu Estado-Maior civil e militar eram presos, processados e condenados à morte por enforcamento. Os campos de concentração foram libertados pelos aliados e hoje, um dêles, se converteu em clube noturno.



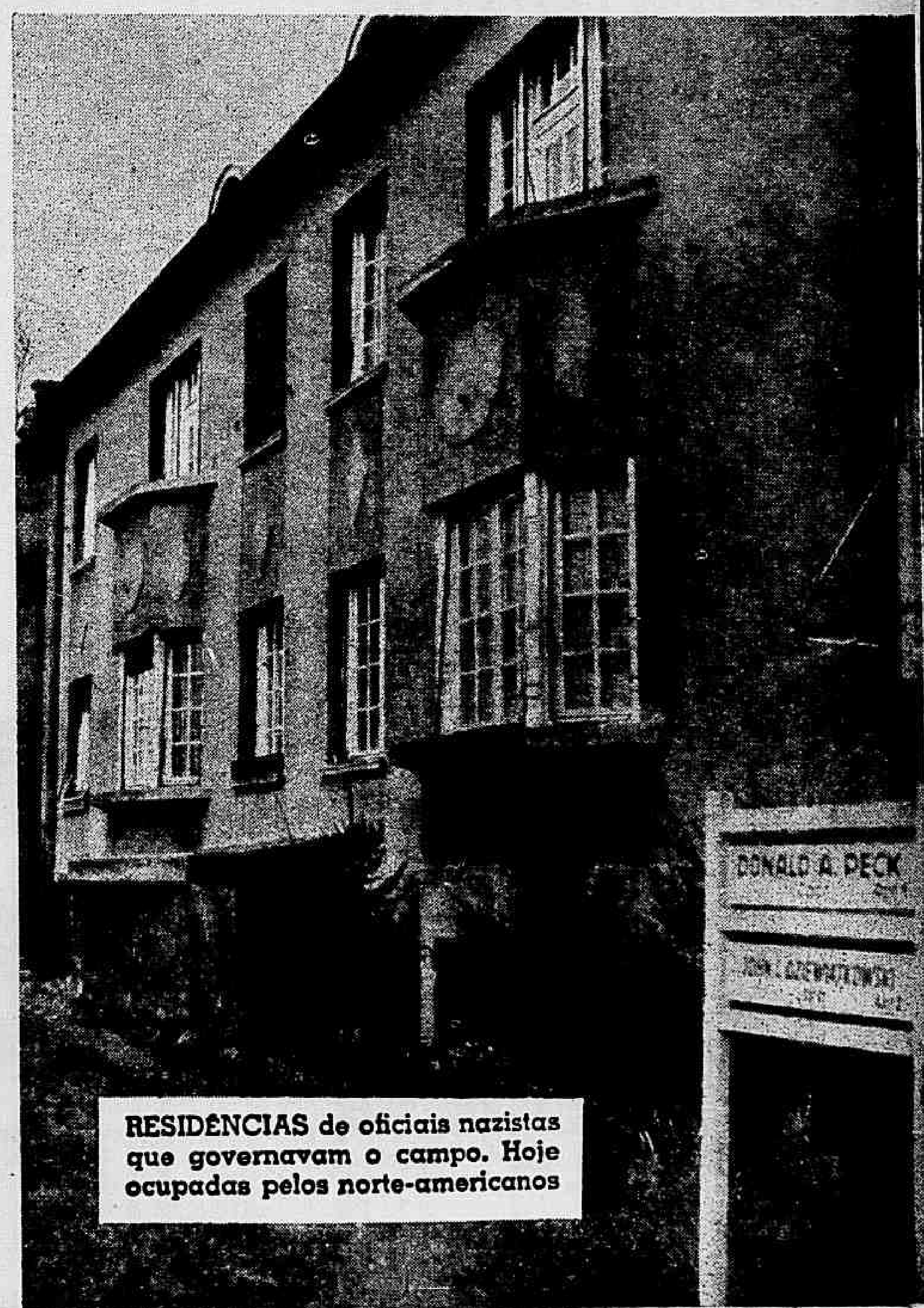
ONDE ESTÁ a tabuleta com a inscrição, se erguia um forno, que foi destruído antes da vitória



OS NORTE-americanos aproveitaram um dos campos de concentração para quartel e cadeia



AREA ONDE funcionaram fornos de tortura do nazismo O próprio cão sente pavor ao aproximar-se.



RESIDÊNCIAS de oficiais nazistas que governavam o campo. Hoje ocupadas pelos norte-americanos

Os que voltam



TUDO volta e a Vida é um constante retôrno. Como as ondas, vamos e voltamos e nem sequer deixamos rasto nas areias. Há os que vão e jamais voltam. E elvam consigo um halo de glórias ou de infâmias, de seus atos, de seus pensamentos ou simplesmente atirado às ondas pelas criaturas que ficam, num gesto de adeus. Voltam alguns das lutas cotidianas e cada dia é uma luta, vã, mas corajosa, e quando partem afundam na escuridão e sôbre a areia nem sequer fica um resto de seus passos inquietos de lutador.

Há os que voltam, todos os dias, das tentações e trazem um sorriso tão limpo, tão suave, parecendo que nunca foram tentados, tal é o brilho e a mansa luz de seu olhar.

Alguns vêm com as costas pesadas de desilusões. Outros carregam uma tremenda carga de amarguras e sacrifícios e se arrastam penosamente. E é estranho ver a rapidez com que seus passos fundos se apagam nas areias.

Há os que marcham no retôrno, marcialmente; os que se arrastam, trôpegos, humildes, escorraçados; e os que dançam uma valsa qualquer tocada num alto-falante. E, de todos, as marcas se apagam e nada fica, porque as ondas, indo e vindo, roubam à areia todo e qualquer rasto.

Tudo é um retôrno. Das idas e vindas, não fica, sequer, um rasto marcando a luta de um homem, a angústia de uma mulher, a miséria das multidões.

A onda e o vento apagam sulcos fundos nas areias, como se fôssem mãos ansiosas escondendo a mancha de sangue que fica após o crime.

Há os que voltam sorrindo. E há os que choram no retôrno. Há os que foram, atirando-se a uma voragem, na ambição doida de se transformarem em ouro e trouxeram, na volta, o dinheiro que ficou depois empilhado sôbre as dunas e, sem nome, sem dono, sem nada que atestasse a passagem de seu conquistador na estrada móvel das areias.

Há os que estendem os braços ao mundo e clamam, vibrando de vitórias alcançadas: — Eu venci! — mas o eco mal responde e depois morre, e na claridade do céu nada fica que ateste aquêle grito e, nas areias, marca nenhuma que ateste aquela vitória fabulosa do homem que venceu pela ambição tremenda.

Dos que partem para a Vida e depois voltam, trazendo alguma coisa para deixar sôbre as areias, fica muito pouco para lembrança; pensando bem, resta um quase nada para que os vindouros recordem com temor ou inveja. Porque as areias inquietas apagam tudo e o céu liso não guarda nomes, nem gritos vitoriosos, nem desafio dos fátuos, nem gemidos de invejosos.

Daqueles que voltam fica, e por muito tempo — e nem as ondas se atrevem a apagar e nem a areia se anima a desfazer — o rasto dos que realizaram realmente em seu trajeto.

Êstes voltam trazendo, não o pêso das desventuras que sofreram, mas a luz de tudo aquilo que conquistaram sofrendo. E a luz que fica no céu calmo, nada apaga.

Aquêles voltam com um olhar de piedade e olham a massa sedenta de vingança ou de dinheiro e dizem, devagar, numa terna despedida: — Meus irmãos...

Uns voltam de mãos vazias porque no trajeto deram tudo o que levaram. E ainda despem o manto sôbre as areias e ali o deixam antes de partir para sempre, pensando: — Talvez alguém venha a precisá-lo.

Outros lutam, sofrem, estudam, conquistam algo que é maior do que tudo e, no retôrno, trazem suas conquistas de Sabedoria e depositam sôbre as dunas, numa oferta modesta aos que estão por vir.

Há os que amam a Humanidade. Há os que dão a verdadeira esmola de Cristo. Há os angustiados que se lançam sôbre a areia, chorando, pedindo: — Senhor! Leva-me. Ou cega-me agora! Porque meu coração é pequeno demais para conter tanta compaixão e meu irmão não compreende o meu amor. Os homens se odeiam e a multidão assiste, à roda, os ódios recíprocos e aplaude frenética, ressequida, sedenta de sangue.

Há os que voltam, humildemente, envoltos em farrapos, e olham em tôrno temendo espectadores. Depois, entre a solidão das ondas e da areia, deixam, rápidos, o seu coração para os vindouros e fogem para o Desconhecido, deixando uma humilde, triste, tristíssima herança de Amor. Para êsses a areia se imobiliza, guardando, intactos seus passos e o céu guarda a limpidez de suas vozes e a onda afaga de leve a sombra que ficou.

★

Há os que vão e não voltam. Sucumbem no caminho.

Há os que voltam. E antes nunca houvessem voltado, tantas as infâmias e maldades semeadas.

Há os que voltam fugidos — covardes desertores de amarga memória — e há os que voltam e somem, anônimos, na escuridão da onda.

Ah! Como seria bom não retornar! Afundar na onda, anônimo e sòzinho. E não deixar marcas. E não deixar gritos vibrando por rápidos instantes! Porque é melhor afundar anônimo entre as ondas inquietas do que voltar, tristemente coroado com a voz da multidão clamando:

— Covarde! Covarde!

THEREZA DE ALMEIDA

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ 21-7-51 ★ N.º 29

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição, 58, 1.º andar, sala 102, tel. 38-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-8570; Fotografia: 22-1013 — Portaria: 22-5692. Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550;

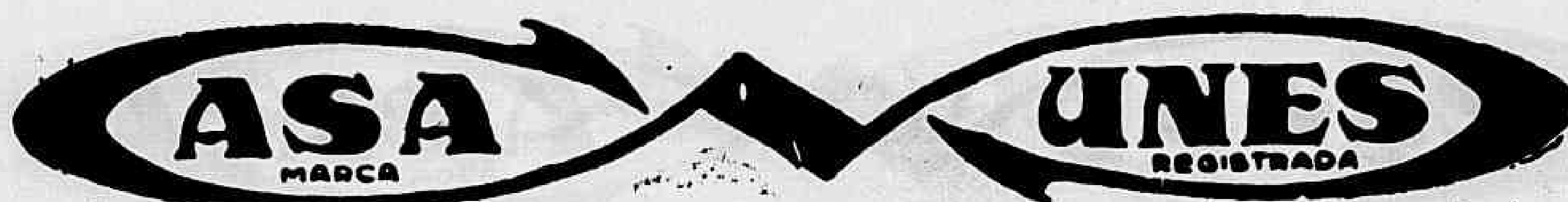
MÓVEIS E DECORAÇÕES



Projetos executados por técnicos-decoradores

Grande sortimento de
Tapetes e Passadeiras
de tôdas as cores e dimensões

Grupos estofados
— uma especialidade de nossas oficinas



Quem preza a escultura clássica aprecia Hollywood





O talento do bom conhecedor vai do mais complexo ao mais simples... Quem admira os expoentes da estatuária clássica, um Moisés ou um David de Michelangelo também sabe apreciar um bom cigarro, como Hollywood, o cigarro das pessoas de bom gosto. Tabacos finíssimos, numa composição de felicidade única, fizeram de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira, o cigarro eleito por você!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ

H-88.067